



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS**  
**Campus Anápolis de Ciências Sócio-Econômicas e Humanas**  
**Programa de Pós-Graduação Ciências Sociais e Humanidades**  
**“Territórios e Expressões Culturais no Cerrado”**

ALINE SANTANA LÔBO

**SONS E MOVIMENTOS: SENTIDOS DO SAGRADO NA MUSICALIDADE DA**  
**FOLIA DE SANTOS REIS DE PIRENÓPOLIS, GOIÁS**

**ANÁPOLIS**  
**2017**

*Ruiz*  
2017

ALINE SANTANA LÔBO

**SONS E MOVIMENTOS: Sentidos do sagrado na musicalidade da Folia de Santos Reis de Pirenópolis, Goiás**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação TECCER, da Universidade Estadual de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais e Humanidades Territórios e Expressões Culturais no Cerrado, na área interdisciplinar, linha de pesquisa: Saberes e Expressões Culturais do Cerrado.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Idelma Vieira D'Abadia

Coorientadora: Profa. Dra. Mary Anne Vieira Silva

Anápolis  
2017

Ficha catalográfica

L799s Lôbo, Aline Santana.  
Sons e movimentos[manuscrito] : sentidos do sagrado na musicalidade da Folia de Santos Reis de Pirenópolis, Goiás/ Aline Santana Lôbo. - 2017.  
145f. : il.

Orientadora: Maria Idelma Vieira D'Abadia.  
Coorientadora: Mary Anne Vieira Silva.  
Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado). Universidade Estadual de Goiás, Campus de Ciências Socioeconômicas e Humanas, Anápolis, 2017.

Inclui bibliografia.

1. Cultura popular. 2. Festas religiosas - Goiás (Estado). 3. Folia de Santos Reis - Musicalidade - Pirenópolis (GO). 4. Dissertações - TECCER - UEG. I. D'Abadia, Maria Idelma Vieira. II. Silva, Mary Anne Vieira. III. Título.  
CDU398.33(817.3)(043.2)

Elaborada por Aparecida Marta de Jesus Fernandes  
Bibliotecária/UEG/Anápolis - CCSEH  
CRB1/2385

ALINE SANTANA LÔBO

**SONS E MOVIMENTOS: Sentidos do sagrado na musicalidade da Folia de Santos Reis  
de Pirenópolis, Goiás**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação TECCER, da Universidade Estadual de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais e Humanidades Territórios e Expressões Culturais no Cerrado, na área interdisciplinar, linha de pesquisa: Saberes e Expressões Culturais do Cerrado.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Idelma Vieira D'Abadia

Coorientadora: Profa. Dra. Mary Anne Vieira Silva

Profa. Dra. Maria Idelma Viera D'Abadia  
Presidente da Banca/ UEG-TECCER

Prof. Dr. Prof. Dr. Marcos Alberto Torres  
Membro Externo/UFPR

Prof. Dr. Ademir Luiz da Silva  
Membro Interno/ UEG-TECCER

Prof. Dr. João Guilherme da Trindade Curado  
Suplente/Seduce

Anápolis, 24 de maio de 2017

Aos Reis Magos  
Baltazar, Belquior e Gaspar  
Que encontraram a Divina Luz!  
Para Walter Neto, Laís, Elisa e Heloisa!

## AGRADECIMENTOS

Bendito de Agradecimento

Lá do céu desceu três anjos com seu livrinho na mão  
Lá do céu desceu três anjos com seu livrinho na mão  
Eu agradeço os três Reis Santos e também a invocação  
Eu agradeço os três Reis Santos e também a invocação

Bendito louvado seja que me deu inspiração  
Bendito louvado seja que me deu inspiração  
Os três Reis eu agradeço sua música de oração  
Os três Reis eu agradeço sua música de oração

Deus vos pague esse trabalho que me deu satisfação  
Deus vos pague esse trabalho que me deu satisfação  
Eu agradeço aos professores e também a educação  
Eu agradeço aos professores e também a educação

A mesma estrela me guiou bençoada foi a hora  
A mesma estrela me guiou bençoada foi a hora  
Eu agradeço minha família do começo até agora  
Eu agradeço minha família do começo até agora

Ofereço esse bendito a todos que me deu a mão  
Ofereço esse bendito a todos que me deu a mão  
Venho dizer viva, viva, viva todos folião  
Venho dizer viva, viva, viva todos folião

Meu mundo encheu de luz nos versos dessa folia  
Meu mundo encheu de luz nos versos dessa folia  
E assim nasceu o “menino” com o amparo de “Maria”  
E assim nasceu o “menino” com o amparo de “Maria”

Viva todos que me deram viva!

Agradeço ainda a Universidade Estadual de Goiás pela Bolsa Stricto Sensu – Nível Mestrado

Quando vem cantar folia  
Vai pintando uma aquarela  
Êh, minha folia  
Minha estrela do oriente  
Luz da estrada vem e guia  
O destino dessa gente  
(Boca Livre)

## RESUMO

A Folia de Santos Reis da cidade de Pirenópolis acontece todos os anos, desde 1986, no período de 26 a 30 de dezembro, e tem como objetivos a devoção aos Reis do Oriente e a arrecadação de donativos para o Asilo São Vicente de Paula, localizado no centro da cidade. A opção por esta folia justifica-se pelo fato desta girar na zona urbana e na zona rural e, também, por apresentar aspectos musicais passíveis de observação, por acolher músicos dos municípios vizinhos, agregando, dentro do universo musical da folia, diversos aspectos de tocar e de cantar folia. Em uma abordagem qualitativa, foi possível extrair as compreensões e as explicações dessas experiências humanas, entendidas como modo de ser do mundo de quem participa nas celebrações do festejo. As pesquisas de campo foram alicerçadas pela observação participativa. A pesquisa bibliográfica priorizou a inferência de teóricos que discutem as categorias, paisagem sonora, folia, ritual e música. O estudo da Folia de Santos Reis na cidade de Pirenópolis, abordado nesta pesquisa, tem como enfoque a musicalidade presente nos rituais e, para tanto, buscou-se interpretar os sentidos e os significados das músicas executadas pelos foliões, durante o percurso do ritual festivo. A folia, no seu movimento itinerante, contempla saída, giro, pouso e chegada. Possui paisagens diversas que servem de inspiração e são harmonizadas pelos versos entoados, formando a paisagem sonora do espaço festivo. Os rituais constroem o ritmo do festejo, marcam as etapas que precisam ser cumpridas e dão sentido a quem participa. E, por fim, as melodias entoadas revelam a passagem para o estado de devoção onde as promessas são cumpridas e as dádivas agradecidas. Essa dissertação está vinculada à pesquisa “Artes e Saberes nas Manifestações Católicas Populares”, da Universidade Estadual de Goiás, que contou com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás — FAPEG, conforme Chamada Pública nº 005/2012, que delimitou o campo de estudo as Falias de Santos Reis e os Terços Cantados, nos municípios de Anápolis e Pirenópolis.

**Palavras-chave:** Folia de Santos Reis, Paisagem, Ritual, Musicalidade

## ABSTRACT

The Three Magic Kings' Folia from Pirenópolis city takes place every year since 1986, from 26th to December 30<sup>th</sup> and aims to worship the Three Magic Kings of the East and to collect donations to Saint Vincent Nursing Home, located on the downtown area of the city. The choosing of this Folia is justified by the fact of its celebration runs throughout both urban and rural zone, as well as it presents musical aspects to observation, for the selection of musicians from the nearby municipalities, congregating inside the Folia musical universe many different ways of playing and singing the Folia. The development of this search, started up from the proposal of revealing the senses of musicality in the celebrations to the Three Magic Kings. From a qualitative approach it was possible to extract the many different human experiences' comprehensions and the explanations understood as the way of being in the world from those who participate in the Festival. The field researches were based on participative observation. The bibliographic search prioritized the inference of theorists who discusses the categories of sound landscape, Folia, ritual and music. The study of the Three Magic Kings' Folia from Pirenópolis city approached by this search focus on the musicality present in the rituals and, for this, it was aimed to understand the senses and the meanings of the songs performed by the Foliões during the festive ritual course. The Folia in its itinerant movement is composed by the leaving, the Giro, the night out and the arriving; possesses many different landscapes which works as inspiration and are the harmonized by the lyrics sang forming the sound landscape from the festive space. The rituals build the rhythm of the festival, mark the steps in need to be executed and make sense for those who participate. And finally, the melodies intoned reveal the passing to the devotion state where the promises are accomplished and the godsend thanked. The presenting research is linked to the project: "Arts and Knowledge in Popular Catholic Manifestations" from the Goiás State University, supported by the Goiás State for Research Support Foundation – Fapeg, according to the public notice number 005/2012 which determined the Three Magic Kings' Foliás and the sung rosaries on the municipalities of Anápolis and Pirenópolis as subjects of studying.

**Keywords:** Three Magic Kings' Folia, Landscape, Ritual, Musicality

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Ilustração 1</b>	Desenho Gráfico: Folia de Santos Reis.....	13
<b>Ilustração 2</b>	Mapa da Localização de Pirenópolis, Goiás.....	23
<b>Ilustração 3</b>	Mapa da Urbanização de Pirenópolis.....	26
<b>Ilustração 4</b>	Fotografia da Folia de Santos Reis em Pirenópolis.....	28
<b>Ilustração 5</b>	Fotografia da Folia Reis na Rua do Carmo – Pirenópolis.....	33
<b>Ilustração 6</b>	Calendário de Folias de Pirenópolis – 2016.....	46
<b>Ilustração 7</b>	Mapa do percurso da Folia de Santos Reis de Pirenópolis em 2015	47
<b>Ilustração 8</b>	Mapa do percurso da Folia de Santos Reis de Pirenópolis em 2016	48
<b>Ilustração 9</b>	Folia na casa do morador dez/2013.....	50
<b>Ilustração 10</b>	Folia no bar dez/2015.....	50
<b>Ilustração 11</b>	Fotografia da Indumentária dos foliões.....	51
<b>Ilustração 12</b>	Fotografia dos Foliões, com destaque para o palhaço.....	52
<b>Ilustração 13</b>	Fotografia da representação dos Reis Magos.....	57
<b>Ilustração 14</b>	Alojamento dos foliões na casa do Alferes Mário.....	64
<b>Ilustração 15</b>	Altar do levantamento da bandeira.....	67
<b>Ilustração 16</b>	Almoço da Folia.....	72
<b>Ilustração 17</b>	Benção dos alimentos.....	74
<b>Ilustração 18</b>	As bandeiras da Folia de Santos Reis .....	76
<b>Ilustração 19</b>	Devoção à bandeira.....	77
<b>Ilustração 20</b>	Início do giro da Folia.....	78
<b>Ilustração 21</b>	Palhaço como guardião no giro.....	80
<b>Ilustração 22</b>	Giro da Folia.....	80

<b>Ilustração 23</b>	Ritual do giro em um bar turístico.....	82
<b>Ilustração 24</b>	Giro: foliões na ponte.....	82
<b>Ilustração 25</b>	O giro pelas ruas de Pirenópolis.....	85
<b>Ilustração 26</b>	Chegada no pouso de Folia, performance diante do arco.....	86
<b>Ilustração 27</b>	O pouso de Folia.....	89
<b>Ilustração 28</b>	Partitura do Hino da Folia.....	99
<b>Ilustração 29</b>	Canto diante do altar que tem presépio.....	107
<b>Ilustração 30</b>	Caixeiro da Folia.....	113
<b>Ilustração 31</b>	Foliões tocando Viola.....	116
<b>Ilustração 32</b>	Afinação dos instrumentos musicais.....	117
<b>Ilustração 33</b>	Instrumento musical de Folia no passado.....	119
<b>Ilustração 34</b>	Guia e Ajudante cantando os versos da Folia.....	123
<b>Ilustração 35</b>	Partitura – Embaixada da Folia de Reis.....	129
<b>Ilustração 36</b>	Pedido de esmola para o mendigo.....	130

## LISTA DE TABELA

<b>Tabela 1</b>	Evolução da População nos Censos Demográficos, no Brasil, na Região Centro-Oeste, as Unidades da Federação e a situação do domicílio - 1960/2010.....	22
<b>Tabela 2</b>	População residente e a situação do domicílio de Pirenópolis – GO.....	24

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	13
1	<b>HARMONIA: PAISAGEM, FESTA E FOLIA.....</b>	20
1.1	PAISAGEM: INSPIRAÇÃO E COMPOSIÇÃO.....	21
1.1.1	<b>Folia Urbana.....</b>	26
1.1.2	<b>Arranjos Sonoros na Paisagem Cultural.....</b>	28
1.1.3	<b>Paisagem Festiva Pirenopolina.....</b>	32
1.2	A FESTA E SUAS SONORIDADES.....	35
1.2.1	<b>Festas Populares em Pirenópolis.....</b>	39
1.3	FOLIA: FESTA MUSICAL.....	42
1.3.1	<b>As Folias: Giros pelo Município de Pirenópolis.....</b>	44
1.3.2	<b>Folia de Reis da Cidade.....</b>	47
2	<b>RITMO: SONS E RITUAIS DA FOLIA DE SANTOS REIS.....</b>	53
2.1	OS TEMPOS DO RITUAL DA FOLIA.....	53
2.2	CADÊNCIA RÍTMICA DA FOLIA DE SANTOS REIS.....	61
2.2.1	<b>Arvorada da Bandeira de Santos Reis.....</b>	64
2.2.2	<b>Andamento das Bandeiras da Folia: Segue o Giro pelas Ruas da Cidade.....</b>	76
2.2.3	<b>Pouso de Folia: Entre sons e silêncios descansam as Bandeiras.....</b>	85
2.2.4	<b>A Entrega da Folia entre os Reis e São Vicente: os tempos se Renovam.....</b>	91
3	<b>OS SENTIDOS DO SAGRADO NAS MELODIAS DA FOLIA DE SANTOS REIS EM PIRENÓPOLIS.....</b>	97
3.1	NOTAS DAS NARRATIVAS HISTÓRICAS PRESENTES NAS MELODIAS DA FOLIA .....	97

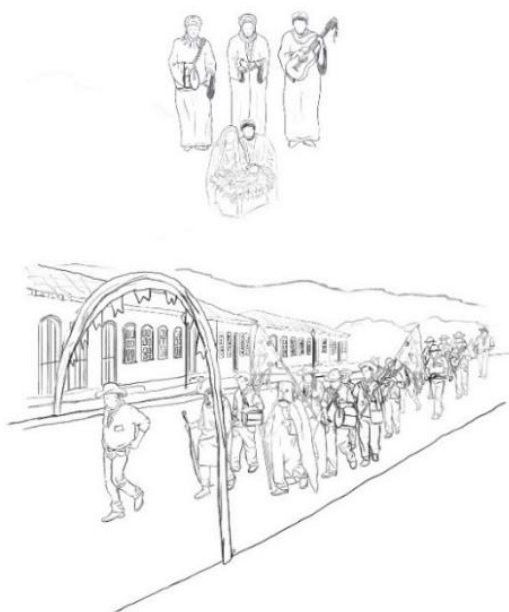
3.2	A LINGUAGEM SAGRADA: ASSIM CANTA OS FOLIÕES.....	105
3.2.1	<b>Sentidos das Melodias Sagradas na Folia.....</b>	108
3.3	3.3 AS FONTES SONORAS DA FOLIA.....	111
3.3.1	<b>Percussão.....</b>	112
3.3.2	<b>As cordas musicais.....</b>	115
3.3.3	<b>Sopros.....</b>	120
3.4	AS VOZES DOS CANTADORES DA FOLIA.....	122
3.4.1	<b>Improvisos.....</b>	125
3.4.2	<b>Notas e Acordes da trajetória musical da Folia.....</b>	126
	<b>CONCLUSÃO.....</b>	132
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	136
	<b>ANEXOS.....</b>	145

## INTRODUÇÃO

A Folia de Santos Reis, fenômeno cultural do catolicismo popular, serviu de objeto de estudo para analisar as relações harmônicas existentes entre a música e o ambiente festivo. A música é um evento humano que se materializa no espaço. Seu movimento sonoro dá o tom da devoção àqueles que participam dos festejos. Os sons singulares enchem a cultura de canções que, em um fazer simples, agrega à paisagem momentânea e aos conhecimentos transmitidos por gerações, construindo o espaço-tempo da festa.

Objetiva-se discutir como a musicalidade presente em uma manifestação profana secular, como a folia, compõe a paisagem sonora do espaço, distinguindo-se como uma atmosfera musical singular que se perpetua na atualidade. Sua execução enche o repertório da cultura local de canções rimadas, as quais comunicam a história simbólica dos Reis do Oriente que caminharam, guiados por uma estrela, até o local do nascimento do Messias. Simultaneamente, traz a realidade dos foliões que, ao girar um percurso predeterminado, revivem simbolicamente a saga dos três Reis Santos, Melchior, Baltazar e Gaspar. Desse modo, o ritmo dos rituais, embalado numa frequência sonora, possibilita ao devoto despertar para a devoção, ao mesmo tempo em que produz a euforia e a “efervescência”, características desses eventos festivos. Na ilustração 1, exhibe-se a representação dos elementos que compõem a Folia de Santos Reis em estudo.

**Ilustração 1** — Desenho Gráfico: Folia de Santos Reis



A paisagem, o ritual e a música estão profundamente interligados na folia. Pode-se dizer que as músicas dos rituais compõem a paisagem festiva e a identifica. Os elementos da paisagem – imagens, cores, odores contribuem para a imaginação dos foliões músicos, e servem de inspiração para criarem e recriarem os versos comunicados nos rituais da festa, por meio das melodias entoadas. Os sons e os ritmos executados durante o festejo formam a paisagem sonora. A relação entre o ambiente e a música é de total sincronia. Pode-se dizer que, em uma festa de folia, as músicas são imprescindíveis nos momentos festivos, pois dão os comandos dos rituais. Merleau-Ponty (2015), ao tratar da percepção como algo que liga a experiência individual à experiência que os outros têm dos mesmos objetos, como atos de inteligência, faz com que o nós, representativo do eu somado ao outro, estabeleça a comunicação direta na busca da existência ideal.

A musicalidade impregnada na paisagem produz a comunicação entre os partícipes, sendo o fio condutor do conjunto de ações de um grupo de pessoas mobilizadas para um mesmo fim. Assim, esta pesquisa procura realizar uma abordagem investigativa, em escalas múltiplas, a fim de ouvir, desvelar, descrever, interpretar essa prática cultural que circula pela cultura popular. Segundo D'Abadia (2014), a cultura, como expressão de significados das práticas sociais inseridas em um lugar, possibilita os estudos dos diversos tipos de festas e suas múltiplas implicações, sobretudo, no que concerne ao desvendamento da geografia cultural, ampliando fronteiras de conhecimentos de um *locus* específico.

Compreender a função sagrada das músicas das manifestações culturais é uma tarefa complicada, às vezes, árdua, devido às múltiplas formas de representação, pois são mutáveis e refletem os anseios mediatos dos partícipes. Daí a necessidade da análise interdisciplinar, cujos elementos teóricos deram sustentação à complexidade do objeto estudado. A busca nas diversas áreas do conhecimento, como Música, Geografia, História, Ciência da Religião, Sociologia e Antropologia serviram de aportes para compreender a musicalidade presente nos rituais das folias.

Assim, através da elaboração de critérios, fundamentados em um quadro teórico de referência, capaz de dar conta da especificidade e da singularidade dos sons produzidos pela folia que compõe a cultura de um lugar — a cidade de Pirenópolis —, procurou-se responder ao seguinte questionamento: como a musicalidade, presente nos rituais desta Folia de Reis, constrói sentido para seus partícipes? E, para tanto, intentou-se especificamente:

- ❖ Abordar as paisagens sonoras da Folia de Santos Reis em Pirenópolis, estado de Goiás, buscando demarcar sua espacialidade.

- ❖ Tratar da musicalidade da folia e sua historicidade, como instrumento de análise das representações rituais e simbólicas, relacionando as músicas envolvidas com as etapas rituais na Folia de Santos Reis.
- ❖ Relacionar as linguagens das músicas da Folia de Santos Reis, com destaque para os sentidos de suas sonoridades e a produção de suas narrativas, bem como a função dos instrumentos musicais e das vozes que acompanham as melodias, as quais estruturam a existência da folia como integrante da cultura de um povo.

A presente dissertação é um dos resultados do projeto “Artes e Saberes nas Manifestações Católicas Populares”. Estendeu por quatro anos de pesquisa de campo e produção teórica, na tentativa de mapear e descrever as Folias de Santos Reis, as Folias do Divino Espírito Santo e Terços Cantados, em Anápolis e Pirenópolis que são manifestações da cultura popular, transmitidas oralmente, por várias gerações. As pesquisas foram realizadas por meio da Universidade Estadual de Goiás, com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás — FAPEG, conforme Chamada Pública nº 005/2012. As imersões em campo foram realizadas entre 2013 a 2016.

Desde o começo do projeto “Artes e Saberes nas Manifestações Católicas Populares”, os/as pesquisadores/as fizeram-se presentes nos festejos, como observadores participativos. Devido ao amplo recorte do projeto de pesquisa, foi selecionado para essa dissertação uma das Folias de Santos Reis pesquisada no projeto, a Folia de Santos Reis da cidade de Pirenópolis, conhecida comumente como Folia de Reis da Rua - as folias, geralmente, são conhecidas pelo nome da região em que surgiram.

Os procedimentos utilizados na pesquisa partiram da observação densa e da descrição etnográfica da folia, como ferramenta técnica e metodológica, fundamentados nas teias de interpretações e significados propostos por Geertz (1989), atentando para a musicalidade presente nessas manifestações. Ao frequentar, ano após ano, os festejos, possibilitou a seleção, a classificação, a comparação e a análise entre as folias pesquisadas.

As visitas regulares na folia facilitaram os diálogos e as observações junto aos participantes e, de certa forma, o/a pesquisador/a passa a ser um semelhante. Três processos distintos e complementares serviram de suporte - ver, ouvir e registrar compôs um arranjo de possibilidades de estudo das músicas rituais das Folias de Santos Reis, com o objetivo de fornecer subsídios para uma maior compreensão das festas populares, sempre buscando interpretá-las.

A pesquisa na festa popular é um campo complexo, os acontecimentos são simultâneos, daí a importância de ter mais de um pesquisador, a fim de registrar os diferentes

aspectos da festa ao mesmo tempo. A troca de experiências e informações com outros pesquisadores participantes do Projeto “Artes e Saberes” contribuiu para melhor entendimento do objeto de estudo. Um olhar mais apurado foi lançado sobre a Folia de Santos Reis de Pirenópolis, em 2016, último ano da pesquisa de campo, devido aos direcionamentos metodológicos, orientados pelo professor Doutor Carlos Rodrigues Brandão.

Para a coleta de dados, foram utilizadas as técnicas da observação participante e das entrevistas informais (LAKATOS e MARCONI, 1997). Nas conversas, foram buscadas informações acumuladas na memória sobre a sonoridade produzida pelas folias, no passado e na atualidade; as opiniões e posicionamentos sobre as transformações na atuação da folia, e as sensações mais internas e expectativas futuras em relação aos sons e músicas produzidos. A entrevista e a participação, utilizadas como técnicas para coleta de dados, valorizam a presença do/a investigador/a e deram espaço para que o sujeito investigado tivesse liberdade de participar e enriquecer a investigação. Ao mesmo tempo estabeleceu-se uma rede de comunicação que possibilitou a construção do texto final. As falas dos entrevistados aparecem em itálico, destacando a contribuição dos colaboradores que se dispuseram a falar sobre a manifestação em estudo.

Com foco nas músicas entoadas na Folias de Santos Reis, foram utilizados, para o registro, uma câmera filmadora, uma câmera fotográfica, um gravador de áudio, o celular (ora como gravador de áudio, ora como câmera fotográfica e ora como filmadora) e bloco de anotações. Os quatro momentos do ritual saída, giro, pouso e chegada foram cuidadosamente registrados, contemplando as várias músicas que compõem o repertório das narrativas da folia. O enredo da folia obedece a um conjunto de ações de um grupo de pessoas que se mobilizam em função da prática da religiosidade. Para apreender as informações acerca da musicalidade da folia, buscou-se observar o maior número de ações, desde a preparação, execução e finalização do processo da folia como um todo.

Foi preciso construir um roteiro de orientação com metas a cumprir em todos os dias do giro da folia, anotações das curiosidades e da sequência da folia, para tanto, foram imprescindíveis: a gravação e a filmagem das principais músicas dos rituais, dos instrumentos musicais; as entrevistas abertas com os partícipes; as sequências fotográficas do ritual. Algumas entrevistas foram realizadas fora da festa, na casa em que os foliões estavam alojados, na casa do folião ou mesmo no momento de outra festa, como a Folia do Divino Espírito Santo e Folia de Reis do Bairro Santo Antônio, em Anápolis. Nesta folia, em Anápolis, quase todos foliões da Folia de Santos Reis de Pirenópolis estavam presentes.

No espaço festivo, as experiências contidas ao vivenciar os festejos da folia, a relação das letras das músicas com o cenário, as linhas das cantorias, as funções de cada instrumento musical, as narrativas dos versos, os improvisos, os gestos rituais, o aprendizado da música por imersão, o repente nos versos das músicas, as emoções externalizadas, a reunião familiar, a devoção, o agradecimento e a promessa serviram para compor o arcabouço das informações e percepções das coletas *in loco*, ou não, com riqueza de detalhamento.

Foram produzidos, só no ano de 2016, duas mil e oitenta fotografias, duzentas filmagens, dez áudios e setenta e nove registros realizados no celular. Sem mencionar os registros realizados de 2013 a 2015, parte do Projeto Artes e Saberes, que conta com mais de quatrocentos registros entre fotografias e vídeos. O envolvimento com o grupo de foliões se deu em vários momentos do percurso da folia, devido a frequência nos festejos por vários anos, os participantes identificaram a pesquisadora como parte integrante do evento festivo, facilitando os registros.

O material bruto produzido foi apresentado a um profissional do audiovisual, para a montagem de um vídeo de nove minutos e cinquenta segundos, intitulado, O Ritual Sonoro na Folia de Santos Reis, com o intuito de apresentar a musicalidade da Folia de Santos Reis da cidade de Pirenópolis. Os sons que constroem as narrativas foram colocados em primeiro plano, para exemplificar as discussões do texto da dissertação. O diálogo da paisagem com a Folia e o protagonismo estão divididos entre o regente e o folião de guia que é o comandante das músicas. Foram realçados trechos dos principais momentos do ritual, as relações entre os músicos, as tradições, a oralidade, como se aprende na folia e o fazer musical. O vídeo é autossuficiente, ou seja, pode ser assistido sem que se faça a leitura da dissertação, assim como a dissertação também pode ser lida sem que se assista ao vídeo. Porém, os dois juntos dão maior clareza ao objeto estudado.

A metodologia desenvolvida possibilitou a compreensão de que a Folia de Santos Reis observada realiza rituais semelhantes ao de outras folias, porém, cada uma tem sua peculiaridade, reconhecida por aqueles que entendem a participação em uma folia como uma maneira de interpretação da própria vida. Assim, as singularidades apresentadas pela Folia de Santos Reis da cidade de Pirenópolis, principalmente no que diz respeito às músicas, conduziram as interpretações aqui apresentadas.

A música, entendida como a arte de combinar os sons e manifestar os diversos afetos da alma, é composta de *harmonia, ritmo e melodia*, este entendimento foi a inspiração para o desenvolvimento deste trabalho, composto por três capítulos, formando uma tríade

estruturante, que buscou uma aproximação da compreensão desse complexo fenômeno festivo.

No primeiro capítulo, a abordagem da *harmonia* associada à paisagem da folia compôs as simultaneidades da festa, formando uma disposição ordenada entre as partes de um todo. A *harmonia* materializada na paisagem encontrou sustentação nas teorizações localizadas nos estudos da geografia cultural: Cosgrove (2004), Berque (2004), Sauer (2004), Andreotti (2012) e Dardel (2015) apresentaram contribuições significativas nas relações do homem e sua dimensão espacial. Ao cunhar o termo paisagem sonora, Schafer (2011) permitiu explorar o conjunto de sons do ambiente sonoro. Torres (2010) reconhece a dinâmica cultural da paisagem que vai além do visual, trazendo a percepção da paisagem sonora para o espaço festivo. Bakhtin (2013), Durkheim (1989), Amaral (1998), Guarinello (2001) e Morais Filho (1979) possibilitaram o entendimento sobre as festas populares. O desenvolvimento deste estudo sobre a Folia de Reis em Pirenópolis levou em conta o levantamento histórico sobre suas festas e a sua música, assim, os autores como Jayme (1971), Silva (2000), Lôbo (2006), Curado (2011) forneceram dados relevantes sobre o município e suas manifestações culturais. Brandão (2004), Dossiê do Iphan (2010), Britto (2015), D'Abadia (2012 e 2014), Pessoa (2005 e 2007) abordaram a temática das Folias.

O *ritmo* foi o guia do segundo capítulo, onde se tratou dos rituais que estabelecem os tempos da festa e constituem as pulsações que completam o “giro” da folia. Le Goff (2014), ao tratar das histórias sagradas, contribuiu para os sentidos dos rituais. Mauss (2003) esclarece sobre as trocas simbólicas que permeiam a folia. O entendimento sobre os ritos como fatos ordenados foram dados por Terrin (2004). Turner (2013) e Gennep (2011) deram o ritmo das interpretações dos rituais que compõem as manifestações das folias de Reis ao abordarem o processo ritual e os ritos de passagem, trazendo à luz a análise de como as músicas da folia permeiam todos momentos e sobressai como elemento imprescindível conduzindo os festejos. Pereira (2011), ao descrever minuciosamente os *Giros do Sagrado*, trouxe informações detalhadas sobre as folias. Canesin e Silva (1983), Moreyra (1983), Reily (2014), ao versarem sobre as músicas nas Folias de Santos Reis, apresentaram as sequências musicais como parte do ritual.

E no terceiro capítulo, a *melodia* serviu de base para encadear a voz principal que dá sentido às composições, às cantorias e às narrativas da Folia de Reis, introduzindo os sentidos do sagrado para o momento festivo. Tinhorão (2001), Saint-Hilaire (1975), Mendonça (1981), Ikeda (2011) e Rios (2015) relataram sobre os poucos registros de música popular no Brasil e em Goiás. Benjamim (1987) forneceu subsídios às narrativas encontradas na folia. Maddock

(1999) discute como os sentidos e as emoções, instituídos pela palavra, podem provocar o encontro com o Divino, enquanto Eliade (1992a e 1992b) infere sobre as dimensões sagradas, análises caras para esta pesquisa. Para compreender a percepção dos sentidos da folia, autores como Tuan (1980), Le Breton (2016) Wisnik (1999), Petrágia (2010), Luca (2014) apontaram para a linguagem musical e os sentidos da música na construção dos sentidos do sagrado, estes conceitos foram empregados nas interpretações aqui realizadas. Os instrumentos musicais e das vozes foram analisados a partir dos timbres, para tanto, Malanski (2012), Vilela (2013), Corrêa (2012) e Leandro (2011) deram suas contribuições. Scarassatti (2008) e Sautchuk (2014) trataram dos improvisos, prática comum entre as cantorias da folia.

## **1 HARMONIA: PAISAGEM, FESTA E FOLIA**

O primeiro capítulo busca demarcar a espacialidade da Folia de Santos Reis de Pirenópolis, Goiás, e compreender quais são os elementos da paisagem que servem de inspiração para as músicas entoadas durante essa festa. É uma prática rural do catolicismo popular que adquiriu características próprias e singulares. Intensificada pela migração do campo para a cidade, ocorrida a partir da segunda metade do século passado, a Folia ambientou-se no espaço urbano há trinta anos, compondo hoje o extenso calendário festivo da cidade. A combinação da paisagem, as relações festivas e o movimento do grupo de foliões devotos de Santos Reis compõem as ligações harmônicas que servem de inspiração às músicas que são entoadas durante o percurso realizado pela Folia.

Em busca de identificar as diferentes sonoridades das paisagens rurais e urbanas, exige-se mais acuidade e abertura auditiva, para que se perceba a dimensão da vida desses lugares. Essas sonoridades sutis podem revelar uma profundidade e amplitude surpreendentes. Os sons são decorrentes do que se movimenta na paisagem e nos seus habitantes, esse movimento implica vida.

Neste contexto, questiona-se quando uma manifestação rural passa a acontecer em uma paisagem urbana, como trazer as sonoridades e as similaridades de um ambiente para o outro? Na dinâmica do movimento constante, como encontrar uma profunda relação de identificação com o ambiente que antes pertencia ao âmbito rural e agora é urbano?

Propõem-se, no primeiro capítulo, relacionar as paisagens da festa de folia ao elemento harmonia que compõe a música. O conceito de harmonia, em uma linguagem simples, é “a combinação de sons simultâneos dados de uma só vez: um acorde” (BONA, 1997, p. 2). Schoenberg declara que “não existem sons estranhos à harmonia, pois harmonia significa simultaneidade sonora” (2001, p. 447).

Ao procurar o entendimento da tríade paisagem, festa, folia, relacionada ao elemento musical harmonia, compreendido como conjunto de acordes em movimento, buscar-se-á sentido e melhor entendimento sobre as relações existentes entre o ambiente festivo e a música, as quais dão o tom da devoção aos Reis Santos.

## 1.1 PAISAGEM: INSPIRAÇÃO E COMPOSIÇÃO

O estudo da paisagem como referência a uma manifestação cultural tem sido abordado nas ciências humanas, principalmente, na abordagem cultural da Geografia. Ampliando essa significação, apresentamos uma análise dos sons musicais das Folias de Reis como parte de uma paisagem sonora festiva. [...] “Para Milton Santos, no geral, a paisagem é composta “não apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc. (1996, p. 61). Dessa forma, não pode ser apreendida apenas como uma leitura visual, mas percebida pelos sentidos, proporcionando uma análise subjetiva, singular, tornando-se única, à medida em que o coletivo destaca suas similitudes, formando uma unidade no imaginário social” (TORRES, 2009, p.54). Cada comunidade inscreve na paisagem sua própria ética e estética. Assim, a paisagem pode ser definida como área composta por uma associação distinta de formas, ao mesmo tempo, físicas e culturais, tendo uma identidade que é baseada na constituição reconhecível, limites e relações genéricas com outras paisagens, que constituem um sistema geral. Existem elementos visuais, sonoros, olfativos, gustativos e táteis que formam sua estrutura e compõem funções que são dependentes entre si.

A paisagem, enquanto conceito, contribui para compreensão e análise dos eventos que ocorrem no espaço. Torres alega que ela se apresenta como um complexo de formas e relações culturais que possibilita desvendar os significados dos lugares e os elos neles e entre eles estabelecidos (2009, p.40).

Para Andreotti (2012), a paisagem vai além da sua própria definição, ela marca o homem e é por ele marcada, ou seja, reflete o homem e a sua história. Nesse sentido, as paisagens que caracterizam o Cerrado servem de cenário para o desenvolvimento das atividades humanas, que estão profundamente entrelaçadas com o ambiente e vão além de suas formas naturais, constituindo-se por um conjunto de fatores como clima, solo, água, relevo, fauna, flora.

A ocupação do Cerrado goiano passou por diversas e intensas transformações, desde o período da mineração até a modernização da economia, na atualidade. Essa modernização proporciona uma convivência entre o novo e o velho, o moderno e o antigo, o passado e o presente que se deu em seu domínio. A ocupação populacional em Goiás, a partir do século XIX, foi lenta e diversificada. As propriedades rurais foram ocupadas sem maiores ordenações ou formalidades. A interiorização do povoamento deu-se na posse de terras. A realidade socioeconômica de Goiás trouxe migrantes que adentraram o sertão em busca de estabelecer posse ou agregar-se a uma propriedade, o que contribuiu para uma vocação

agrária no estado e para a configuração de uma população quase predominantemente rural e dedicada à agropecuária. Neste contexto, as manifestações da cultura popular trazem, junto à migração, modos de ser, de fazer e de sentir. Os dados da Tabela 1 demonstram o crescente fluxo migratório da zona rural para a urbana, a partir da década de 1940. Esse processo de urbanização ocorreu tanto no Brasil, de um modo geral, quanto, em particular, no Centro-Oeste e também em Goiás.

**Tabela 1** — Evolução da População nos Censos Demográficos, no Brasil, na Região Centro-Oeste, as Unidades da Federação e a situação do domicílio — 1940/2010

Grandes Regiões e Unidades da Federação	1940		1950		1960		1970	
	Urbana	Rural	Urbana	Rural	Urbana	Rural	Urbana	Rural
Brasil	12.880.182	28.356.133	18.782.891	31.303.034	32.004.817	38.987.526	52.904.744	41.603.839
Região Centro-Oeste	-	-	-	-	995.171	1.683.209	2.358.218	2.271.422
Goiás	-	-	-	-	541.469	1.084.907	1.134.242	1.325.765
Pirenópolis	2 106	13 516	2 459	19 971	3 380	23 355	4 982	27 083
Grandes Regiões e Unidades da Federação	1980		1991		2000		2010	
	Urbana	Rural	Urbana	Rural	Urbana	Rural	Urbana	Rural
Brasil	82.013.375	39.137.198	110.875.826	36.041.633	137.755.550	31.835.143	160.925.792	29.830.007
Região Centro-Oeste	4.950.203	2.053.312	7.648.757	1.763.485	10.075.212	1.541.533	12.482.963	1.575.131
Goiás	2.172.965	1.056.254	3.241.119	771.443	4.390.660	605.779	5.420.714	583.074
Pirenópolis	6 652	22 677	9 277	15 779	12 475	8 770	15 563	7 443

**Fonte:** IBGE - 2016.

**Org.:** Lôbo e Rodrigues, 2017.

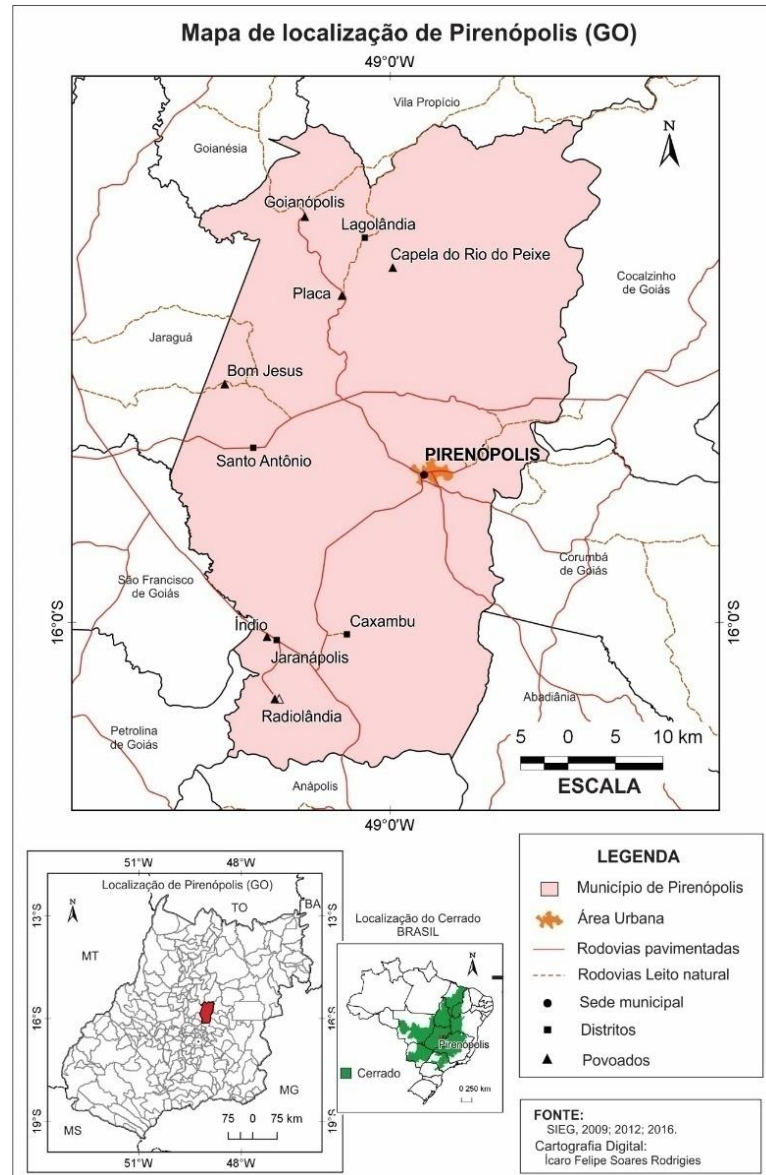
O crescente aumento da população brasileira urbana, a partir da década de 1940, refletiu no município de Pirenópolis. Em meio século é possível observar o inchaço das cidades e a diminuição da população do campo.

A organização espacial transforma-se ao longo do tempo e o processo de migração contribui para a efetivação de valores, crenças e tradições, trazidas de outros lugares. As terras goianas receberam, no início do século XX, entre outros, mineiros que vieram para Goiás, com o propósito de lidar com a terra. Ao se estabelecerem, trouxeram também seu *modus vivendis*, ou seja, trouxeram um arquivo multissonoro, retalhos de suas próprias histórias, de

devoção, de canções que celebram as festas. Assim, os festejos das Folias de Santos Reis, práticas rurais comuns em outras partes do país, também são realizados no interior de Goiás e intensificados por um processo migratório crescente.

Pirenópolis, cidade do interior de Goiás, que se inclui na paisagem do Cerrado e surgida do ciclo do ouro, na primeira metade do século XVIII, cresceu e desenvolveu a história das suas relações em meio a uma estrutura arquitetônica colonial, possuindo diversas igrejas e casarões representantes daquela época. Dentre outras atividades culturais, várias práticas festivas de cunho religioso desenvolveram-se ao longo de quase trezentos anos neste cenário, construído no sopé da serra dos Pireneus, localizado entre as capitais Goiânia e Brasília (Ilustração 2).

**Ilustração 2** — Mapa da Localização de Pirenópolis, Goiás.



**Fonte:** Rodrigues, 2017.

Com o declínio da atividade aurífera, o povoado presenciou o retrocesso econômico, sendo forçado a desenvolver outras atividades, firmando-se no comércio e na agropecuária. Pirenópolis não ficou alheio ao processo de urbanização ocorrido no Brasil nos últimos cinquenta anos. As transformações decorrentes do processo de deslocamento da área rural para urbana foram gradativas, somando-se ao desenvolvimento do turismo e sua inserção à economia local, o que resultou em novas e diferentes maneiras de viver no espaço.

Na tabela 2, expõe-se a transitoriedade da população rural à urbana, no período de 1970 a 2010. Nota-se a intensidade desta transformação ocorrida no curto período de meio século e a inversão do quantitativo da população residente no campo em transferência para a cidade, na virada para o século XXI.

**Tabela 2** — População residente e a situação do domicílio de Pirenópolis — GO

<b>Município = Pirenópolis - GO</b>					
<b>Variável = População residente (Pessoas)</b>					
<b>Situação do domicílio</b>	<b>Ano</b>				
	<b>1970</b>	<b>1980</b>	<b>1991</b>	<b>2000</b>	<b>2010</b>
<b>Total</b>	32.065	29.329	25.056	21.245	23.006
<b>Urbana</b>	4.982	6.652	9.277	12.475	15.563
<b>Rural</b>	27.083	22.677	15.779	8.770	7.443

Fonte: IBGE - 2016

Nota-se, na tabela 2, que uma diminuição relativa da população pirenopolina é justificada pelo desmembramento da Vila Propício, que deixou de ser distrito para tornar-se município, no ano de 1995, causando uma redução territorial de Pirenópolis. Porém, quanto aos dados relacionados ao aumento da população urbana, em decorrência da redução da população rural, seguiu a mesma tendência da tabela relativa ao estado e ao país. Essa transferência gradativa da população rural para o meio urbano gerou as transformações referidas anteriormente.

Segundo Holanda (1995), a organização familiar nos domínios rurais se pautava no velho direito romano-canônico, de acordo com os preceitos divinos estabelecidos e divulgados pela Igreja Católica, tonou-se ao longo do tempo comuns a todas as classes como norma ideal de conduta. Os assuntos eclesiásticos desde o período colonial estabeleciam toda

sorte de fundações religiosas, de acordo com as necessidades do momento. A preocupação em disseminar o cristianismo era maior do que as punições.

A distinção entre o meio urbano e a “fazenda” constitui no Brasil e pode dizer que em toda América, o verdadeiro correspondente da distinção clássica e tipicamente europeia entre a cidade e a aldeia. Salvo muito raras exceções, a própria palavra “aldeia” no seu sentido mais corrente, assim como a palavra “camponês”, indicando o homem radicado ao seu rincão de origem através de inúmeras gerações, não corresponde no Novo Mundo a nenhuma realidade. E por isso, com o crescimento dos núcleos urbanos, o processo de absorção das populações rurais encontra aqui menores resistências (HOLANDA, 1995, p. 88).

O processo de urbanização que ocorreu nas últimas décadas em Pirenópolis contribuiu para que festejos da religiosidade popular, que antes ocorriam, predominantemente, no ambiente rural, passasse a acontecer também no meio urbano, devido ao migrante ser aquele que sai de um mundo conhecido e compartilhado para um mundo desconhecido. Uma maneira de convencer a si mesmo de sua nova condição e estabelecer-se em um local diferente daquele de origem, e começar a manifestar, no espaço, a bagagem que traz guardada na memória.

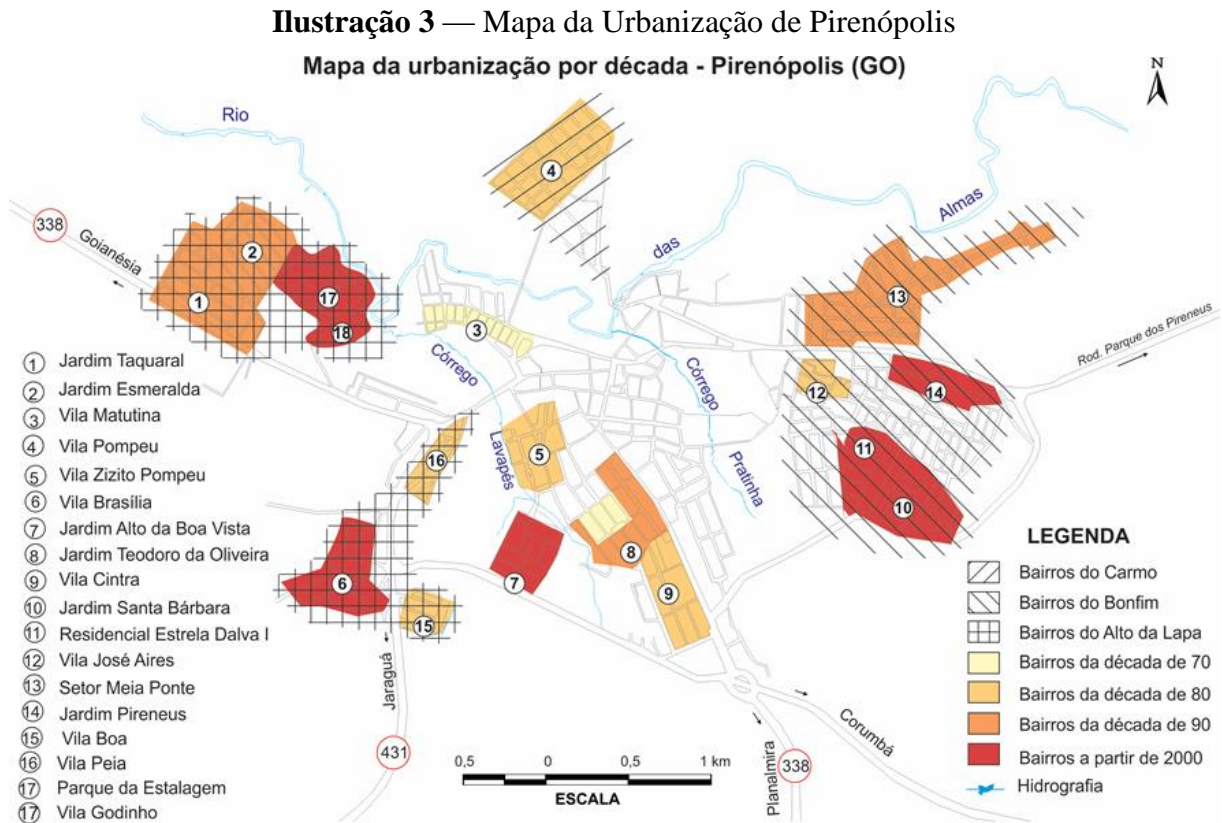
O migrante deixa a condição de forasteiro e adapta-se ao novo espaço quando começa a praticar a devoção, a fé, a festa. Martins deixa claro que migrar é viver em espaços geográficos diferentes, é viver como presente e sonhar como ausente. Quando as festas rurais manifestam-se no ambiente urbano, definitivamente, o homem estabelece-se em outro espaço. Assim, “a migração será definitiva quando a festa também migrar” (MARTINS, 1986, p. 61).

As migrações são interpretadas por Cândido ao destacar o caso dos pequenos lavradores que migram para a cidade arrastados para o âmbito da economia capitalista, ao procura ajustar-se à nova vida procuram por outro lado, preservar o máximo possível das formas tradicionais (1979), por isso acabam se aglutinando nas proximidades de antigos vizinhos de fazenda, mantendo ao máximo os laços de amizade.

Em Pirenópolis, o surgimento de novos bairros, à medida em que esse processo migratório acentua-se, serviu de inspiração para dar continuidade às festas, harmonizando o novo *locus* à reprodução de paisagens festivas.

Na Ilustração 3 observa-se, notoriamente, ao fenômeno cultural identificado nesta pesquisa. A cidade tem sua planta urbana calcificada por mais de dois séculos, tendo sua estrutura alterada no final de 1970 e início de 1980, com o surgimento de novos bairros e que, gradativamente, ampliou os antigos bairros do Carmo (ao norte), da Lapa (ao oeste), do Bonfim (a leste) e a antiga Rua do Campo (ao sul), levantamento constatado por Lôbo (2006,

p. 31), no estudo sobre o percurso dos festejos do Reinado de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e o Juizado de São Benedito em Pirenópolis.



**Fonte:** Lôbo, 2011, adaptado por Lôbo e Rodrigues, 2017.

Esse aumento do número de bairros em Pirenópolis ressalta, ainda, o argumento apontado por Arrais (2013), em que, a partir da década de 1970, grande parte da população goiana passou a residir nas cidades, ocorrendo um movimento migratório do campo-cidade. Em Pirenópolis não foi diferente. O aumento da periferia urbana aconteceu devido ao processo migratório que sucedeu no contexto dos deslocamentos nesse período no Brasil e, também, nas cidades goianas.

### 1.1.1 Folia Urbana

Dado o contexto da migração, em 1986, foi criada, em Pirenópolis, a Folia de Santos Reis de Pirenópolis<sup>1</sup>, que faz seu giro<sup>2</sup> na área urbana da cidade, no período do dia 26 a 30 de

<sup>1</sup>A Folia foi criada pelos foliões Israel Coelho, Geraldo Vicente dos Santos (Dedé) e Mário Vicente dos Santos, que se uniram para ajudar, anualmente, o Asilo São Vicente de Paula, que sobrevive de doações (O Ritual Sonoro na Folia de Santos Reis, 2017, 0:20 segundos).

dezembro, com o intuito de beneficiar, com os donativos, o Asilo São Vicente de Paula, localizado no centro da cidade.

O giro da Folia é realizado, principalmente, nos bairros do Bonfim, do Carmo e da Lapa. Assim, as manifestações culturais que aconteciam no espaço rural passaram também a acontecer na cidade, trazendo adaptações e transformações, oferecidas pela vida moderna.

As folias compreendem práticas de um mundo rural e, mesmo a Folia de Santos Reis de Pirenópolis, realizada em parte nos bairros da cidade, não perde as lembranças ou mesmo as imagens recebidas, ligadas ao cultivo da terra, que são marcas profundas, percebidas nos festejos que apresentam situações e locais completamente distintos. Segundo Pessoa (2005), há o cruzamento entre o campo e a cidade que,

na lógica da revolução industrial o campo iria até mesmo desaparecer. Mas a pequena produção agrícola continua no mundo todo, apesar de isso acontecer por um caminho difícil, que é o da superexploração do trabalho. Mesmo assim a contribuição do rural na produção de sentidos e significados é muito expressiva. Grande parte das cidades brasileiras (talvez, todas) tem alguma festa baseada nas coisas do mundo rural, embora não seja mais possível falar de rural como especificidade, como modos de vida e de trabalho que só existem em determinado lugar. Por isso falamos de *ruralidades*. Temos uma intersecção entre campo e cidade, em diversas manifestações e formas. O que marca as *ruralidades* é a relação com a terra, com o plantar. A terra como cultivo e criatório ainda é muito a referência formadora das novas mentalidades. Isso faz parte, está presente em nossos processos de construção de identidades, mesmo se morarmos nas médias e grandes cidades. Ou seja, mesmo no contexto urbano, há muitas pessoas que elaboram sua compreensão de mundo, com referências do mundo rural (PESSOA, 2005, p. 51).

O homem realiza sua existência sobre a terra, que é a base natural de que dispõe para a prática dos eventos culturais. A ilustração 4 ressalta a Folia de Santos Reis de Pirenópolis, Goiás, como um evento humano que se materializa no espaço. A paisagem revela por si as tessituras de um lugar festivo. Nesse emaranhado, esta manifestação cultural é representativa da vida social e se apresenta composta de um pequeno grupo de foliões que se reúnem no período pós-natalino, para celebrar o culto à natividade e representar a viagem realizada pelos Três Reis Santos à manjedoura, sempre tendo a música por companhia de jornada.

De maneira geral, a Folia de Reis constitui-se por um grupo de andarilhos que perfaz um caminho circular, do leste para o oeste, cumprindo com a devoção aos Reis que se deslocaram até o local do nascimento do messias. Este “bando precatório”, expressão cunhada

---

<sup>2</sup>Deslocamento espacial circular, saindo do leste em direção ao oeste, realizado pelos foliões, que passam em casas pré-selecionadas ou, atendendo a solicitações, de casa em casa, portando a bandeira, entoando músicas e colhendo donativos.

por Cascudo (1972, p. 402), é formado por foliões e suas bandeiras, emolduram cenários previamente planejados e esperados, para efetivação de rituais tradicionais que repetem todos os anos a saga civilizatória.

#### **Ilustração 4** — Fotografia da Folia de Santos Reis em Pirenópolis



**Fonte:** Banco de dados do Projeto Arte e Saberes nas Manifestações Católicas Populares – dez/2013.

A Folia é composta por músicos que tocam instrumentos, estes músicos, além de rezadores, são também cantadores, entoando versos inspirados e criados sob a emoção do momento, que são seguidos por devotos de variada faixa etária, contribuindo para a continuidade da devoção.

#### **1.1.2 Arranjos Sonoros na Paisagem Cultural**

Entre as múltiplas possibilidades de estudo da folia, atentar-se-á ao recorte da análise das sonoridades dos espaços percorridos no trajeto realizado pela Folia de Santos Reis que ocorre na cidade de Pirenópolis. A existência de elementos sonoros está diretamente relacionada à percepção dos ambientes. Assim, as músicas entoadas nas folias são capazes de estabelecer uma estreita ligação entre campo-cidade, construindo uma forma de paisagem que denominamos de paisagem sonora.

A paisagem forma acordes que se revelam simultaneamente em um conjunto harmônico, caracterizado por uma diversidade infinita, que diz respeito a como os seres humanos vivem e modificam-na. Existem inúmeras maneiras de organizar o espaço, que é carregado de valores de quem o habita. Cosgrove (2004, p. 98), evidencia que “a paisagem, de fato, é uma ‘maneira de ver’, uma maneira de compor e harmonizar o mundo externo em uma cena”.

O indivíduo, a subjetividade e a experiência vivida no espaço desvelam o estudo das manifestações culturais. A fim de compreender o fenômeno musical encontrado nas Folias de Santos Reis que acontece na cidade Pirenópolis, Goiás, como manifestação cultural que ecoa no ambiente da paisagem, pretende-se captar os sentidos das representações por onde passa a folia, esmiuçando os trabalhos do homem, como uma expressão integral da cena. Segundo Sauer, a paisagem cultural é portadora de significados, expressa valores, crenças, mitos e utopias, tendo assim uma dimensão simbólica,

modelada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural. A cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural é o resultado. Sob a influência de, uma determinada cultura, ela própria mudando através do tempo, a paisagem apresenta um desenvolvimento, passando por fases e, provavelmente, atingindo no final o término do seu ciclo de desenvolvimento (SAUER, 2004, p. 59).

O conteúdo da paisagem é encontrado nas qualidades físicas da área que são importantes para o homem e nas formas do seu uso da área, em fatos de base física e fatos da cultura humana. No tocante à paisagem cultural, pretende-se analisar as músicas que envolvem os festejos da Folia de Santos Reis.

Para Berque (2004), apoiado em Sauer (2004), a paisagem é resultado da ação da cultura e faz parte de uma geografia que está em toda parte e se apresenta em uma dimensão histórica espacial.

A paisagem é uma marca, pois expressa uma civilização, mas é também uma matriz porque participa dos esquemas de percepção, de concepção de ação – ou seja, da cultura – que canalizam, em um sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza (BERQUE, 2004, p 84-85).

Toda atividade humana deixa sua marca na paisagem, o conteúdo físico de um lugar onde acontece a folia é importante para compreender as atividades que as pessoas realizam. Assim, a Folia de Santos Reis de Pirenópolis também tem uma paisagem matriz, no seu movimento itinerante, em que, no período de cinco dias, os foliões realizam um percurso, passando pelos bairros de Pirenópolis e chácaras próximas à cidade. Durante o dia, visitam as

casas do caminho, rezando, cantando, pedindo benção e colhendo esmolas até chegar ao destino final, que é o Asilo São Vicente de Paula, no Centro da cidade. As casas, ruas, chácaras seguem mudando os ambientes e transformando as paisagens ao longo do tempo e do movimento da folia.

Em uma perspectiva fenomenológica, Dardel (2015) aborda a dimensão espacial da existência e a relação homem-terra. O espaço geográfico é feito de espaços diferenciados, o relevo, o clima, a flora, a mão do homem dá a cada lugar uma singularidade que é refletida na paisagem. Esses lugares, percorridos pelas folias, têm nomes próprios em Pirenópolis: Tortinho, Lagolândia, Bairro do Bonfim, Rua do Carmo. O espaço geográfico tem um horizonte, uma modelagem, cor, densidade. É sólido, líquido ou aéreo, largo ou estreito: ele limita e resiste. Cada localidade visitada pela folia apresenta características próprias, seja o bairro, a rua, a casa, o cômodo da casa, as paisagens que se formam servem de inspiração para a composição das melodias entoadas, que contemplam os aspectos de cada lugar do percurso festivo.

A terra é um texto a decifrar, os morros, as ruas, caminhos, rios formam os signos desse texto. Os sons são elementos sutis que caracterizam o lugar. Existem os sons do cotidiano, mas também há os sons dos momentos festivos que contribuem para caracterizá-lo. A mistura entre os sons do cotidiano e dos foliões com suas músicas transformam a paisagem sonora, identificando-a como momento festivo. A manifestação cultural da folia adapta-se a esse espaço que é composto de signos, revela o fazer do homem, sua condição e seu destino. Interpretar e nomear os elementos da paisagem faz parte da tarefa do folião, que deve estar profundamente atento a tudo que vê, ouve e sente à sua volta.

A paisagem está carregada de significados. Templos religiosos, prédios comerciais, lanchonetes, escolas, teatros, cinema, ruas, etc., se tornam territórios, locais de passagens ou, ainda, apenas marcos visuais; mas para uma determinada população pode representar valores, permeados pela cultura. Para o estudo da paisagem, o campo de estudo vai além do visual. A paisagem é um complexo de cultura e forma (TORRES, 2010, 49).

Os ambientes acústicos dos momentos da folia servem de objeto para o estudo da paisagem percebida pelo ouvido, esse interesse justifica-se por saber que o fio condutor da folia são as músicas. A paisagem percebida visualmente fornece ao folião os elementos necessários para suas composições musicais, a poesia está ao alcance dos sentidos.

Assim, um poeta músico tem diante de si, por exemplo, sentado no cocho<sup>3</sup> ou na cancela<sup>4</sup>, a imensidão do ambiente em que habita, com o sol despontando no horizonte, o gado já alimentado e tranquilo, os pássaros assoviando, compondo uma sinfonia rural, grilos e pequenos insetos sobrevoando zunindo, a água jorrando na bica, dando o som da respiração da terra, o vento batendo calmo nas folhas das árvores.

Essa composição da paisagem serve de inspiração para as modas de viola, em um fazer simples, calmo, que traz nas entrelinhas a simplicidade da vida no campo. A explicação desloca-se, sob o pitoresco das imagens vivenciadas, as feições da terra se animam com as vibrações coloridas do momento. Os acontecimentos corriqueiros, as relações humanas também servem de aporte para as composições e gostos musicais dos foliões que acompanham as folias. A paisagem está relacionada à inserção do homem no mundo, onde ele realiza sua existência.

Há, na paisagem, uma fisionomia, um olhar, uma escuta, como uma expectativa ou uma lembrança. Toda espacialização geográfica, porque é concreta e atualiza o próprio homem em sua existência e porque nela o homem se supera e se evade, comporta também uma temporalização, uma história, um acontecimento (DARDEL, 2015, p. 33).

Os estudos sobre a paisagem sonora são recentes. Há pouco menos de meio século esse termo foi cunhado por Murray Schafer que, em seus estudos, se propôs a explorar o conjunto de sons do ambiente sonoro, portanto ainda é um objeto que tem muito a ser explorado. Destacamos alguns apontamentos sobre as sonoridades das músicas presentes em um ambiente festivo, lembrando que analisar seu contexto da atuação é uma tarefa complexa. Para Fernandes,

ao sabermos melhor escutar a diversidade de sons de um determinado arranjo sócio-espacial, conseguiremos estabelecer referenciais lógico e simbólicos dessa sonoridade que nos permite ler os determinantes de organização societária, seus problemas e possibilidades (FERNANDES, 2010, p. 120).

O elo afetivo entre os partícipes da Folia de Reis e o ambiente festivo, segundo Tuan (1980), é construído a partir da percepção dos sentidos. A audição tem a conotação da passividade ou da receptividade, o que torna as sonoridades presentes na Folia de Santos Reis uma experiência emocional.

---

<sup>3</sup>Caixa ou recipiente feito de um tronco de árvore escavado, utilizado para alimentar o gado.

<sup>4</sup> Espécie de porteira rural.

Geralmente somos mais sensibilizados pelo que ouvimos do que pelo que vemos. O som da chuva batendo nas folhas, o estrondo do trovão, o assobio do vento no capim e o choro angustiado nos excitam com intensidade raramente alcançada pela imagem visual. Para muitas pessoas a música é uma experiência emocional mais forte do que olhar quadros ou cenários. Por que isso? Em parte, talvez, porque não podemos fechar nossos ouvidos como podemos fechar nossos olhos. Sentimo-nos mais vulneráveis aos sons (TUAN, 1980, p. 10).

O mundo é percebido, simultaneamente, pelos cinco sentidos, dos quais as experiências são adquiridas. Ao tratar dos elementos sonoros da Folia de Santos Reis e sua relação com a paisagem vêm à tona experiências com o espaço que são gradativamente aumentadas pela audição, que fornece informações do mundo além do campo visual e dos outros sentidos. A festa possui sons singulares que a identificam. A Folia de Reis, como é um movimento itinerante, apresenta uma variedade de paisagens sonoras, em que a musicalidade recheia o espaço de sons musicais, que trazem familiaridade, devoção para quem participa.

### **1.1.3 Paisagem Festiva Pirenopolina**

Sabe-se que muitos núcleos populacionais desenvolveram-se a partir da exploração do ouro, em meados do século XVIII, na Capitania de Goiás, Segundo Gomes e Teixeira Neto, Vila Boa, Santa Cruz e Meia Ponte surgiram “ao longo dos córregos e ribeirões, nos fundos dos vales ou nas encostas dos morros” (1993, p. 67). Pirenópolis, antiga Meia Ponte, é uma cidade que surgiu no período da mineração em Goiás.

Inicialmente batizada com o nome de Minas de Nossa Senhora do Rosário, surgiu da atividade aurífera, em 1727, nos confrontes da serra dos Pireneus, em que o Bandeirante Manoel Rodrigues Tomar encontrara uma nova jazida para ser explorada. Logo, com propícia localização, o desenvolvimento do então arraial foi inevitável, chegando a ser o terceiro núcleo populacional e o segundo centro econômico mais importante da Capitania.

O período mineratório foi próspero para o arraial de Meia Ponte, sendo que o apogeu da atividade aurífera durou cerca de 27 anos e várias foram as edificações de prédios públicos e templos religiosos, construídos em função da exploração desse metal. O povoado chegou a abrigar cerca de 12,16% de toda a população goiana, que, à época, contava com a extensão territorial que hoje pertence ao estado do Tocantins (PALACIN; MORAES, 1994, p. 34). Mas todo o burburinho gerado pela mineração nas encostas dos rios e ribeirões goianos teve seu fim, devido à escassez do ouro em Goiás, refletindo, de forma direta, no cotidiano dos moradores.

Após o apogeu do ouro, Meia Ponte sofre os reflexos dessa escassez e entra em isolamento, passando, em meados do século XVIII, pelo processo de ruralização e troca de pilares econômicos, no qual se consolidou um “modelo socioeconômico baseado na agropecuária que marcaria todo o século XIX e boa parte do XX” (OLIVEIRA, 2011, p. 603). Durante esse período, a Capitania de Goiás é descrita pelos viajantes europeus como um lugar onde o ócio reinava, além do abandono da região pelo governo central.

As mudanças que influenciaram na configuração de Meia Ponte — a cidade em 1853, até a mudança de seu nome para Pirenópolis —, cidade dos Pireneus em 1890, foram relativamente poucas em suas características físicas, que permaneceram quase as mesmas existentes no século XVIII. As celebrações culturais mantiveram o modo de ser e fazer dos pirenopolinos, tornando o local popularmente conhecido como berço da cultura goiana.

Muitas práticas católicas, embora com a presença física das igrejas, se desenvolveram à margem dos prédios destinados à religião. Assim, o catolicismo popular deu margem à manifestação da Folia de Santos Reis (Ilustração 5), que se emoldura tendo à vista duas igrejas católicas da cidade, no plano de fundo da imagem, a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário e, na lateral direita, a parte de traz da Igreja do Carmo, atual Museu de Artes Sacras. As calçadas de quartzito, o céu nublado, o verde da vegetação do período chuvoso, o caminhar dos foliões de casa em casa, despertando a curiosidade dos moradores que saem na porta e na janela, para acompanharem o movimento da folia.

**Ilustração 5** — Fotografia da Folia de Reis, na Rua do Carmo – Pirenópolis.



**Fonte:** Banco de dados do Projeto Arte e Saberes nas Manifestações Católicas Populares- dez/2013

Na Folia, há um circuito espacial a ser percorrido, compondo paisagens e, conseqüentemente, paisagens sonoras. Schafer (2011) explica que a paisagem sonora é qualquer campo de estudo acústico. O movimento dos sons proporciona um conjunto de espacialidades que vão sendo decodificadas ao longo do percurso. A paisagem sonora da Folia de Santos Reis é o resultado do projeto acústico, lugar dotado de dinâmica em constante trânsito. Toda relação com uma paisagem sonora é também uma tentativa de audição e captura dos possíveis sentidos do lugar. Na Folia alguns elementos paisagísticos são propositalmente ornados nos espaços, que no momento em que os Foliões passam por aquele lugar devem perceber cada detalhe para que sejam realçados nos cantos das músicas da Folia e é onde os tempos da Folia se cruzam.

O homem harmoniza-se com a paisagem sonora à sua volta fazendo ecoar seus elementos. A impressão é absorvida; a expressão é desenvolvida. Mas a paisagem sonora é demasiado complexa para ser reproduzida pela fala humana. Assim, somente na música é que o homem encontra verdadeira harmonia dos mundos interior e exterior. Será também na música que ele criará os mais perfeitos modelos da paisagem sonora da imaginação (SCHAFER, 2011, p.70).

Para investigar as músicas produzidas na folia, requer escutar sensivelmente a complexidade e a pluralidade que envolvem as festas tradicionais. A música é um jogo sonoro de regras em movimento. Uma forma instituída a partir da sensibilidade auditiva. A configuração sonora dessa paisagem possibilita acordes perfeitos que suspendem, preparam e concluem, compondo uma verdadeira obra musical com várias partes, combinando elementos ligados por uma relação de pertinência, que produz uma sensação agradável e de prazer, de união e relação com a realidade, que ecoam nas manifestações da cultura popular.

A paisagem apresenta-se com elementos visíveis e invisíveis, portanto não é apenas uma parte da realidade, é o todo. Para compreender o movimento da Folia de Santos Reis em Pirenópolis, o aspecto sonoro musical das paisagens festivas compõe o complexo mundo do que é invisível, a percepção dos sons musicais serve para ler/ouvir os subtextos que estão ocultos no texto visível, com vistas a compreender e analisar a natureza relacional da festa. O significado desses textos e subtextos são fenômenos que mudam com o tempo e com a mudança de perspectiva do intérprete e que servem para compreensão do todo.

Os sons da Folia de Santos Reis podem ser considerados como símbolos acústicos. As imagens provocadas pelas músicas são carregadas de significados que servem para comunicar incontáveis experiências que exprimem o lugar simbólico da música na vida social, assim como os simbolismos utilizados servem para a evocação da paz, da proteção, da harmonia, em

busca ora de agradecimento, ora para pedir auxílio para o transcendente. Schafer (2011, p. 18) expõe que “com a música aprendemos de que modo o homem cria paisagens sonoras ideais para a outra vida, que é a da imaginação e da reflexão psíquica”, modificando o seu comportamento para uma vida melhor. Os sons são vibrações e, por isso, são percebidos subjetivamente, provocando, segundo Pesavento (1995), uma imaginação em que a função criadora implica atribuir-lhe uma capacidade inventiva para criar a realidade.

Para Amalfi (2011), a música deve ser vista como um elemento integrante e modificante da cena, na mesma medida em que é integrada e modificada por esta, assim, ela fundamenta a ideia da criação de uma unidade de cena, a partir da conjugação de diferentes elementos presentes no ambiente. O Cerrado, a vida no campo versus a vida da cidade, os ornamentos e elementos simbólicos que representam os festejos da Folia, os acontecimentos imediatos ou as circunstâncias, os elementos sonoros, a poesia do espaço é constituída de sensibilidade que formam acordes sobrepostos, desencadeando uma cadência perfeita, onde o homem, nos atos de fé e devoção, realiza o seu fazer sobre a terra.

A paisagem é um complexo de formas e relações culturais. Ao tratar das festas populares que acontecem no espaço, é possível perceber a simultaneidade de elementos, como as vozes e os instrumentos musicais que se harmonizam com o ambiente. Desse modo, as festas apresentam-se como o elo da manifestação da folia na paisagem.

## 1.2 A FESTA E SUAS SONORIDADES

Em busca de compreender uma paisagem cultural sonora foi selecionado o fenômeno festivo, percebido como um processo dinâmico. O universo da festa de um lugar permite uma multiplicidade de análises, cujo intuito é refletir sobre as funções das sonoridades da paisagem festiva e compreender suas relações com/no espaço.

Ao tratar das manifestações culturais, mais especificamente a festa popular, entende-se que é um todo organizado que se repete ano após ano, é uma celebração coletiva, não só preparada e esperada, mas também recordada. As lembranças dos tempos passados, o elo entre um tempo longínquo e o momento atual constroem a memória de um lugar cuja paisagem a constitui. Na festa, o passado perdido e/ou esquecido retorna de algum modo ao presente, por ocasião da celebração festiva, entendida como reminiscência, desencadeada pela identificação e pelo reconhecimento coletivo das suas marcas, em que os sons são relevantes na composição dos elementos paisagísticos dessa memória.

Segundo o discurso de Bakhtin, ao tratar da cultura popular na Idade Média, por ser específico de cada época e cada grupo social, na sua ânsia de comunicação,

as festividades (qualquer que seja o seu tipo) são uma *forma primordial*, marcante, da civilização humana. Não é preciso considerá-las nem explicá-las como um produto das condições e finalidades práticas do trabalho coletivo nem, interpretação mais vulgar ainda, da necessidade biológica (fisiológica) de descanso periódico. As festividades tiveram sempre um conteúdo essencial, um sentido profundo, exprimiram sempre uma concepção do mundo (BAKHTIN, 2013, p. 7).

A festa é a experimentação momentânea da sociedade, para Durkheim (1989), é o ápice da efervescência, onde temporariamente a organização social é dissolvida no caos. Na festa há inversão de valores, os conflitos são criados e desfeitos, o extravasamento e a euforia dão folego para dar continuidade à vida cotidiana que segue após o final dos festejos. Para Amaral,

a festa se mostra como uma solução simbólica pois, ao unir o ser ao não-ser, através da realização de todas as utopias ainda que por breves períodos, “coloca em cena”, por meio de seus aspectos mais dramatizados, projetos coletivos e individuais, concretiza sonhos, anseios e fantasias, ao mesmo tempo em que, longe de constituir um fenômeno alienante, separado e distante da vida real, volta-se também para a resolução de problemas reais, através da organização dos grupos em nível local (AMARAL, 1998, p. 7).

Toda festa é realizada por um grupo e tem seu próprio tempo, que faz dela um fato social total, no sentido maussiano. O sistema inicial de *trocãs*, durante o momento festivo entre os partícipes, é que configura a própria essência da festa popular. As falas, os toques, os cantos, os gestos de devoção, a ruptura e alegria, não são mais do que uma sequência cerimonial, em atos codificados, de dar, receber, retribuir, obedecer e cumprir (MAUSS, 2003). O ato coletivo supõe que o participante tem critérios para a atuação em que uma multiplicidade de relações permeiam as festas que têm como eixo a fidelidade da devoção pela esperança da bênção celestial.

No Brasil, desde a vinda dos portugueses, há mais de quinhentos anos, as festas religiosas foram determinantes para construção das religiosidades. As práticas jesuítas de catequização dos índios e negros, ocorrida nas terras brasileiras, desde o início da colonização europeia, permitiu a construção de um calendário festivo ligado às festas cristãs,

as coletas de esmolas por membros das irmandades, especialmente encarregados disso, era cena comum nas ruas das cidades coloniais, onde muitas vezes danças e tambores africanos conviviam com as folias, de origem portuguesa, que percorriam

as ruas ao som de música e carregando estandartes, recolhendo dinheiro para a realização de festas de santos padroeiros (SOUZA, 2002, p. 209).

Muitas festas que ocorrem até os dias atuais são provenientes do catolicismo popular, que constitui um diferente sistema de tradução do Cristianismo oficial, que se espalhou pelo interior do Brasil, porque durante muitos anos não havia padres suficientes para atender às demandas de um território tão vasto, dando espaço para leigos construírem suas práticas religiosas e festivas. Por isso, as festas, mesmo que tenham o mesmo nome ou padroeiro, são singular, porque são resultantes das mais variadas interpretações de um mesmo fenômeno. As pessoas que as fazem as tornam uma festa única, e os sons também se tornam únicos.

Na sociedade atual as festas populares religiosas podem ser vistas como perpetuação da tradição e constituição das identidades, formalizando a repetição das experiências vividas pelos partícipes. Pessoa (2005) descreve que a festa tem por objetivo marcar em cada membro do grupo social os seus valores, as suas normas, as suas tradições, e, ao mesmo tempo, promove transformações, inovações, em que as mudanças provocam novas descobertas, concepções diversas e, porque não dizer, a fecundidade das transgressões.

Festejar ou simplesmente festar, como dizemos num genuíno "goianês", é, antes de tudo, aprender o quanto temos de riqueza e de sabedoria a preservar e, ao mesmo tempo, o quanto temos a aprender com as transformações da história, com a lenta mudança das mentalidades. Quem vai à festa tem a possibilidade de aprender que o que se sabe ainda não é tudo para se continuar a viver e a reproduzir as condições de sobrevivência. Há que se abrir para o novo que cedo ou tarde acaba chegando e preenchendo nossos espaços vitais, até mesmo os de nossa habitação. Mas na festa também se pode aprender que o novo, por mais irremediável que seja, precisa ser integrado à herança que recebemos, que foi e, em muitos casos, ainda permanece sendo reconstituída, reproduzida e ensinada por abnegados artistas e sábios conservadores da cultura popular. A festa popular é o grande e fecundo momento a nos ensinar que a arte de viver e de compreender a vida que nos envolve está na perfeita integração entre o velho e o novo. Sem o novo, paramos no tempo. Mas sem o velho nos apresentamos ao presente e ao futuro de mãos vazias (PESSOA, 2005, p. 39).

Historicamente, a festa cumpre papel essencial na cultura, segundo os discursos da sociografia, a imensidão espacial do Brasil é determinante do progresso social, os fundamentos da brasilidade estão perceptíveis no movimento sobre o espaço a ser utilizado: a hinterlândia (VIDAL E SOUZA, 1997, p. 155). Ocupar o espaço vazio e dominar as rebeliões do povo do sertão é uma necessidade para preservar o relicário nacional. Assim, a ocupação do país, desde a chegada dos portugueses, aconteceu juntamente com a Igreja católica. As festas do catolicismo popular se alastraram, por todo país e se estabeleceram nos espaços

ocupados, como práticas do cotidiano de quem vive em um lugar. Para Guarinello, aparece como parte das atividades coletivas do fazer social.

Festa é, portanto, sempre uma produção do cotidiano, uma ação coletiva, que se dá num tempo e num lugar definidos e especiais, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e comemorado e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na esfera de uma determinada identidade. Festa é um ponto de confluência das ações sociais cujo fim é a própria reunião ativa de seus participantes (GUARINELLO, 2001, p. 972).

As festas do catolicismo popular estão relacionadas à formação do povo brasileiro, manifestando um conjunto articulado de ações que criam sentido ao espaço onde as pessoas habitam. As festas religiosas e as religiosidades são manifestações que adquirem caráter singular de acordo com os espaços e com as pessoas que a realizam. Segundo Silva (2000), essas tradições populares, de um modo geral, tiveram um importante papel na mediação entre as diversas culturas que se confrontaram, a partir da colonização do Brasil. Coube à Igreja o papel de difusão dessas manifestações, embora muitas delas fizessem parte do gosto da população portuguesa que, mesmo em terras distantes, procurava praticá-las.

Entende-se, assim, como Silva e Quadros, por meio do estudo das Ciências da Religião, que as manifestações da religiosidade popular destacam as trocas culturais e as constantes ressignificações culturais (2015, p. 79). A herança portuguesa, africana e indígena presente nas práticas do catolicismo popular alastraram-se por todo interior do Brasil e nelas as festas ganharam identidade e apresentam-se como parte da vida das pessoas. O ato de celebrar adquire particularidades, pautadas na vivência individual e coletiva. Os cenários formados nos momentos festivos desvelam tramas em que as experiências das relações humanas desenrolam-se em um amplo contexto.

Segundo o historiador Chaul (s/d, p. 42), somos frutos de uma mestiçagem maravilhosa, resultado dos elementos que nos compuseram e nos legaram um potencial fantástico de traços culturais entre o índio nativo, o negro africano e o branco europeu, somos afromusicais, euromusicais, pardomusicais. Os registros musicais das práticas culturais são muito recentes, assim, existe uma diversidade de festas populares no Brasil, e em cada lugar adquire características próprias. Ao tratar das músicas das festas do catolicismo popular, que são documentos sonoros, reminiscências de outras épocas que se juntam ao fazer atual, em muitos festejos, até os dias de hoje, são repassados pela oralidade e pelo exemplo.

De acordo com Matos (2005), Mario de Andrade, na primeira metade do século XX, no período moderno, cuidou de registrar e desdobrar intensa atividade institucional, encorajando e orientando projetos de registro elétrico-mecânico de música folclórica

brasileira. É nele que se articulam pela primeira vez, de modo sistemático, os vetores musical e popular-folclórico e, exemplarmente, manifesta-se sua vocação para orientar projetos coletivos na cultura artística brasileira. Para afirmar essa tendência, Morais Filho (1979) também descreve, com muita riqueza de detalhes, festas e tradições populares do Brasil, a exemplo apresenta-se a descrição de um festejo de Folia de Reis no interior da Bahia:

os ranchos, ao fogo dos archotes, ao som das frutas [sic] e violões, dos cavaquinhos e pandeiros, das cantorias e castanholas, dirigem-se ao presepe da Lapinha, às casas conhecidas em que se festeja o Natal, ou tiram Reis à aventura do acaso. A partir das oito horas começam a desfilar os primeiros bandos. Embora prevenidas, as casas que os têm de receber conservam a porta fechada, não obstante os dramas pastoris e as danças estarem em atividade. Chegando um deles ao ponto convencionado, à casa que deve entrar, a música preludia o canto, que rompe, seguido de coro (MORAIS FILHO, 1979, p. 58).

Sãos os festejos que trazem consigo todo um aparato religioso que está embebido de significados que podem possibilitar a unidade aos grupos que as realiza. Os espaços ocupados pelas festas do catolicismo servem de cenário para a manifestação da religiosidade e suas expressões musicais.

O fenômeno sonoro e a própria música que ocorre nas festas, conforme afirmação de Petrágia (2010), ganham uma dimensão que se mostra altamente reveladora das qualidades de um ambiente e dos seres humanos nele inseridos. Aquilo que de fato é ouvido, os sentimentos que evocam e o significado podem ser tingidos por toda sorte de experiências pessoais, coletivas, inseridas no contexto histórico-cultural.

Desse modo, na dimensão da música tradicional que compõe as paisagens das festas populares, fica evidente o papel agregador que a música proporciona entre as pessoas. Fica também claro que o espaço ocupado na vida das pessoas pela música é amplo. A música tem presença sutil, porém exerce papel fundamental durante as festas. Esta, quando ligada às manifestações da cultura popular, serve não só de suporte ao aprendizado lúdico, como também uma renovadora dos valores ligados a essa comunidade (VILELA, 2013).

### **1.2.1 Festas Populares em Pirenópolis**

Em Pirenópolis, várias práticas festivas foram permeando a história cultural da cidade, desde a chegada dos bandeirantes em 1727, no século XVIII. No início do povoamento, as sociabilidades no pequeno vilarejo aconteciam sob a guarda da religião. A Matriz de Nossa Senhora do Rosário, monumento que ocupa a centralidade do antigo Arraial de Meia Ponte,

tinha como filiais, segundo Jayme (1971): a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, erigida, entre 1743 e 1757, pela irmandade de mesmo nome, demolida na década de 1940; a Igreja de Nossa Senhora do Monte do Carmo, sem data precisa de construção, mas foi a terceira a ser edificada; a Igreja de Nosso Senhor do Bonfim, construída entre os anos de 1750 e 1754, e a Capela de Nossa Senhora da Boa Morte da Lapa, erigida pela extinta Irmandade de Nossa Senhora da Lapa dos Pretos Livres, fundada em 1760, inacabada, não chegou ao século seguinte. Sem contar as inúmeras capelas rurais espalhadas pelo município.

As igrejas, suas imediações e os aspectos naturais são cenários de uma paisagem imortalizada pela memória. Nestes espaços as festas populares manifestam-se imbuídas de sentidos e, por isso, preservada pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), tombados na sua materialidade — o centro histórico da cidade em 1989 —, e na sua imaterialidade em 2010, com o registro de sua celebração maior — os festejos em homenagem ao Divino Espírito Santo.

As práticas festivas enraizadas em um passado longínquo, atreladas ao modo de vida cotidiana dos nativos, alicerçados pelo desenvolvimento de suas bases econômicas, compõem os arranjos sócio-espaciais de Pirenópolis. A religião católica é predominante no município, embora a padroeira seja Nossa Senhora do Rosário, a festa maior é em louvor ao Divino Espírito Santo, que há quase duzentos anos é realizada anualmente.

O calendário festivo religioso da cidade abarca inúmeras manifestações ora ligadas diretamente a igreja, ora ligada à prática leiga. O natal é comemorado com as rezas de presépios, terços cantados, Folias de Santos Reis; jornada dos carros de boi em louvor a São Sebastião, terço cantado dos cavaleiros, vias sacras realizadas na quaresma, Semana Santa com as procissões, folias do Divino, cavallhadas, congos, contradança, banda de couro, reinados, juizados, folia de São João, luau na Festa do Morro em louvor a Santíssima Trindade, Festa da Capela em louvor a Santana, Festa do Doce em louvor ao Divino Pai Eterno, festa de Senhor do Bonfim, Festa da padroeira da cidade Nossa Senhora do Rosário entre outras. Além de outras festas que acontecem junto às capelas rurais, por todo município. Cada uma com suas sonoridades características, sendo que, em uma visão geral e superficial dos festejos, percebe-se que estão presentes em praticamente todos os meses do ano.

Muitas festas estão ligadas ao calendário litúrgico e/ou ao calendário agrícola. Os ciclos festivos relacionam-se às duas estações bem definidas do Cerrado, o período das chuvas e o período da seca. A percepção da paisagem está profundamente entrelaçada com os acontecimentos festivos. Para entender a complexidade de uma festa popular religiosa em

Pirenópolis, existe uma multiplicidade de possibilidades de análise. As práticas católicas são efetivadas pelas inúmeras igrejas e capelas existentes no município.

No ano de 2010, teve sua festa maior registrada como patrimônio da cultura imaterial pelo Iphan, que foi a Festa do Divino Espírito Santo, realizada em Pentecostes.

A festa é composta por um grande número de eventos e celebrações. As folias da Roça, da Rua e do Padre que “giram” os bairros da cidade e a zona rural do município, recolhendo donativos para a festa. As celebrações do Império, com os cortejos do Imperador, jantares, novena, missas cantadas, alvoradas, levantamento do mastro e queima de fogos. As Cavalhadas, encenação de batalhas medievais entre mouros e cristãos. Os mascarados que, a pé ou a cavalo, circulam irreverentes pelas ruas e no Campo das Cavalhadas. A encenação de dramas e operetas e do auto “As Pastorinhas”, além de ranchões, bailões sertanejos e outras formas de expressão associadas à festa. O Reinado de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e o Juizado de São Benedito (deslocados de suas datas originais, outubro e abril, respectivamente), antigas festas de pretos, com seus congos e congadas e suas tradicionais distribuições de doces. A Cavalhadinha complementa a festa: realizada essencialmente por crianças, é a reprodução-mirim dos festejos e momento máximo de socialização de uma nova geração nos valores culturais essenciais aos pirenopolinos (IPHAN, 2010, p. 4-5).

As manifestações culturais, descritas nesta festa como celebração, são ricamente ladeadas de sonoridades festivas. Além dessas comemorações, outros festejos menores são realizados durante o calendário anual. D’Abadia refere-se à festa como superação de distâncias entre indivíduos, que refazem e fortificam o espírito cansado pelas angústias do cotidiano, diminuem as tensões da vida, em função de restabelecer as energias para dar continuidade à sociedade (2014, p. 47).

A festa tem seu papel de coesão social e moral, que visa contribuir para continuidade de dadas culturas. O homem tem um importante lugar no catolicismo, a prática religiosa das festas do catolicismo é compreendida como devoção, como um sentimento religioso, uma dedicação íntima e um afeto a um objeto ou santo de especial veneração, cuja adoração dá-se de forma coletiva e popular, pautada nas trocas entre os homens ou entre os homens e as divindades.

O imaginário religioso, somado às crenças, à linguagem, aos mitos, aos sentimentos, às labutas do campo, à lida com a terra, com a vida e com a morte compõem o universo do homem rural, definindo seu espaço cultural: uma dimensão peculiar, própria deste homem, de sua comunidade. A música tradicional é a expressão musical desta “dimensão cultural” de sua origem; e que só faz música tradicional quem habita, de uma forma ou outra, esta “dimensão” (CORRÊA 2002, p. 65).

As dimensões culturais da festa religiosa estão estritamente relacionadas às músicas entoadas que compõem a paisagem sonora. O universo particular das festas revela os gostos,

as vontades, as crenças e os valores que constituem experiências com o sagrado e o fazer da vida social. Há inúmeras festas religiosas, cada uma possui suas sonoridades próprias que só quem vivencia sabe identificar os sentidos e significados dos sons. As inúmeras festas estão imersas no rico patrimônio cultural, disseminados como parte da vida das pessoas. Assim, folia é festa. Um tipo de festejo que tem como intuito inicial a catequização que é realizada por meio das músicas.

### 1.3 FOLIA: FESTA MUSICAL

As folias estão presentes em quase totalidade do território nacional, no entanto cada uma tem seu jeito próprio de se organizar. Elas são práticas religiosas tradicionais que tem por objetivo divulgar a devoção a um santo, reunindo um conjunto de expressões culturais. São várias as folias e diversos os santos homenageados — São Sebastião, Santa Efigênia, Divino Espírito Santo, São João, Santana, Santa Bárbara, dentre outros. As festividades das folias possuem um conjunto de formas criadas pela natureza, ambientando-se nos espaços, de acordo como se apresentam, e pelo homem que são passíveis de serem pesquisadas.

São festejos de origem lusitana, trazidos para o Brasil nos primórdios da formação do território colonial português nas Américas. De acordo com Moura, a folia “é um festejo de origem portuguesa que ainda hoje mantem-se vivo nas manifestações folclóricas de muitas regiões do país” (2004, p. 185). As folias são práticas rurais, ligadas ao catolicismo popular, que tem por finalidade o peditório de donativos. Seus rituais incorporam valores, crenças, sentimentos de pertencimento e identidades com o espaço de vivência. Desse modo,

as folias também contribuem para disseminar e aclimatar o catolicismo, criando momentos de reafirmação da fé, conagração coletivo e quebra da rotina. Na maioria das vezes é a promessa que move muitos devotos a deixarem suas casas e adentrarem outras como divulgadores da chegada de um Deus Menino que renasce a cada ano nas lapinhas dos moradores (BRITTO, 2015, p. 178).

Estas manifestações do catolicismo popular se apresentam como uma herança social do saber, constituídas por conjuntos de valores, crenças, regras, tradições, ensinamentos e costumes, produzidos e transmitidos no interior de uma sociedade. São conhecimentos acumulados e reproduzidos na dinâmica da paisagem quando se refere à sua diversidade de elementos simbólicos, musicais, religiosos e culturais, formados por seu contexto de realização, abarcando múltiplas implicações. As paisagens das folias são portadoras de

significados, constituindo sons musicais que reverberam em uma dimensão objetiva e em uma dimensão subjetiva, traduzida pelas emoções e devoções daqueles que a vivenciam.

A religiosidade e a devoção presentes nas folias fazem-se mediante seus guias, o pagamento de promessa e a vontade de festejar que mantêm acesa esta prática, herdada dos portugueses, apropriada pelo povo e sendo realizada até os dias atuais, em muitos locais do Brasil. Torna-se indispensável compreender suas origens, pois continuam a manifestar em essência. Caracterizam-se por um movimento circular cujo fio condutor é a música e tem por finalidade a crença em uma história mítica, voltada para o santo de devoção.

As Folias de Santos Reis são as que acontecem em maior número e fazem-se presentes em todo país, com destaque para São Paulo, Minas Gerais e Goiás. Todos os anos, comemora-se a saga de adoração dos três Magos do Oriente ao menino Jesus, quando um grupo de foliões, guiados pela bandeira representativa dos santos e munidos de instrumentos musicais, como a viola, o pandeiro, o acordeom, a caixa, giram manifestando a sua religiosidade.

Brandão discorre que a folia é “essencialmente uma prática religiosa coletiva e uma sequência de rituais entendidos como capazes de colocar em evidência a solidariedade entre todos os participantes” (2004, p. 396). Na mesma perspectiva, Pessoa (2005) apresenta as Folias como forma de saber, ou seja, uma compreensão de mundo realizada pelos sujeitos sociais que a praticam e a compõem, além de ser voltada para a solidariedade humana. Nas Folias, há oportunidades de desenvolvimento de práticas de aprendizagem dos saberes populares outrora guardados na memória daqueles mais velhos, sendo repassados e vividos pelos mais novos, no conjunto da prática religiosa cultural.

A Folia de Reis por razão básica, que é uma observância estrita do sentido da viagem, com um começo, um meio e um fim. O que substancialmente, diferencia a Folia de Reis dos outros reisados é o giro. Em outros reisados, há o movimento de andar de casa em casa, mas não há, como na Folia de Reis, um pacto entre padroeiro (Santos Reis), agentes (foliões, gerentes, festeiros e seus auxiliares) e devotos (os moradores), pelo qual ficam estabelecidos estreitos compromissos: o padroeiro oferece as bênçãos e proteção e recebe a generosa dedicação de todos; os agentes dedicam-se inteiramente ao serviço tanto do padroeiro quanto dos devotos; e os devotos se comprometem a receber a fé a visita do padroeiro e retribuir com donativos generosos suas bênçãos e sua proteção (PESSOA; FÉLIX, 2007, p. 193-194).

A ação de se deslocar de um lugar para outro, na folia, tem como ponto de intersecção a ligação entre a viagem mítica dos Reis Magos e a viagem real dos foliões, que unem a história mítica realizada pelos magos até o local da manjedoura com a dos foliões no tempo presente. Os espaços percorridos trazem paisagens que vão-se revelando e modificando de

acordo com as mudanças provocadas pelo movimento do andar de casa em casa. A atenção dada a cada detalhe do percurso pelos foliões é expressa nos versos improvisados que compõem as paisagens sonoras da festa.

As folias em geral são manifestações que se caracterizam pelos rituais das bandeiras, que consistem em uma reunião inicial, popularmente chamada de junta. Na sequência, tem-se o ritual da saída, o giro pelas residências dos devotos, para coleta de donativos, os pousos onde essas bandeiras descansam em um altar e a entrega da arrecadação. Estes momentos ritualísticos - iniciado pelo lado leste e finalizado no sentido oeste — agregam, no trajeto, pessoas e lugares sob o comando simbólico das músicas que contrapõem todo ritual. Trata-se de uma prática que adquiriu especificidades, singularidades e complexidade ao produzir as celebrações.

A ação sobre o tempo torna a Folia uma manifestação cultural representativa da vida social. A persistência dessa tradição sobre o tempo é resultante dos ensinamentos passados de geração para geração (PESSOA; FÉLIX, 2007), da influência das migrações e do entendimento daqueles que lideram a peregrinação. É uma festa musical, mas sem nenhuma partitura ou qualquer outro mecanismo de aprendizagem que não a transmissão entre os pares. Não é possível precisar quando a primeira folia deu início aos giros em Pirenópolis, porém até os dias atuais várias folias percorrem o município, perfazendo seus rituais de peditório de donativos em nome do santo de devoção, embaladas pela cantoria dos foliões.

### **1.3.1 As Folias: Giros pelo Município de Pirenópolis**

No município de Pirenópolis existe um extenso calendário anual de festas. Muitos festejos estão relacionados ao calendário litúrgico da Igreja Católica e outros estão às margens desse calendário. Desse modo, várias Folias de Reis giram no município, a exemplo: Folia de Reis da Região de Santa Rita, Folia de Reis de Lagolândia, Folia de Reis da Região do Tortinho, Folia de Reis do Engenho de São Benedito, Folia de Reis de Radiolândia, Folia de Reis do Malhador e Folia de Reis da Cidade de Pirenópolis, além das três Folias registradas pelo Dossiê do Iphan (2010) que homenageiam o Espírito Santo, no período de Pentecostes, e fazem-se presentes no município, há pelo menos dois séculos, integrando uma densa rede de foliões, devotos, praticantes e visitantes destas manifestações.

Outras folias também são conhecidas no município como a de São João em Lagolândia e Folia de Santana na Capela do Rio do Peixe. A primeira é uma manifestação

predominantemente feminina que gira pelo distrito de Lagolândia durante o dia (CURADO, 2011). A segunda ocorre no mês de julho durante as comemorações da romaria de Santana, conforme analisou Lôbo (2011).

Em 2015, foi criada uma nova paróquia no município: a Paróquia de Santa Bárbara, localizada no bairro do Bonfim e na comemoração do primeiro ano de existência, os paroquianos criaram uma folia em louvor à santa padroeira.

As músicas cantadas na folia de Santa Bárbara são adaptações dos cânticos das Folias de Santos Reis e das entoadas nas folias do Divino Espírito Santo, quando são trocados os nomes dos Santos Reis ou do Divino para o de Santa Bárbara. Os músicos são recorrentes nas folias pirenopolinas e promoveram alguns encontros destinados a ensaios das músicas.

Durante o Projeto Artes e Saberes nas Manifestações Católicas Populares<sup>5</sup> foram levantadas e visitadas diversas Folias que giram o município de Pirenópolis (ilustração 6).

A rede festiva extrapola as fronteiras do município. Os foliões-músicos podem integrar uma ou várias folias, pois, são conhecedores dos saberes da festa, que, acompanhados por seus instrumentos musicais, compõem a paisagem sonora desses festejos. O fazer da folia está ligado aos laços de solidariedade, a cortesia entre foliões, as afinidades para tocar e cantar.

No calendário exposto na ilustração 6, fica explícita a quantidade de folias existentes no município de Pirenópolis, porém nem foi possível aos pesquisadores listar e catalogar todas as folias, devido à simultaneidade do evento e ao curto prazo de pesquisa, que ocorreu no período dos giros das folias. Diante dessa quantidade de manifestações que acontecem em quase todos os meses do ano, cada uma tem suas particularidades que as tornam manifestações únicas, passíveis de serem pesquisadas em busca de uma compreensão maior da sociedade e de como as pessoas se organizam para vivenciarem suas festividades próprias.

Uma característica comum entre folias é que os foliões reúnem antes da viagem; realizam as bênçãos das bandeiras, elemento central da Folia, que representam a personificação do santo de devoção e realizam o ritual de invocação dos Santos como protetores com cantorias. As músicas entoadas nestas cantorias podem ser consideradas como poemas que narram os eventos humanos na sua religiosidade, conduzindo os partícipes a rememorar a cada ano o que na obra de Eliade (1992a, p. 19) é apresentada como o culto ao “simbolismo do centro”. Este autor afirma que as cidades, os templos e as casas compõem o referido centro por tornarem-se reais.

---

<sup>5</sup> Fomento: Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de Goiás — Fapeg, Chamada Pública 005/2012.

**Ilustração 6 — Calendário de Folias de Pirenópolis — 2016**



# FOLIAS DE PIRENÓPOLIS 2016

## Janeiro

D	S	T	Q	Q	S	S
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30
31						

1 à 6 - Folia de Reis da Região do Tortinho  
 1à 6 - Folia de Reis do Godinho  
 1à 6 - Folia de Reis da Lagolândia  
 1à 6 - Folia de Reis da Radiolândia  
 12 à 18 - Folia de Reis do Engenho

## Fevereiro

D	S	T	Q	Q	S	S
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	

## Março

D	S	T	Q	Q	S	S
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30
31						

## Abril

D	S	T	Q	Q	S	S
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	31					

22 à 30 - Folia do Divino da Renovação Cristã  
 29/04 à 08/05 - Folia do Divino - Zona Urbana  
 29/04 à 08/05 - Tradicional Folia do Divino - Zona Rural

## Mai

D	S	T	Q	Q	S	S
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

29/04 à 08/05 - Folia do Divino - Zona Urbana  
 29/04 à 08/05 - Tradicional Folia do Divino - Zona Rural

## Junho

D	S	T	Q	Q	S	S
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30		

24 - Folia de São João

## Julho

D	S	T	Q	Q	S	S
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30
31						

24 - Folia de Santana

## Agosto

D	S	T	Q	Q	S	S
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30
31						

27 à 29 - Folia de Reis do Malhador

## Setembro

D	S	T	Q	Q	S	S
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30

## Outubro

D	S	T	Q	Q	S	S
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	31					

31/10 à 2/11 - Folia de São Sebastião

## Novembro

D	S	T	Q	Q	S	S
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30

31/10 à 2/11 - Folia de São Sebastião

31 à 2 - Folia de Santa Bárbara

## Dezembro

D	S	T	Q	Q	S	S
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30
31						

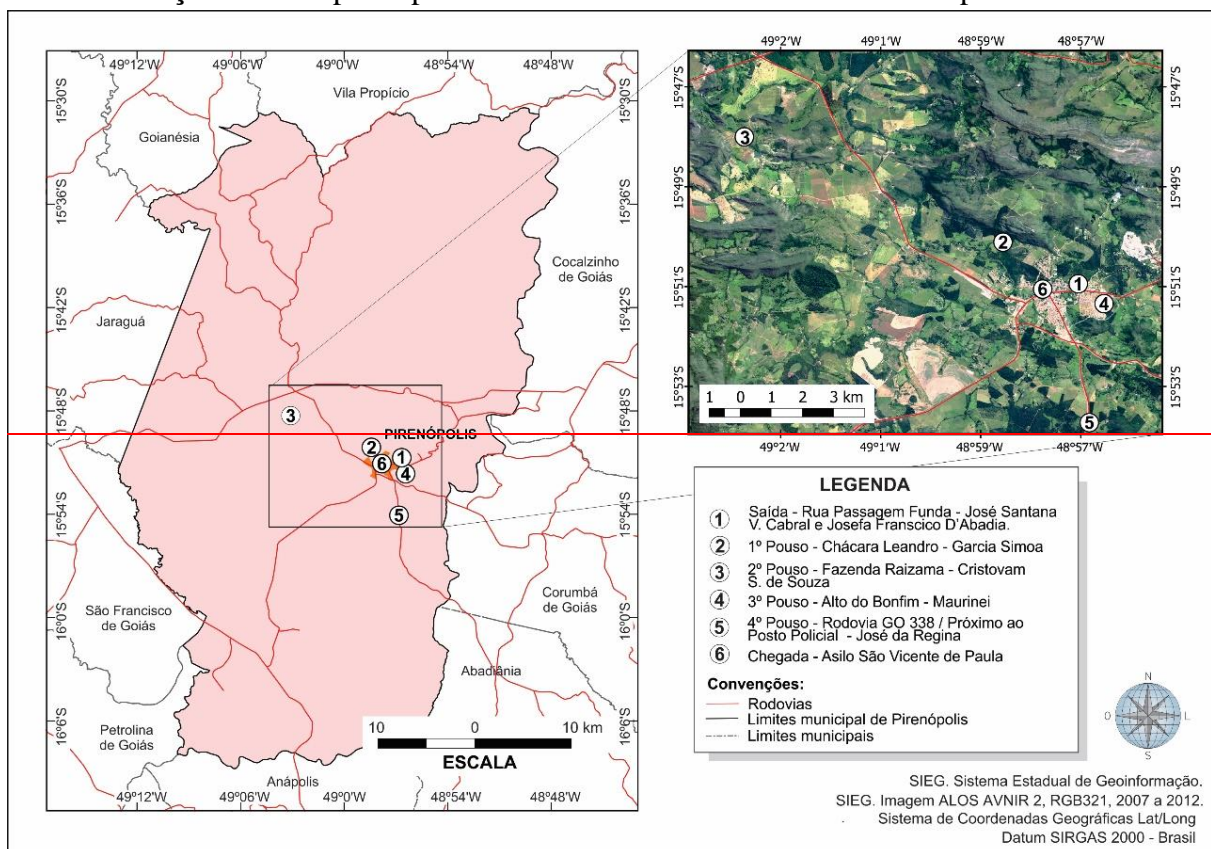
26 à 30 - Folia de Santos Reis de Pirenópolis

### 1.3.2 Folia de Reis da Cidade

Recordamos que a Folia de Santos Reis da cidade de Pirenópolis, assim intitulada por ter seu percurso realizado durante o dia, predominantemente pelas ruas dos bairros do Bonfim, do Carmo, da Lapa e chácaras circunvizinhas. Seus rituais acontecem entre os dias 26 a 30 de dezembro, todos os anos, desde 1986.

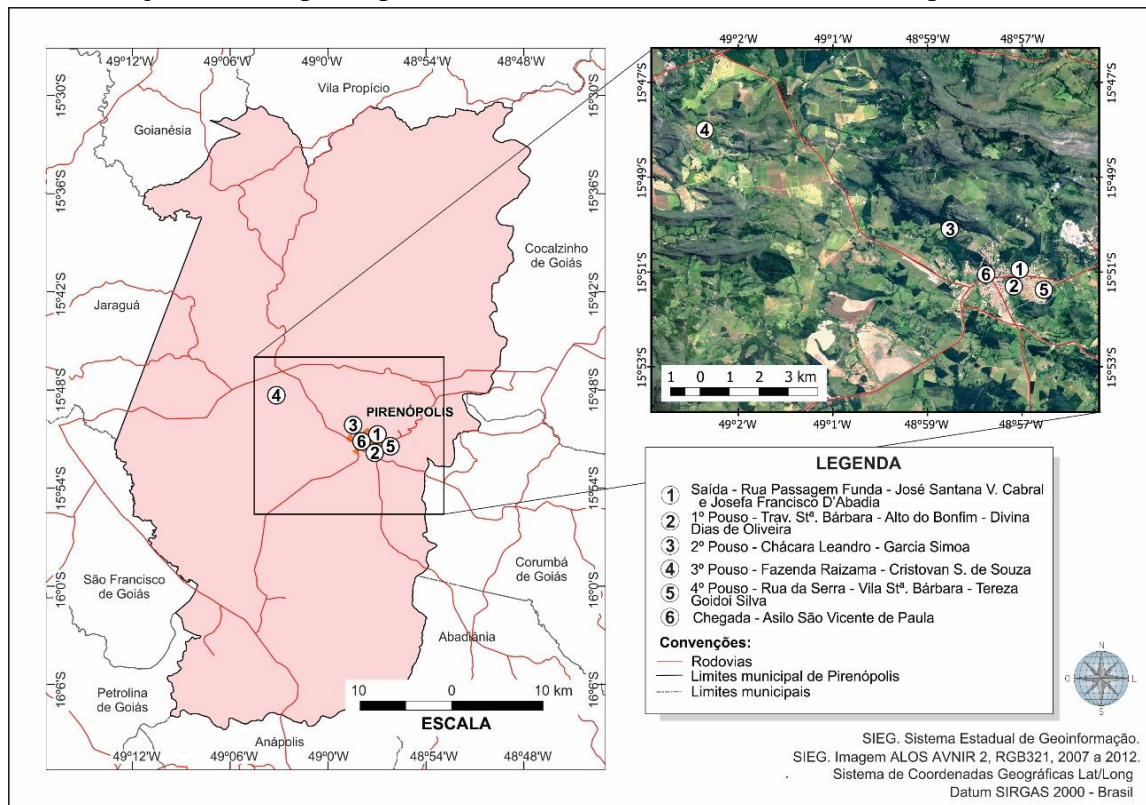
As ilustrações 7 e 8 mostram os caminhos que os foliões percorreram durante o giro da folia, nos anos de 2015 e 2016. Houve pouca variação dos pousos de um ano para o outro. O percurso da folia visa forma circular, para tanto os pousos são estrategicamente pensados evitando que as bandeiras não voltem aos espaços percorridos anteriormente durante o trajeto realizado no ano. As ilustrações não deixam claro a circularidade do giro, porém, os foliões no percurso entendem como circular não percorrer o mesmo espaço duas vezes. Por isso definem o trajeto com base nos pousos que são decididos antes do giro da folia, escolhendo os caminhos por onde vão passar.

**Ilustração 7** — Mapa do percurso da Folia de Santos Reis de Pirenópolis em 2015



**Mapa:** Rodrigues, 2017 **Org.:** Lôbo e Curado.

### Ilustração 8 — Mapa do percurso da Folia de Santos Reis de Pirenópolis em 2016



Mapa: Rodrigues, 2017 Org.: Lôbo e Curado

A Folia de Santos Reis de Pirenópolis é identificada por possuir duas bandeiras que no percurso separam dois grupos que só se encontram no final do dia para a chegada no pousa. Cada grupo tem o alferes da bandeira, os embaixadores da folia, os foliões músicos, os foliões que acompanham e o palhaço. Estes grupos visitam as residências ao longo do trajeto até a casa do pousa – local de pernoite das bandeiras.

Os músicos vêm de uma variedade de lugares como Abadiânia, Anápolis, Corumbá de Goiás e de outras regiões do município de Pirenópolis, a função de visitar estas localidades e contatar os foliões é do regente, figura de destaque na organização do grupo. “A Folia cumpre uma jornada. Isso é o mesmo que dizer que os foliões se reconhecem obrigados por devoção a participarem dela” (BRANDÃO, 2004, p. 383).

As articulações para escolha desses lugares acontecem entre os foliões, ao longo de todo ano, e ocorrem em meio aos encontros do cotidiano, nas portas das casas, nas ruas, na feira e em outros espaços. Nestes momentos além das definições dos locais dos pousos, são escolhidos os grupos que serão convidados para tocar, cantar e girar a folia e, a rota circular é traçada constituída pelas casas onde os pousos acontecerão.

A casa do pousa é um espaço sacralizado pelas cantorias da companhia dos Reis Magos. O devoto que recebe as bandeiras é um ser privilegiado, pois tem na intimidade do lar

a condição de temporariamente servir de cenário para um templo sagrado. Os arcos ornados na porta, os altares enfeitados, as mesas fartas de alimentos formam um conjunto harmônico de elementos que servem para serem louvados. Para Bachelard, cada canto da casa é um verdadeiro cosmos que evoca, com frequência, esse elemento da poética do espaço (2008).

As dificuldades do grupo em definir todos os pousos são várias, ora por falta de interessados em ceder sua moradia, ora por conflitos internos entre os foliões. Cabe aos alferes articular donativos, para realização dos pousos. É comum, algumas vezes, a cessão do direito do pouso para alguém que precisa cumprir voto com os Santos Reis, pagar promessa ou manter uma tradição familiar. Estas são as causas constantes dos desentendimentos e conflitos internos do grupo.

A lista com as casas em que realizarão os pousos e a rota do giro são confirmadas apenas no dia do junta — momento de início dos rituais de peditório de esmolos que caracterizam esta festividade. Nesse local, os foliões recebem as camisas e os lenços que comporão o uniforme dos foliões, durante os dias de festa. São também entregues as guias, broche formado por uma fita e, às vezes, uma medalha dos Reis Santos, acompanhados do crachá que indica o cargo ocupado pelo folião durante os rituais. Os foliões também ajustam seus instrumentos musicais, arrumando os acordoamentos e afinando-os, para dar início às músicas dos rituais festivos.

Apesar dos pousos serem abertos ao público, são considerados foliões os partícipes que recebem a guia e os cargos que definem a hierarquia — alferes, regentes, salveiros, embaixadores-músicos, músicos-foliões, procuradores, palhaços e, os demais, foliões. Os alferes são responsáveis diretos pela organização dos rituais e geralmente portam a bandeira da Folia, sendo que são os dois alferes. Os regentes auxiliam os alferes, coordenando o giro e os pousos, para que o ritual seja cumprido.

Os embaixadores são músicos responsáveis por ter, na memória, a pauta da história que conduz a folia pelo seu giro. São os responsáveis por relacionarem dois mundos: o momento real e a história mítica dos Reis em viagem, para visitar o menino Jesus. Essa interação contraditoriamente surgida dos conflitos entre mundos cujo “tempo e o espaço são outros, são simbólicos; carregados de sentidos e significados” (D’ABADIA, 2014, p. 10), compõem o universo dinâmico e complexo da vida cultural.

Os músicos que coordenam os cânticos de chegada e saída da folia tocam os versos nos altares e os agradecimentos à mesa. Os procuradores cuidam da organização das filas para a distribuição da comida. Os palhaços mascarados acompanham o grupo com um cajado que marca o compasso das músicas durante o giro, são responsáveis por fazerem brincadeiras para

alegria das crianças, e, dentro do ritual, são responsáveis por afastar os maus espíritos. Os salveiros anunciam o início dos rituais, estourando os fogos de artifício. A hierarquia é respeitada pelos demais foliões que entendem que esses cargos são imprescindíveis à realização dos rituais que estruturam a festa da Folia. Cada um com uma produção sonora diferenciada, como foi exposto.

Os partícipes e devotos que acompanham esta Folia pertencem às classes mais humildes da população local. Os foliões, em sua maioria, são oriundos de outras regiões, apesar dos organizadores — os alferes — morarem em Pirenópolis.

Ao longo do giro, tanto as ruas do percurso quanto as casas visitadas constituem paisagens singularizadas, descritas pelo repertório musical da folia que, muitas vezes, tem as letras improvisadas para contemplar os elementos encontrados pelo caminho. O circuito itinerante serve de inspiração para as músicas que ora cantam o casal que recebe a bandeira, ora o dono do bar que pede as bênçãos dos Reis para seu estabelecimento comercial (Ilustração 9 e 10). Em todo percurso da folia, cada paisagem é única, mesmo que no ano anterior a folia tenha passado pela mesma rua, as pessoas podem ser outras, tanto os foliões como os que recebem, portanto, é um instante único e não se repete.

**Ilustração 9** — Folia na casa do morador, dez/2013    **Ilustração 10** — Folia no bar, dez/2015



**Fonte:** Banco de dados do Projeto Arte e Saberes nas Manifestações Católicas Populares

As dimensões do tempo ganham intensidade, o momento é único e significativo, o tempo mítico, o tempo cíclico, o tempo anual, as estações do sertão (seca e chuvosa) ganham sentido. Os festejos da Folia de Santos Reis acontecem no período chuvoso, a vegetação é verde clara, os caminhos têm cheiro de mato molhado, as estradas de chão batido ganham poças d'água que refletem as nuvens, na hora da chuva, os relâmpagos e trovões riscam o céu.

As sensações térmicas de frescor e os trajes rurais trazem homens e mulheres vestidos de calça, camisa, normalmente xadrez, calçados de bota ou botina, chapéu na cabeça e lenço pendurado no pescoço. A indumentária do folião o identifica, pois, sempre teve um padrão de vestimenta. Ao analisar o vestuário da Folia do Divino Espírito Santo de Pirenópolis, que, neste aspecto, não é diferente da Folia de Santos Reis, a despeito desta temática, D'Abadia e Curado, apresentam os trajes dos foliões que tem relação com

as hierarquias de encargos ritualísticos atualmente são demarcadas pela utilização de crachás com a função grafada, pois todos os foliões vestem a camisa de uniforme, calças jeans, botinas, chapéus e os distintivos com feições de uma pomba que representa o Divino. Os lenços amarrados ao pescoço nem sempre são utilizados por todos. Outras indumentárias se fazem presentes como os cintos com grandes fivelas, os óculos escuros, botas que substituem as botinas, dentre outros adereços (D'ABADIA e CURADO, 2015, p. 9).

De acordo com a ilustração 11, na Folia de Santos Reis da cidade a indumentária dos foliões os caracterizam, os homens e mulheres que participam ativamente do ritual também vestem-se a caráter, tornando nítido o vestir da área rural. Os instrumentos musicais fazem parte dos acessórios dos foliões músicos, são enfeitados de fitas coloridas. Os crachás pendurados no peito deixam explícita a função de cada partícipe.

**Ilustração 11** — Fotografia da Indumentária dos foliões



**Fonte:** Banco de dados do Projeto Arte e Saberes nas Manifestações Católicas Populares — dez/2013.

Os palhaços, personagens lúdicos que compõem o grupo, têm sua própria vestimenta, utilizam máscaras, roupas coloridas de tecido de chita, portam um pau com chocalho na ponta

que ajuda a dar o ritmo da folia (Ilustração 12). Segundo informações dadas em entrevista, quando uma pessoa decide ser este personagem por promessa ou necessidade de ter alguém no grupo que realize esta função, este deve permanecer na mesma durante, no mínimo, sete anos, para que não seja atingido pela má sorte.

**Ilustração 12** — Fotografia dos foliões, com destaque para o palhaço



**Fonte:** Banco de dados do Projeto Arte e Saberes nas Manifestações Católicas Populares — dez/2015.

Na ilustração 12, observamos, ainda, o folião, que nesta Folia é uma mulher que, além da bandeira e da vestimenta típica de folião, traz atravessado ao corpo um embornal, adereço sacralizado para guardar os donativos arrecadados. Esta foliã — ou foliona, conforme a identificação dos partícipes — ocupa o cargo de alferes da bandeira, um dos cargos importantes da hierarquia da Folia e não comumente ocupado por mulheres. Os demais integrantes do grupo, em sua maioria, são identificados pelos chapéus, lenços no ombro e botinas.

As paisagens encontradas nas festas compõem um campo simbólico, que é interpretado e comunicado por meio das músicas entoadas nos vários momentos do ritual. A troca massiva do campo pela cidade, depois da segunda metade do século XX, trouxe para os novos espaços ocupados o fazer das festas rurais como uma forma de amenizar as saudades da vida no campo, que passou a refletir nas paisagens festivas do catolicismo popular. O estudo dos sons musicais da Folia de Santos Reis de Pirenópolis faz-se relevantes, quando busca as nuances de uma especificidade musical que marca o homem e é por ele marcada.

## **2 RITMO: SONS E RITUAIS DA FOLIA DE SANTOS REIS**

O *Ritmo* é o guia no segundo capítulo, cujos rituais estabelecem os tempos da festa em um movimento regular e periódico no curso da Folia, constituindo pulsações que completam o movimento macro de um festejo do passado que continua a acontecer no presente e no movimento micro que são os acontecimentos de um ritual singular de Folia de Santos Reis que é realizado na cidade de Pirenópolis, Goiás.

Para tanto, pretende-se abordar o contexto de surgimento da temática da Folia de Santos Reis, recuperando sua historicidade, por meio daqueles que a praticam, com base em um quadro teórico que dê conta da complexidade desta manifestação, investigando as músicas dos rituais, em um movimento de compreender esse fenômeno cultural. Ao analisar a importância da musicalidade presente nos rituais da Folia, torna-se perceptível, nos versos entoados, as sequências de músicas que dão ritmo à manifestação.

Desse modo, o presente capítulo busca compreender os sentidos e significados diversos do ritual da Folia de Santos Reis, realizada após os festejos natalinos, na cidade de Pirenópolis, intermediado por suas práticas, em que a musicalidade tem papel essencial.

Apesar da Folia de Santos Reis observada realizar rituais semelhantes ao de outras Folias, cada uma tem sua peculiaridade, reconhecida por aqueles que entendem a participação em uma folia como uma maneira de interpretação da própria vida. Assim as singularidades deste grupo conduziram as interpretações aqui apresentadas.

### **2.1 OS TEMPOS DO RITUAL DA FOLIA**

Os foliões e suas bandeiras emolduram cenários previamente planejados e esperados para efetivação de práticas ritualísticas. Os rituais tradicionais da Folia de Santos Reis influenciaram e foram influenciados pelo cristianismo. E, desde então, compõem o modo de ser no mundo das pessoas que vivenciam uma manifestação que, há muito tempo, existe na história da humanidade.

Para desprofanar o tempo foi criado o calendário cristão, como um dos mecanismos de dominar e de sacralizar o tempo com o intuito de levar a humanidade à salvação. Para difundir o culto da cristandade foram escritas, no século XIII, biografias de Santos com intensão de auxiliar a pregação, disseminar valores morais edificantes e arregimentar um maior número de fiéis para a Igreja Católica. O arcebispo italiano Tiago de Varazze escreveu uma coleção popular neste período, intitulada *Lenda Dourada* e analisada por Jacques Le Goff

(2014). A obra parte da concepção de tempo preconizada pelo cristianismo, que buscou examinar o tempo temporal, o tempo santoral e o tempo escatológico, tempos estes pregados nos sermões da Igreja Católica, objetivando, por meio da educação e da teologia, desenvolver as faculdades racionais do homem daquele período. Assim, o tempo

temporal, quer dizer, o tempo da liturgia cristã, que é um tempo cíclico; o santoral, isto é, o tempo marcado pela sucessão da vida de santos, que é um tempo linear, e por fim o tempo escatológico. Neste último o cristianismo desenvolve o caminho temporal no qual a humanidade caminha até o Juízo Final (LE GOFF, 2014, p. 18-19).

A importância da criação de um tempo cristão constituiu as bases para adoção da cronologia do calendário litúrgico do cristianismo. “A forte presença das práticas litúrgicas na *Lenda Dourada* manifesta-se entre outras coisas, por diversos elementos que o autor deixa bem claros, sobretudo o canto” (LE GOFF, 2014, p. 44). A voz tem suma importância, principalmente quando potencializada pelos cantos, o uso de instrumentos musicais como acompanhamento dos cantos, não esquecendo que estes se inscrevem no tempo e sacralizam a sequência e os principais momentos. Lembra que a igreja tem, entre outros objetivos, ritmar o tempo pelos cânticos litúrgicos. “O canto é precisamente um instrumento essencial da sacralização do tempo” (LE GOFF, 2014, p. 46).

Nota-se a importância que a musicalidade desempenhou, desde os primórdios dos tempos, para os ensinamentos da religião, que foram amplamente disseminados por meio das letras das melodias que sustentam o cristianismo. As músicas serviram como um veículo de difusão responsável por criar o clima de devoção, colocar o homem em um universo do imaginário repleto de símbolos e vivências mitológicas capazes de darem sentido à existência do devoto, envolvendo-o e trazendo uma linguagem que expressa tanto as histórias sagradas como os ensinamentos que estão nas entrelinhas, mais acessível para compreensão daquele que crê.

O ciclo temporal, na *Lenda Dourada*<sup>6</sup>, está dividido entre quatro tempos: tempo do descaminho, tempo da renovação, tempo da reconciliação e tempo da peregrinação. Respectivamente, o primeiro vai de Adão até Moisés; o segundo de Moisés até a Natividade de Cristo; o terceiro, da Páscoa até Pentecostes e, por fim, o período atual. Restando uma

---

<sup>6</sup>Mesmo que *Legenda aurea*, em latim, texto escrito no século XIII, por Iacopo de Varazze, com cento e setenta e oito capítulos e mais de mil páginas. Manuscrito mais popular na Idade Média, depois da Bíblia. Seu conteúdo essencial é uma série de vidas de santos.

lacuna entre o Natal e a Epifania<sup>7</sup>, quando acontece a festa popularmente conhecida como Dia de Reis, o dia que os Reis Magos viram o Menino Jesus e este se manifestou a eles.

Todos os anos, a Folia de Santos Reis é comemorada no período pós-natalino, compreende-se que faz parte do tempo linear, ou seja, um tempo narrativo dos santos, constituído de um início, um meio e um fim. E também de um tempo cíclico retornando organicamente a um passado que reafirma o presente e dá forças para avançar para o futuro. Além de ser uma peregrinação, jornada dos Reis até Belém e ao mesmo tempo a jornada dos foliões em um percurso de solidariedade, em busca de donativos para ajudar o outro. Tempos que se fundem e ressignificam, tornando-se atuais.

A *Lenda Dourada*, ao tratar da Natividade de Cristo, faz a distinção entre o maravilhoso, que foi o nascimento, e o milagroso, que foi a pessoa do Cristo, pelo fato de Deus ter reunido na mesma pessoa “o eterno, o antigo e o novo”, assim “o eterno é a divindade. O antigo é a carne humana saída de Adão e continuando por gerações sucessivas através dos séculos. O novo é que a alma de Jesus transfigura a alma humana” (LE GOFF, 2014, p. 96).

Esse ritmo, estabelecido pelos ensinamentos institucionais da Igreja Católica, por vezes passados por meio das músicas, vai demarcar as temporalidades presentes nos eventos culturais e religiosos. Assim, os ritos presentes em manifestações como as Foliás são de fato um ordenador que “numa sequência de experiências diversas, unidas pelo fio condutor da consciência sociocultural e religiosa que ordena, antecipa, projeta, recorda e vive *hic et nunc*<sup>8</sup>, ligando o passado ao presente e o presente ao futuro” (TERRIN, 2004, p. 226).

As histórias sagradas, ao serem ritualizadas, vão dar ritmo ao tempo e construir os sentidos dos rituais. Nas Foliás de Santos Reis, as sequências são contadas no ato de decompor os versos musicais e transformá-los em elementos métricos. A participante da folia pesquisada em Pirenópolis (2015/2017), Marlene Maria interpreta e explica o sentido da Festa, dos Magos, vivenciada pela companhia que participa, reproduzindo uma história que há muito tempo é contada.

*Folia de Reis foi quando Jesus nasceu, saiu os três Reis, pra fazer a visita pro menino Jesus. Então não foi só dois Reis, não foi só um Reis, foi três Reis, por isso*

<sup>7</sup>Manifestação de Jesus aos gentios, notadamente aos Reis Magos. Festa religiosa cristã que celebra essa manifestação. Qualquer representação artística dessa manifestação. Aparecimento ou manifestação divina. Apreensão, geralmente inesperada, do significado de algo. <https://dicionariodoaurelio.com> (acessado em 01/03/2017). A etimologia da Epifania é normalmente explicada pelas palavras gregas *epi*, do alto, e *phanos*, aparição, que recebem duas explicações: tanto uma alusão à Estrela que guiou os Reis Magos como à revelação a esses Reis Magos do Menino Jesus como Deus verdadeiro (LE GOFF, 2014, p. 119).

<sup>8</sup>Expressão latina que significa: Aqui e agora, imediatamente, sem demora.

*que fala Folia dos três Reis Santos. O sentido é esse aí sabe. O caminhar dele até aonde encontrava a manjedoura e Jesus né. E aonde eles foram fazer a visita e a estrela guia acompanhou, guiando os três Reis Santos, para ele saber aonde estava a criança, que é o Nosso Senhor Jesus Cristo. A folia está contando a história do que aconteceu. O giro significa contar a história. Contar a história do que aconteceu aquela época, está sendo contada através do giro. Por isso que gira a Folia dos Três Reis Santos, aonde passa vai contando a história, para as pessoas não esquecer que teve essa parte onde teve os três Reis Santos que visitou o menino Jesus, né. Então é uma história a ser contada para as pessoas que se faz presente (Entrevista, 28/12/2016).*

A história inicial dos Reis Magos é originária das narrativas bíblicas, sendo mencionada em apenas um dos quatro evangelhos, o Livro de Mateus, no Novo Testamento, ocupando 12 versículos, como se observa na citação nos primeiros versículos do capítulo dois:

Os magos do oriente

*2 E, TENDO nascido Jesús em Belem da Judéia, no tempo do rei Herodes, eis que uns magos vieram do oriente a Jerusalém,*

*2 Dizendo: Onde está aquele que é nascido rei dos judeus? porque vimos a sua estrela no oriente, e viemos a adorá-lo.*

*3 E o rei Herodes, ouvindo isto, perturbou-se, e toda Jerusalem com ele (BÍBLIA, Mateus, 1977: 2, 1-3).*

Conforme transcrição, não há na narrativa bíblica a especificação de que os magos eram reis e nem que eram três — “*uns magos*” indicam a existência de mais de um — e também não há nenhuma afirmação sobre suas origens, o texto refere-se a magos que, vindos do Oriente, acompanhavam um astro celeste. A partir destes fatores de peregrinação dos magos, guiados pela estrela, a perseguição de Herodes, que, por não pertencer à descendência de Davi, se sentiu ameaçado e a sobrevivência de Jesus diante de seus perseguidores, após a fuga para o Egito, representando a vitória do *bem*.

De qualquer maneira, estas personagens relatadas no Evangelho reafirmaram a importância da natividade de Jesus, servindo como fundamento para as comemorações do culto católico do Natal. Em uma saga de histórias prodigiosas e milagrosas que fertilizaram as narrativas e a imaginação, servindo para estruturar rituais, acrescentar fatos, relativizar o tempo, suprimir dados para disseminar as histórias bíblicas, estas perpassaram por toda Idade Média, chegando aos dias atuais.

Na ilustração 13 uma representação dos Reis Magos, em que o tempo santoral, marcado pela sucessão da vida de santos, é caracterizado por um santo escolhido por Deus para representá-lo na terra em seu lugar, como um intermediário. Esse tempo é celebrado com

as festas em louvor à Maria, aos anjos, aos apóstolos, aos mártires, aos confessores e aos santos.

**Ilustração 13** — Fotografia da representação dos Reis Magos



**Fonte:** Lôbo, Aline, Dez/2016

A ilustração 13 demonstra o altar, local destinado aos santos, em que são representados de várias maneiras, por esculturas, quadros, bandeira, além da Bíblia Sagrada aberta na página que conta a história dos Santos Reis e encontra-se no ponto mais alto do altar, estampado na bandeira, na cena da visita ao menino Deus em ocasião de seu nascimento.

Santos Reis é comemorado doze dias depois do Natal. O calendário cristão tem uma organização simbólica que rememora o nascimento, a renovação, procurando sacralizar o tempo vivido. O embaixador e guia da folia (Elecy do Prado) explica a origem dos Reis e como se encontraram e juntos, guiados pela estrela, chegaram até o local do nascimento de Jesus. Histórias que servirão de aporte para a cantoria da folia.

*Cada Rei é de um país diferente. Antes deles se encontrar cada um tem sua individualidade. Depois que os três encontraram, ficaram os três Reis Santos numa divindade só. Numa individualidade só. Antes deles encontrar, eles já eram por Deus, eles não eram conhecidos, eles nunca tinham se encontrado um com outro. E um vivia num país, outro em outro país e o outro em outro país. Pra você ter uma noção da altura do negócio que um tinha 78 anos de idade, o outro 48 e o outro tinha 51, 52 não sei. Um era mouro, loiro, do olho azul, da barba serrada. O outro era moreno, alto, narigudo, barrigudo, né. E o outro era igual da África, preto de lumiá. Mas cada um tinha um poder no país dele, né... Um era criador de égua, acho que era o Gaspar, esse era do Egito. Não lembro se é Baltazar o Gaspar, não lembro mais. Eu só sei que um era criador de égua, e ele tinha doze éguas branca, porque naquela época não existia carro. Então quem tinha um cavalo esperto pra andar, ele era caríssimo. Então naquela época tinham as grandes arenas que eram disputada a corrida de cavalo e daquelas carrocinhas de duas rodas, (Biga) então o Baltazar tinha doze éguas que corriam. E ninguém ganhava das éguas dele não. Ele era forte nesse negócio, né. E o Belquior ele tinha, tinha um que tinha incenso, o outro ouro e o outro mirra. Então Deus escolheu ele que tinha capacidade de como viajar, de como locomove, ele tinha que chamar a atenção do povo, porque o povo não fazia aquilo naquela época. Como é que você ia sair de um país sem dinheiro? Tinha que ter uma financeira boa. Então até hoje, mirra é o perfume mais caro no Oriente. Somente os presidentes ou quem tem muito dinheiro que pode usar a mirra. E ela origina-se do perfume e do incenso. Da própria mirra faz o incenso também. O mais cheiroso e o mais fumacento que tem. Nos papiros antigos a mirra, o incenso feito de mirra serve para espantar os maus espíritos. E o ouro representa a riqueza, porque todo Rei tem ouro, Jesus é Rei. Então um Rei apareceu primeiro num lugar mais longe, acredito que seja na África, né. Eu acho, eu não lembro mais, eu tenho que estudar isso aí. Pesquisar pra ver quem é que levou o ouro, quem é que levou a mirra e quem é que levou o incenso. Eu sei que eram estranhos e a princípio, a estrela apareceu primeiro pra um, aí a estrela baixou na casa do próximo. Esse primeiro que apareceu, foi na casa do Belquior, daí a estrela conduziu ele até na casa do Baltazar, depois os dois conversaram: que você está fazendo aqui? Eu estudo estrelas. Os primeiros astrólogos que existiu no mundo foram os Reis, eles foram as primeiras pessoas que estudaram as estrelas, foram eles. Mas por vontade de Deus próprio é claro, eles iam ter essa inteligência de estudar estrelas, Né. Mas engraçado, eu também estudo estrela, eu não vi essa estrela. E ele diz assim, eu vi ela, lá na minha terra ela baixou aqui na sua casa. Aí demorou mais uns quinze dias descansou ali. Aí começou, uma bela noite ele viu a estrela. Aí ele falou: é ela a estrela! É mesmo! Vamos seguir, eu vou seguir essa estrela. Aí foram pra casa do Gaspar, né, aí chegou lá a mesma história. Não, eu também estou esperando essa estrela, eu não vi. Não, mas nós dois viu. Depois de uns quinze, vinte dias ela baixou. Então quer dizer que na história verdadeira, quando Santos Reis chegou na Lapa Santa, Jesus já estava falando (Entrevista, 30/12/2016).*

A natividade tem relação com a renovação, o nascimento do Cristo situa-se na aurora do tempo sagrado, criando, assim, o tempo da reconciliação e da peregrinação rumo ao tempo escatológico que é o da eternidade. Na *Lenda Dourada*, a festa dos Reis Magos é marcada pela comemoração de vários acontecimentos excepcionais que aconteceram na vida de Jesus, como as pregações que realizou sobre a terra e os milagres que fez. Mas o principal motivo das comemorações é o acontecimento tradicional em que os sábios Reis, vindos do Oriente, eram uma espécie de feiticeiros que seguiram a aparição da estrela e, tendo visto e adorado Jesus, converteram-se ao cristianismo (LE GOFF, 2014).

Nas narrativas descritas, na entrevista pelo folião de Guia torna-se perceptível a necessidade de uma história sequencial que dá sentido à Folia. Segundo a etnomusicóloga Reily, o folião de hoje mantém memórias de um tempo remoto, que são transmitidas de geração em geração, ao longo dos séculos, porém com significados ímpares para quem vivencia a Folia. Alguns relatos contam como Maria teria dado um instrumento para cada Mago — receberam uma viola, um pandeiro e uma caixa — e foram instruídos a retornar à sua terra natal, cantando para anunciar o nascimento de Cristo (REILY, 2014).

Ao descrever o processo de construção de uma cultura e do papel que ela desempenha na vida social, Geertz (1989) defende um conceito semiótico de cultura e, embasado em Max Weber, afirma que o homem é um ser cultural que constrói significados de sua própria existência e o emaranhado de fios tecidos são passíveis de serem interpretados. Desse modo, partindo, da cultura como uma construção intersubjetiva, discute-se como os sentidos do sagrado, desde os tempos idos, entrelaçam os fios que formam as teias que constituem o tecido cultural da Folia de Santos Reis.

Como indica Halbwachs (2013), a “memória coletiva”, cujo passado não é preservado, mas reconstruído coletivamente com base no presente, os sons, os cantos, assim como as palavras e os termos, as histórias contadas “não têm um fim em si mesmos; são vias de acesso ao sentido, aos sentimentos e às ideias expressas, ao meio histórico ou às imagens delineadas, quer dizer, àquilo que importa” (2013, p. 195).

A necessidade de reviver as tradições está implícita nas duas entrevistas relatadas por Marlene e Elecy. Os indivíduos podem olhar para trás, por várias razões, porém uma é comum a todos: a necessidade de adquirir um sentido do eu e referenciar sua identidade (HALL, 2003). Sempre que se assimila que o mundo à volta está mudando rapidamente, a resposta peculiar é evocar um passado idealizado e estável, o culto ao passado, a saudade dos tempos idos. Considera-se, portanto, que a Folia é marcada por vários sentidos do tempo, além de ser um dos marcos da tradição, reconhecida e mantida pela comunidade local, é uma entidade em que tudo é compartilhado e celebrado (CANCLINI, 2003). O aporte a oralidade é uma prática de conteúdo emocional, integrando e definindo o sentimento de pertencimento à cultura.

A incerteza dos fatos relatados pelo Embaixador Guia da Folia deve-se à longa história, contada através dos tempos, que em cada lugar vai se desdobrando de uma maneira. As Foliadas de Reis, peregrinações que cultuam os Reis Santos, são festas herdadas da cultura europeia que, ao transformar e desdobrar-se, fez-se presente no Brasil. Os primeiros registros de Folia no país datam do século XVIII, trata-se de uma prática do catolicismo popular, de

origem remota, de tradição repassada, principalmente, pela oralidade, que adquiriu especificidades e singularidades ao longo do tempo e em cada localidade.

A persistência dessa tradição sobre o tempo é resultante dos ensinamentos passados de geração para geração, da influência das migrações e do entendimento daqueles que lideram a peregrinação — mestre ou embaixador. Cada Guia tem sua própria maneira de contar os fatos, que estão presentes no imaginário e servem de inspiração para compor os cantos em louvor aos “Santos Reis” e ao nascimento de Cristo, que são verbalizados durante trilha ritualística. Os foliões seguem com reverência à bandeira, cumprindo rituais de forma didática, visual e festiva, revivendo a cena bíblica da visita dos três Reis do Oriente ao Menino Deus, transmitindo as informações e os conhecimentos religiosos, por meio de ritos e crenças.

A Folia é composta por músicas inspiradas na saga dos magos do Oriente, os versos são criados sob a emoção do momento e os conhecimentos passados por gerações, resultado de um fazer internalizado, praticado por aqueles que são responsáveis pela condução dos rituais de saída, do giro que é quando acontece a visita à casa dos devotos e a chegada ao local do pouso, além dos benditos de mesa e de agradecimentos pela farta comida oferecida aos foliões e às esmolas doadas.

A peregrinação da Folia de Santos Reis é realizada em seu trajeto circular espiralado, a saída, o giro, os pousos e a chegada. O ato de visitar, rezar e cantar (PEREIRA, 2011), permeados pelas cantorias, preenchem rituais festivos-religiosos e descrevem cada passo a ser realizado. Os fundamentos da Folia garantem que as festividades cumpram seu dever de transformarem-se em instrumento de mediação social e cosmológica.

A Folia de Reis consiste, basicamente, em um grupo de pessoas (homens, cantores e instrumentistas) que realiza uma peregrinação religiosa por ocasião da festa de Reis. Essa peregrinação é dividida em jornadas diárias, interrompidas nos pousos — onde rezam, tocam cantam e pedem auxílio para a realização da festa de Reis. Os foliões, devotos de Santos Reis, costumam pagar promessas com sua participação na Folia (MOREYRA, 1983, p. 144).

Os foliões dispõem de maneiras próprias de cantar, tocar e improvisar os versos da folia, de acordo com as características do local visitado. As cantorias das Falias deixam evidentes a vivência da solidariedade e solicitam também que os moradores visitados façam ofertas para Santos Reis.

O retorno cíclico dos fenômenos presentes na regularidade anual do acontecimento da Folia, em uma busca do eterno retorno, está ligado à sucessão da percepção de eventos, sem fim aparente, sempre semelhantes e, no entanto, sempre diferentes. Cada experiência

vivenciada na Folia a faz diferente do que foi anteriormente. Eliade trata o tempo do ritual como regeneração, em que as divisões do tempo é que garantem a continuidade da vida. “Em toda parte existe uma concepção de final e de recomeço de um período de tempo, baseada na observação dos ritmos cósmicos e que faz parte de um sistema mais abrangente” (1992a, p. 56).

A ideia de início e término de ciclo pressupõe a ideia que algo aconteceu no meio, possibilitando o levantamento das seguintes questões: o que ocorreu durante os ciclos, que experiências e conhecimentos podem ser extraídos a partir daí? Na verdade, o que importa não é a passagem do tempo e sim o modo como a vivência do ritual da Folia realizou-se plenamente no espaço-tempo.

## 2.2 CADÊNCIA RÍTMICA DA FOLIA DE SANTOS REIS

Neste tópico, é possível pensar que a música portou-se como um elemento mediador nas Falias de Santo Reis e suas relações com as comunidades rurais. Nas festas religiosas, as letras das músicas é que conduzem o processo ritual. A folia, no seu percurso, é permeada por cantorias embaladas em um ritmo contínuo e por versos improvisados que descrevem, pedem e agradecem a cada elemento dos arcos, dos altares, das esmolos, dos alimentos.

A Folia de Santos Reis da cidade de Pirenópolis, na sua forma ritual desenha um caminho circular composto durante o período da pesquisa, de dois pousos na zona rural e as outras partes do ritual na área urbana, definindo um espaço e um tempo móvel, um estar indo para algum lugar. É possível destacar na religiosidade presente entre os envolvidos com a Folia os símbolos e os rituais que dão sentidos à realização atual deste festejo, entendido como fenômeno contemporâneo complexo, dotado de sujeitos protagonistas.

O ritmo dado à Folia desenvolve faculdades emotivas, desperta a imaginação dos guias que comandam as músicas, cria a possibilidade de expressar as percepções da paisagem na qual se encontram, além de envolver os foliões em um movimento recheado de arranjos sonoros. Mais do que saber nomes de acordes musicais, dar notas virtuosas, os foliões músicos têm por missão estar a serviço da devoção e estabelecer um ritmo musical que permite o cumprimento do ritual.

Os foliões estabelecem um ritmo ao longo da jornada que permite sentir para além das paisagens que os cercam, entrando em um outro mundo, que é o mundo mítico da busca interna de todo ser humano pelo nascimento do novo ser, de cortar o que é velho, para aflorar o novo. O ritual é o ponto de intersecção entre o velho e o novo, a partir do momento em que

os foliões põem-se no caminho, assim como os Reis do Oriente, a viagem inicia-se estabelecendo a liminaridade, ou seja, uma passagem por um estado limiar de ingresso a um mundo ritual, distante das noções habituais de tempo e espaço (TURNER, 2013). Essa caminhada marca o processo de vida na experiência do povo, permitindo diferentes maneiras de ser e sentir em um grupo.

O ritual demonstra certas regularidades que expressam um conjunto de padrões e regras que são executados pelos participantes durante o percurso, para que saia como previsto. A música tem papel preponderante, pois é ela que dá sentido para os acontecimentos rituais, o elemento simbólico indispensável na folia. Essa que é um grande ritual com duração de vários dias, composto de pequenos rituais que, a cada dia, vão-se desenrolando em um tempo próprio, eleito por aqueles que organizam a companhia, sendo a música a essência da trajetória do festejo.

A influência constante da música permite que os foliões não saiam do ritual. Porém, é importante distinguir a função da música e os significados que pode abranger. Para Turner “uma coisa é observar as pessoas executando gestos estilizados e cantando canções enigmáticas que fazem parte das práticas rituais, e outra é tentar alcançar a adequada compreensão do que os movimentos e as palavras significam para elas” (TURNER, 2013, p. 24).

O autor supracitado destaca que os rituais propiciam uma poderosa experiência coletiva, revelando, na expressão grupal, a dinâmica e os poderes das tradições. A linguagem do rito e da celebração fornece uma via de acesso a experiências reais. Turner (2013) com base em Gennep (2011) entende que o ritual é dividido em três momentos, a separação do fluxo cotidiano de atividades, incluindo uma passagem por um estado limiar de ingresso a um mundo ritual distante das noções habituais de tempo e espaço; uma encenação mimética de alguma dimensão da crise que provocou a separação, encenação durante a qual as estruturas do dia a dia são elaboradas e desafiadas. Por fim, uma reentrada no mundo cotidiano. Ele ainda expressa, em sua compreensão, que a fase mais importante é a mimética, pois nela há a confrontação de normas cotidianas, mediante atos socialmente subversivos e ritualmente inversivos. Quem passa pelo processo ritual pode participar das capacidades positivas e negativas da experiência humana, por meio de atos que simultaneamente elevam e invertem a posição social.

A vida social só é possível pela representação de vários papéis, que se adaptam a um tempo e espaço determinados. O indivíduo, quando adentra o ritual e assume determinado papel, está buscando a si mesmo, explorando dimensões de suas experiências individuais

junto ao coletivo. A repetição formalizada da folia, ano após ano, por meio dos rituais, aprimora o desempenho e reforça identidades. A musicalidade que acompanha os ritos possibilita revitalizar a fé, alimentar as narrativas, embalar o lazer, além de proporcionar o encontro entre os foliões. As experiências vivenciadas nos rituais que compõem a folia irrompem tempos e espaços liminares, onde elementos residuais da história articulam-se ao presente e completam a estrutura ritual percebida por Turner (2013).

Ao praticar as folias, os participantes revivem suas próprias tradições. As músicas permeiam e enfatizam tudo o que ocorre no decurso do ritual. As músicas contínuas, muitas vezes com ritmos enfadonhos, abrem campo à criação de versos rimados que ressaltam a história sagrada. O Guia e o Contraguia da Folia, conectados com os atos litúrgicos, com as orações, com os gestos, com os pontos a serem cantados, assim como a decoração do ambiente, compõem letras que fazem sentido para os partícipes.

A folia pode ser percebida como um ritual que envolve vários dias, composta, no geral, de quatro momentos rituais: a saída ou junta; o giro que é caminho circular percorrido pelos foliões em visita aos devotos; o pouso, nome dado à parada em uma casa para o pernoite da bandeira, e a entrega ou recolhida, que encerra as festividades. Toda atividade humana deixa sua marca na paisagem. O conteúdo físico de um lugar onde acontece a folia é importante para compreender as atividades que as pessoas realizam. A Folia de Santos Reis de Pirenópolis, no seu movimento itinerante, cumpre com rituais em devoção aos Santos Reis que são personificados nas duas bandeiras da Folia.

O Alferes da Folia, Mário Vicente dos Santos, no dia seguinte após o Natal, recebe em sua casa, que se transforma em alojamento, foliões que se deslocam de várias localidades do município de Pirenópolis e também das cidades vizinhas: Anápolis, Corumbá de Goiás, Abadiânia e distrito de Planalmira. A organização tem a vigência de um ano. Logo que encerram os festejos, já começa a do ano seguinte. Os músicos são os personagens principais e giram em várias folias, construindo uma rede de solidariedade entre os foliões. Um participa da folia do outro, fomentando e solidificando uma grande rede entre as festas que ocorrem em vários momentos durante o ano.

A ilustração 14 mostra o Alferes Mário em sua casa esperando a chegada dos foliões que participarão do giro da Folia.

**Ilustração 14** — Alojamento dos foliões na casa do Alferes Mário



Fonte: Lôbo, Aline. Dez/2016

Durante cinco dias percorrem, no período diurno, as casas dos devotos, cumprindo o giro, e durante as noites acampam na casa do Mário, que há vinte e nove anos é o organizador dessa Folia e o anfitrião desses foliões que moram em outros municípios.

Como os músicos são poucos e o giro da Folia necessita do desempenho musical, esses são sempre convidados para dar reforço nas folias. A gentileza de levar seus préstimos, o trabalho de tocar e cantar em uma folia é que faz essa interação existente entre folias, organizadas a cada ano de maneira diferente, pois depende muito das pessoas que estarão presentes naquele ano.

### **2.2.1 Arvorada da Bandeira de Santos Reis**

A Folia de Santos Reis da cidade de Pirenópolis inicia em uma casa previamente escolhida para abrigar os foliões. No dia vinte e seis de dezembro, pela manhã, os partícipes encontram-se para a missão de cumprir a jornada da folia (BRANDÃO, 2004). O encontro inicial entre os foliões é chamado de saída ou junta que corresponde ao momento de separação da vida cotidiana, para adentrar no universo festivo da folia, mediante a arvorada da bandeira.

Os ritos de passagem, como afirma Gennep (2011), cumprem a função precípua de demarcar o momento de mudança. O movimento da folia começa com o levante da bandeira, promovendo uma série de ações ordenadas, vivenciadas pelos partícipes para dar início à viagem.

O rito é, principalmente e de maneira prioritária, um ato de adoração, um momento de expressão de um “Todo” no nível comunitário, um ato de culto que tem sua direção intencional metaempírica e, como tal, é capaz de unificar de maneira profunda a experiência do real (TERRIN, 2004, p. 35).

O momento de encontro reúne partícipes cujas afinidades, anseios, demandas e temores definem suas realidades cotidianas e os congregam neste tempo sagrado. “É o ápice de um verdadeiro cerimonial de separação, demarcando a introdução de toda uma coletividade ao tempo sagrado da festa religiosa” (PEREIRA, 2011, p. 136).

O momento de separação do fluxo cotidiano de atividades, ou seja, a passagem por um estado limiar de ingresso a um mundo ritual, tem início na casa de um dos participantes. Os moradores da casa recebem as duas bandeiras dos Santos Reis com antecedência, preparam um altar enfeitado, fazem bandeirolas ornando toda casa. Na cozinha, as mulheres preparam farto almoço, para servir no momento festivo.

O levantamento da Folia tem início diante do altar e, no primeiro momento, os foliões rezam o terço cantado. No final do terço, o embaixador e guia da folia fazem a Oração da Consagração (anexo 1). À medida em que o folião Guia profere e encena cada verso com gestos manuais, os demais foliões repetem em um coro sonoro. Ao longo da oração, o Guia tem as palmas das mãos voltadas para o céu, somente quando fala do corpo é que dirige a mão ao coração. Com a viola encaixada ao corpo, o folião Guia dá um acorde para dar fim à oração e continuar a parte seguinte do ritual com a cantoria.

A oração tem a função de dar sentido para o ritual e buscar a proteção para começar a viagem. O ato de consagrar a própria vida e posicionar-se como um servo é exteriorizada por meio das palavras proferidas pela prece que atua nas emoções, possibilitando a ligação com o insondável. Para Geertz (1989), o símbolo religioso garante a compreensão de mundo por meio dos sentimentos. Dá a compreensão às emoções e aos sentimentos que experimentam.

Os símbolos sagrados funcionam para sintetizar o *ethos* de um povo — o tom, o caráter e a qualidade da sua vida, seu estilo e disposições morais e estéticos — e sua visão de mundo — o quadro que fazem do que são as coisas na sua simples atualidade, suas ideias mais abrangentes sobre ordem. Na crença e na prática religiosa, o *Ethos* de um grupo torna-se intelectualmente razoável porque demonstra representar um tipo de vida idealmente adaptado ao estado de coisas atual que a visão de mundo descreve, enquanto essa visão de mundo torna-se emocionalmente convincente por ser apresentada como uma imagem de um estado de coisas verdadeiro, especialmente bem-arrumado para acomodar tal tipo de vida (GEERTZ, 1989, p. 68).

As ações dos foliões são modeladas por meio das orações proferidas e cantadas, induzindo-os a um certo conjunto distinto de capacidades de fé, de habilidade de se solidarizar

com o próximo, de se comprometer com as tradições, além de exercer os dons que permitem assumir papéis na Folia. Os sentidos da própria vida são conduzidos pela palavra que provocam as experiências religiosas. É o momento em que o mundo vivido e o mundo imaginado se fundem.

Terminada a oração, tem início a música de consagração, que tem por finalidade induzir cada integrante a passar diante do altar, fazendo a reverência aos santos, beijando a bandeira, comendo um pedaço de pão e bebendo um pequeno copinho de refrigerante de uva, representando o alimento de Cristo em um movimento de ritualizar o momento. A música de consagração é entoada por quatro cantores que se posicionam diante do altar e se dividem em duas duplas, a dupla 1 (um) é composta pelo Guia da Folia e seu ajudante e a dupla 2 (dois) é composta pelo Contraguia e seu ajudante. Segue transcrição da música gravada em vídeo, durante o ritual da consagração da bandeira:

1 Pai Eterno perguntou (bis)  
Com milagre foi Maria (bis)

2 Maria ficou contente (bis)  
Para com seu belo filho (bis)

1 Lá no céu houve um reforço (bis)  
No ponto do meio dia (bis)

2 Foi uma rosa que abriu (bis)  
No Rosário de Maria (bis)

1 O Rosário de Maria (bis)  
É da minha estimação (bis)

2 Quem tem fé em Jesus Cristo (bis)  
Não vai pro inferno não (bis)

1 Bendito louvado seja (bis)  
A Jesus que foi na Cruz (bis)

2 Em intenção das cinco chagas (bis)  
Para sempre Amém Jesus (bis)

A cadência é dada à Folia pelos ritos praticados durante todo percurso do giro. Uma sequência de ações pré-determinadas produz efeito harmônico em um movimento sempre circular, que dá sentido àqueles que participam. Os ritos são entendidos como um fluir de movimentos e repouso, uma realidade que decompõe o tempo e modula harmoniosamente os registros do nosso agir no mundo (TERRIN, 2004, p. 18).

As músicas e os gestos rituais adquirem significados que vão marcar os momentos de repouso e movimento no giro da Folia. Enquanto os foliões cantam, uma ou várias ações acompanham o fazer festivo. Os ritos são momentos de referências às crenças, portanto

é uma vivência que tem fundamentalmente duas faces correlacionadas: por um lado, é uma ação não-instrumental com caráter expressivo, e isso liga-se bem com seu movimento para um mundo ‘místico’, tendendo a levar para uma compreensão ‘mística’ de toda existência; por outro lado, é um fator concreto que vive na opacidade como qualquer outro fato comunicativo social (TERRIN, 2004, p. 30).

O rito é uma ação que unifica de maneira profunda o real e o místico. Ao realizar os ritos, o status de vida de uma pessoa é transformado no seio social de um grupo. Segundo Geertz (1989), através do conjunto de formas simbólicas, fundem-se os dois mundos, o vivido e o imaginado, criando o próprio senso de realidade. O ritual é ativo em relação à vida e incisivo em relação à práxis.

Outro aspecto observado foi o altar da casa da saída da Folia que revelava a devoção a vários santos, Senhora Aparecida padroeira do Brasil; Santa Bárbara, cultuada na paróquia do bairro do Bonfim, onde a casa está localizada, entre outros santos da devoção; terço, flores e arranjos. As três velas acesas pressupõem os três Reis do Oriente; a Bíblia aberta no Evangelho de São Mateus, capítulos 1 e 2, descreve o nascimento do menino Deus e a jornada dos magos do oriente, guiados por uma estrela até o local do nascimento (Ilustração 15). As duas capangas sobre a mesa do altar assumem papel importante no ritual, depois de abençoadas os alferes da bandeira as carregam por todo percurso da Folia, coletando os donativos arrecadados.

**Ilustração 15** — Altar do levantamento da bandeira



Fonte: Lôbo, Aline, Dez/2016

Os detalhes do altar servem de inspiração para o canto da Folia. “Não se trata de uma veneração do objeto enquanto tal, e sim da adoração de algo sagrado que ele contém e que distingue dos demais” (ROSENDAHL, 1996, p. 27). Logo depois da consagração tem início a música do arvorar a bandeira. Os donos da casa se posicionam nas laterais do altar, portando as duas bandeiras. Os músicos foliões, de frente para o altar, embaixam, ou seja, cantam uma longa música, que inicia com o sinal da cruz, e narram a vinda dos Reis Santos para a bandeira da Folia (O Ritual Sonoro na Folia de Santos Reis, 2017, 0:59 segundos), saúdam as imagens do altar, cumprimentam e agradecem os donos da casa, saúdam os foliões e explicam que a função de cada um na Folia é trabalhar. Dão o comando para o regente benzer os foliões, passando a bandeira sobre suas cabeças; dão a função do procurador, que é de carregar as capangas que estão sobre o altar; explicam as regras da Folia em relação a bebida; convidam os palhaços — que só aparecem nesse momento, para protegerem as bandeiras, os instrumentos musicais e os convidam a se colocarem como porteiros durante o giro; repartem as funções dos demais foliões, entregando as divisas para cada participante. As divisas são crachás que contêm a função de cada partícipe da folia. Colocadas dentro de um chapéu, o regente as distribui a partir do comando dado por meio da cantoria. Cada partícipe recebe sua função, ou seja, sua divisa, papel que vai cumprir durante todo percurso. Recebe também um lenço colorido para colocar no pescoço. Esses itens separam os foliões das outras pessoas, identificando-os. Os indivíduos submetem-se em conjunto à autoridade geral dos Alferes da Folia. Certos cargos fixos no grupo da Folia têm muitos atributos sagrados. Na realidade, toda posição social tem função sagrada (TURNER, 2013, p. 99), essas posições são adquiridas durante os ritos de passagem, que, na Folia, ocorrem pelos comandos dados na música entoada. Por fim, terminam com o sinal da cruz. O sinal da cruz é a invocação da presença divina, professando a fé e a força para dar início ao momento de iniciar o giro, bem como adentrar no local dos pousos. A música induz todo partícipe a realizar o gesto do sinal da cruz, que é realizado com a mão direita. Simboliza a trindade santa: Pai — mão na testa; Filho — mão no coração, e Espírito — ombro esquerdo, Santo — ombro direita, para dar início ao pouso da Folia. A música tem mais de cinquenta estrofes cantadas e mais de trinta minutos de duração, no entanto é acompanhada pelos foliões atentos que cumprem com os gestos indicados na letra cantada.

1 Meu sentido foi no céu onde está meu bom Jesus (bis)  
Foi pedir ele o poder pra fazer o sinal da cruz (bis)

2 Meu sentido foi ao céu onde o bom Jesus está (bis)  
Foi pedir ele o poder pra fazer o belo sinal (bis)

1 O sinal da Santa Cruz Deus deixou pra nós na terra (bis)  
É o Deus em três pessoas, é numa pessoa sincera (bis)

2 O primeiro sinal eu faço é na testa (bis)  
Os três Reis do Oriente, uma pessoa sincera (bis)

1 Reunimos os companheiros, nosso pensamento uniu (bis)  
Foi até aos pés de Deus, as portas do céu abriu (bis)

2 A porta do céu abriu apareceu um lindo véu (bis)  
É os três Reis do Oriente que vem descendo do céu (bis)

1 Louvemos que lá evem, correndo ao nos e fundo (bis)  
Já chegou no seu altar, o maior poder do mundo (bis)

2 Já desceu no seu altar, a justiça verdadeira (bis)  
Ele desceu do céu na terra, e parou nessa bandeira (bis)

1 Deus vos salve nesta hora, Deus salve a luz do dia (bis)  
Levantou os três Reis Santos, para ser a nossa Guia (bis)

2 Levantou os três Reis Santos, ele é o padroeiro (bis)  
Arvorando essa bandeira, junto com seus companheiros (bis)

1 O primeiro é o Pai Eterno e Jesus é o segundo (bis)  
Espírito Santo é o terceiro, deu a luz pra todo mundo (bis)

2 Maria mais venturosa, mãe da segunda pessoa (bis)  
Por ser mãe tão amorosa recebeu sua coroa (bis)

1 Quando o verbo se encarnou, veio trazendo as novidades (bis)  
Ele é uma das três pessoas da Santíssima Trindade (bis)

2 Ele é uma das três pessoas da Santíssima Trindade (bis)  
Com a ver dos três Reis Santos, onde nasce a divindade (bis)

1 Deus que salve a vela acesa, onde mora a Santa fé (bis)  
Onde está representado por Jesus de Nazaré (bis)

2 Deus que salve o belo altar, nesta hora verdadeira (bis)  
Deus que salve Aparecida, nesta hora verdadeira  
Deus que salve Aparecida que encontrou com essa bandeira

1 Deus que salve o livro aberto e o Rosário de Maria (bis)  
Nossa Senhora de Lourdes e também Santa Luzia (bis)

2 Deus que salve esse Rosário, é um Rosário Bento (bis)  
Deus que salve o catecismo e os dez mandamentos (bis)

1 Jesus Cristo nesse quadro, mostrando seu coração (bis)  
Ainda tem São Jorge Guerreiro que nos livra do dragão (bis)

2 Deus vos salve o belo altar interim de canto a canto (bis)  
Hoje está visitando o poder dos três Reis Santos (bis)

1 A Senhora Aparecida uma pequena e a outra maior (bis)  
Mas em termo do milagre, tudo vale um tanto só (bis)

2 Deus vos salve essas estampas e os buquê de flor (bis)

Seja hoje abençoado essa mão que enfeitou (bis)

1 Já saldemos o belo altar, vou saldar as bandeirinhas (bis)  
Que tá tudo enfeitado pra essa bandeira rainha (bis)

2 Deus vos salve as bandeirinhas que é de duas cor (bis)  
Santos Reis no belo altar nesse momento alegrou (bis)

1 Senhor<sup>9</sup> dono da casa, muito alegre deve estar (bis)  
Enfeitou a sua casa pra Santos Reis levantar (bis)

2 Senhor dono da casa, porque é devoto assim (bis)  
Levantou sua bandeira, sua casa virou jardim (bis)

1 Senhor dono da casa, ele é um cavaleiro (bis)  
Vou pedir sua licença para alvorar meus companheiros (bis)

2 Arvorados os companheiros nos preceitos verdadeiros (bis)  
Eu também vou arvorar esses devotos caixeiros (bis)

1 Mas cadê os meus alferes, Santos Reis mandou chamar (bis)  
Pra pegar nessa bandeira e começar a trabaiá (bis)

2 Vem beijá nossa bandeira, pra começa trabaiá (bis)  
Nessa hora de alegria a bandeira vai levantar (bis)

1 Minha devota alferes, vai fazer sua devoção (bis)  
Levantai nossa bandeira, vai benzer os folião (bis)

2 Levantai essa bandeira porque ele tem poder (bis)  
Vai benzendo os folião, ele mesmo mandou dizer (bis)

1 Levantou os três Reis Santos ele veio do Oriente (bis)  
Vou chamar nesse altar aquele que é regente (bis)

2 Meu amigo, meu regente, pode beijar esse santo (bis)  
Exigimos todo respeito que ele pegue esse santo (bis)

1 Vou chamar o procurador, pra chegar no seu altar (bis)  
Pra pegar seu embornal pra começar a trabaiá (bis)

2 Vá pegar o embornal, Santos Reis mandou chamar (bis)  
Por toda parte que for, a bandeira acompanhar (bis)

1 O regente da folia, Santos Reis mandou falar (bis)  
Não deixar bebida forte na companhia girar (bis)

2 Vai girar essa folia, essa rica devoção (bis)  
Exigimos mais por respeito, entre os velhos folião (bis)

1 Agora eu vou chamar os bonecos da folia (bis)  
Para sair nesse giro, acompanhar a companhia  
Para sair nesse giro, acompanha essa folia

2 Os bonecos da folia fazendo a obrigação (bis)  
Vem mostrar o seu segredo, vem mostrar sua devoção (bis)

1 Toma conta da bandeira dos três Reis, do sacramento (bis)

---

<sup>9</sup> O termo “senhor” é utilizado para designar Senhor e possibilitar a métrica do verso musical.

Corrigi meus folião, zela bem dos instrumento (bis)

2 Zela bem dos instrumentos por toda parte que for (bis)  
Zela bem dessa bandeira porque é nosso salvador (bis)

1 Já recebeu o recado, pode sair lá pra fora (bis)  
Toma conta do portão, protegendo a casa que mora (bis)

2 Toma conta do portão onde está o sacramento (bis)  
É os três Reis do Oriente, devoção do sacramento (bis)

1 Adoremos os três Reis Santos com todos seus folião (bis)  
Para nois sair no giro, pedimos a proteção (bis)

2 Meu amigo folião faz o favor venha cá (bis)  
Repartir todas divisas pra quem for acompanhar (bis)

1 A divisa é coisa certa, é um flor da natureza (bis)  
Receber verde esperança, esperança da beleza (bis)

2 Quem pegar essa divisa vai cumprir com a devoção (bis)  
Vai girar essa folia, seguindo a religião (bis)

1 Fiquei muito satisfeito pela sua cortesia (bis)  
Deus pague, eu agradeço a divisa da folia (bis)

2 Agradeço essa divisa com todos folião (bis)  
Pra cumprir essa bandeira seguindo a divução (bis)

1 Arvorada, arvorada, fazendo o sinal da cruz (bis)  
Arvoremos os três Reis Santos no coração de Jesus (bis)

2 Os anjos lá no céu canta agora na terra também (bis)  
Seja o Pai e seja o filho, para todos séculos amém (bis)

O ato de arvorar, de acordo com os foliões guias, é o momento de trazer do céu os Reis e entronizá-los na bandeira. Com a chegada dos Santos Reis, inicia a Folia em louvor aos três Reis do Oriente, mantendo uma tradição que remonta a um passado que se ressignifica a cada ano em um círculo contínuo, constituído de rituais e crenças.

Assim como a música, a comensalidade também é ritualizada na Folia, quando os donos da casa servem o almoço, existe uma hierarquia a ser obedecida, primeiro os foliões servem-se, para depois os convidados (Ilustração 16).

No final do almoço, os anfitriões são instruídos a conduzirem as bandeiras do altar até a mesa, acompanhados pelos foliões músicos, que saem pela casa, sempre em um movimento circular, para fazerem os agradecimentos.

### Ilustração 16 — Almoço da Folia



Fonte: Lôbo, Aline, Dez/2016.

A música de agradecimento do almoço da folia inicia com os foliões reunidos em frente ao altar. O Guia, Contraguia e seus ajudantes cantam dois versos, por diversas vezes, até que todos partícipes caminhem até a mesa onde foi servida a comida e posicionem-se. O caixeiro vai à frente, abrindo os espaços e marcando o compasso da música, na sequência, os dois palhaços; os donos da casa, portando as bandeiras, seguidos pelos músicos (O Ritual Sonoro na Folia de Santos Reis, 2017, 1:56). Ao chegar em volta da mesa, as bandeiras são posicionadas nas extremidades, uma de cada lado; completando o círculo, os embaixadores e os demais foliões.

O momento de agradecimento da mesa do almoço é marcado por quatro músicas, a primeira, de levar as bandeiras para mesa; a segunda, o Bendito de mesa; a terceira, para incensar os alimentos, e a quarta música, para levar de volta a bandeira ao altar. Segue, abaixo, trechos das músicas:

#### Música 1: Música arvorar/agradecer a mesa

1 Arvorou nossa bandeira com prazer e alegria  
Vamos agradecer a mesa nosso pão de cada dia

2 Arvorou nessa bandeira com prazer e alegria  
Vamos agradecer a mesa, vai benzendo a nossa guia

Música 2: **Bendito de mesa**

1 Bendito louvado seja as três palavras de Deus  
Pai, filho e Espírito Santo, seja pelo amor de Deus (bis)

2 Bendito louvado seja, meu Senhor, meu Jesus Cristo  
Pai, filho e Espírito Santo, Louvado seja Bendito (bis)

1 Deus vos pague o bom almoço que vós deu pros folião  
Lá no céu cê ranja outro na mesa de São Simão (bis)

2 Deus vos pague o belo armoço que vós deu pra companhia  
Lá no céu nois ranja outro na mesa do Rei Missias (bis)

1 A água vira vinho é o milagre de Jesus  
Representa a Santa Ceia mais os Apóstolos de Jesus (bis)

2 Jesus Cristo perguntou quem deu almoço aos folião  
Respondeu nossa Senhora, foi o filho da benção (bis)

1 A porta do céu abriu os anjos cantam em louvor  
Para louvar essa mesa com incenso do Senhor (bis)

2 A porta do céu abriu os anjo bateu o sino  
Tão cantando e tão louvando São José, Jesus Menino (bis)

1 Os anjos desceu do céu ao descer abriu as asas  
Vem trazer vida e saúde para o dono dessa casa (bis)

2 Os anjos desceu do céu e parou nessa bandeira  
Veio trazer vida e saúde pros serventes e as cozinheira (bis)

1 Ofereço esse bendito pra o Senhor da Santa Cruz  
Pra intenção das cinco chagas, seja louvado Jesus (bis)

2 Ofereço esse Bendito ao senhor daquela Cruz  
Pai, filho e Espírito Santo, para sempre Amém Jesus (bis)

Segue a música do agradecimento da mesa que é cantada ‘a capela’ — somente vozes, sem instrumentos musicais, entoada pelos participantes. A ilustração 17 mostra os foliões sobrepondo as mãos à mesa, como forma de abençoar os alimentos.

### Ilustração 17 — Benção dos alimentos



Fonte: LÔBO, Aline, Dez/2016.

#### Música 3: **Música de incensar a mesa**

Os anjos desceu lá do céu  
 Pra incensar essa mesa  
 Os anjos desceu lá do céu  
 Pra incensar essa mesa  
 E benzeu  
 Com firmeza  
 Com certeza  
 Pai, o Filho, Espírito Santo  
 Espírito Santo de Deus  
 Amém (bis)

Em seguida os foliões dão vivas e terminam essa parte tocando e cantando uma música que serve de acompanhamento para levarem a bandeira de volta ao altar.

#### Música 4: **Música de levar a bandeira de volta para o altar**

2 Agradecer a nossa guia com seu mísero tão fino  
 Vamos todos pro altar, louvando Jesus menino

1 Lá se vai o Alferes com essa bandeira sagrada  
 Agradecemos a nossa guia pro que ela abençoar

2 Agradecemos a nossa mesa com seu mísero tão fino  
 Vamos todos pro altar louvar o Jesus menino

1 Vai rompendo meu alferes com essa bandeira sagrada  
 Vai tecendo a nossa guia, porque ela é abençoada

2 Agradeceu essa mesa com seu mísero tão fino  
 Vamos todos pro altar, louvando Jesus menino

Após o almoço e os agradecimentos de mesa, inicia-se o peditório de esmolas, uma das bandeiras é levada pelo Alferes a uma área onde estão foliões e convidados. Os músicos posicionam-se, Guia e ajudante e Contraguia e ajudante, junto com os músicos instrumentistas, para cantar e tocar, pedindo esmola para quem queira doar aos Santos Reis. O Alferes da Bandeira entrega a bandeira ao devoto que, ao pegar na bandeira, recebe em troca versos cantados, agradecendo e pedindo esmola, em nome dos Santos Reis.

Um dos devotos que segurou a bandeira neste dia foi um senhor, que revelou, em entrevista, participar de Folia de Santos Reis a mais de cinquenta anos. Neste ano, assumiu, durante o ritual, a função de Procurador, a pessoa que porta a capanga que recebe os donativos. Quando pegou na bandeira, o devoto ajoelhou, colocou o dinheiro no chão e sobrepôs a bandeira sobre o dinheiro. Imediatamente, os músicos entenderam que o gesto do folião, que significava que a esmola era em homenagem a alguém que já não mais pertence a este mundo. A cantoria foi de consolo para o folião.

Ao final, o outro Procurador foi quem recolheu a esmola. O alferes da Folia, ao presenciar a cena, que não é muito comum na hora de tirar a esmola, passou algumas instruções, ensinando o outro procurador a receber a esmola. No ritual, tudo tem que acontecer em um tempo devido, para que saia tudo como previsto. Os gestos rituais têm extremo valor para quem os vivencia. Se não forem cumpridos, os participantes acreditam que pode haver sansões e castigos — interditos.

#### **Música de peditório de esmolas**

1 Deus que salve o procurador, pois o seu joelho no chão (bis)  
Alembrou da sua esposa e doeu o seu coração (bis)

2 Quem pegou nessa bandeira começou foi a chorar (bis)  
Alembrou da sua esposa que agora não está (bis)

1 Alegra seu coração com bastante alegria (bis)  
Cada coisa tem sua hora, cada Santo tem seu dia (bis)

2 Meu devoto ... Santos Reis mandou falar (bis)  
Nessa hora, nesse dia, agachá pode parar (bis)

1 Meu devoto procurador, filho da Virgem Maria (bis)  
O corpo dela na terra, mas o santo tem seu dia (bis)

2 Meu devoto folião alegra seu pensamento (bis)  
Santo Reis te dá alegria carrega seu sentimento (bis)

1 Deus vos pague pela esmola dessa mão desencarnada (bis)  
Vos pedir Nossa Senhora sei que ela está amparada (bis)

2 Pode levantar a bandeira dessa hora, desse chão (bis)

Vou chamar o procurador pra fazer sua divução (bis)

1 Você pode se alevantar, deixa o dinheiro no chão (bis)  
Alevanta essa bandeira, deixa o dinheiro no chão. (bis)

2 Alevante essa bandeira, nessa hora verdadeira (bis)  
Fazendo a obrigação, abençoa a família inteira (bis)

Depois da esmola, seguem a diversão e os desafios musicais. Os músicos tocam e cantam para os foliões dançarem o xá e a catira – folguedo tradicional das Folias, compostos por batidas de mãos e pés. Cantam modas de viola e os desafios jocosos, cujo tema não é mais a história dos magos do Oriente, é um momento de descontração e divertimento na Folia – um entremeio nos rituais de devoção.

### 2.2.2 Andamento das Bandeiras da Folia: Segue o Giro pelas Ruas da Cidade

As duas bandeiras cumprem a função de ir à frente da companhia, representando o santo de devoção que foi entronizado durante o levantamento da bandeira. Circundadas por flores e fitas coloridas, por vezes adicionam fotos de pessoas já falecidas ou dinheiro, como forma de demonstrar o sentimento devocional. O símbolo estampado nas bandeiras é “um conjunto de dispositivos evocadores para despertar, canalizar e domesticar emoções poderosas” (TURNER, 2013, p. 53).

As duas bandeiras da Folia de Santos Reis da cidade de Pirenópolis têm a mesma estampa, que representa o símbolo máximo do festejo e são carregadas pelos anfitriões do pouso (Ilustração 18).

**Ilustração 18** — As bandeiras da Folia de Santos Reis



Fonte: LÔBO, Aline, Dez/2016.

A bandeira é um convite aos estados psíquicos da devoção, sua simbologia, para Croatto (2001), é a linguagem básica da experiência religiosa, faz pensar e diz sempre mais do que é. Um sentimento notável dessa experiência é a dependência religiosa, que se traduz no sentimento de nulidade perante a bandeira, que está acima de toda criatura, e seu caráter avassalador é uma reação-sentimento, desencadeada na psique por uma experiência pela qual a própria pessoa precisa passar. Também corrobora com esse argumento as ideias de Otto (2007), ao evidenciar que as percepções do numinoso seriam um convite aos estados psíquicos de solene devoção e arrebatamento e a sentimentos que este provoca (Ilustração 19).

### Ilustração 19 — Devoção à bandeira



**Fonte:** Banco de dados do Projeto Arte e Saberes nas Manifestações Católicas Populares — dez/2014.

Nenhuma prática religiosa faz-se sem o sagrado, assim, pertencer à folia compreende “seguir os passos da bandeira pelas estradas, ajoelhar diante do altar e reverenciá-la, acompanhar com um olhar piedoso” (BRITTO, 2015, p. 178). A finalidade das duas bandeiras é oportunizar mais pessoas durante o giro de contatarem com o sagrado e, conseqüentemente, arrecadar um pouco mais de donativos, para que se cumpra a vivência da solidariedade.

O giro da Folia inicia com a saída dos foliões da casa onde foi arvorada a bandeira (Ilustração 20). Embora seja comum Falias de Santos Reis girarem no período noturno, essa

Folia realiza seu itinerário no período diurno, principalmente, pelas casas dos bairros do Bonfim, Carmo e Lapa, da cidade de Pirenópolis, e algumas casas do centro. O alferes da Folia divide os foliões em dois grupos, o da direita e o da esquerda que percorrem caminhos separados durante o giro e encontram-se ao final do dia, na hora do pouso.

### Ilustração 20 — Início do giro da Folia



Fonte: Lôbo, Aline, Dez/ 2016.

Os foliões seguem pelas ruas, dando início ao giro, a caixa vai anunciando que a folia está passando, chamando a atenção dos moradores, por meio da paisagem sonora que se configura com os toques do tambor. Na Folia, o Alferes determina quais pessoas vão ficar em cada “galho”<sup>10</sup>. Cada grupo, além da bandeira, deve ter também o Caixeiro, o Palhaço ou Boneco, o Guia, o Contraguia e foliões músicos suficientes para seguir cada um dos dois “galhos” da Folia.

O grupo de foliões cantadores e instrumentistas saem pelas ruas, visitando, durante um período de cinco dias, as casas e as fazendas previamente estabelecidas. O deslocamento é pensado para que não haja cruzamento das bandeiras.

<sup>10</sup>Nome dado à divisão dos grupos, que vão ficar atrás de cada bandeira para seguirem o giro da Folia. Galho da direita e galho da esquerda, cada grupo vai de um lado da rua, ou mesmo em ruas diferentes e só se encontram na hora da chegada do pouso.

Na caminhada da folia, os foliões dos Santos Reis acreditam que para dar tudo certo durante o giro eles têm que evitar duas coisas:

- a. começar o giro pelo lado esquerdo;
- b. fazer cruzamento (CANESIN e SILVA, 1983, p. 49).

A obediência às crenças permite que os rituais sejam cumpridos dentro das tradições, em um movimento sempre circular do leste para o oeste, em uma geografia própria, dentro do entendimento daqueles que organizam e participam da Folia. Os interditos e superstições durante o giro costumam ser passados de geração a geração. Acreditam que suas causas e efeitos podem ser penosos para quem participa.

As folias ocorrem em espaços comuns da vida e do trabalho cotidiano de seus partícipes, as porteiras, os portões, os terreiros, as varandas, os alpendres, as salas, as cozinhas das casas, dos sítios e das fazendas; das ruas, as esquinas, as estradas, por onde circulam pessoas e coisas, em intermináveis idas e vindas por uma região — todos esses são os domínios que se transfiguram, por um período de tempo, nos lugares de um grande acontecimento religioso (PEREIRA, 2011, p. 33).

Os participantes, ao chegarem às casas que estão no seu trajeto, executam os rituais compostos por cantorias em louvor a Santos Reis e ao Menino Jesus. As músicas entoadas são narrativas, que, além de se referirem às histórias místicas, também se relacionam com o lugar, traduzidos em reavivamento da devoção.

De casa em casa, segue o giro da bandeira, em cada local

o grupo de artistas devotos em nome de uma santidade de devoção coletiva visitam casas onde recolhem dádivas, distribuem bênçãos, atualizam promessas e anunciam os festejos do 'santo' em nome de quem se reconhecem 'em jornada' (BRANDÃO, 2010, p. 37).

A jornada em nome dos três Reis Santos apresenta circunstâncias singulares no percurso. Durante o ritual de petitório de esmolas, o devoto que recebe a Folia segura a bandeira e ouve atentamente os versos cantados pelos foliões que ao exercer sua função tiram o chapéu em sinal de respeito ao sagrado. O Alferes da bandeira e Procurador é responsável pelos movimentos de entregar e recolher a bandeira e a esmola, ao final da cantoria. O Palhaço, se posiciona como guardião na limiaridade, nem dentro nem fora, ao término da música pede mantimentos para doar ao Asilo São Vicente de Paula conforme ilustração 21.

**Ilustração 21** — Palhaço como guardião no giro



**Fonte:** Lôbo, Aline, Dez/ 2016.

A cantoria anuncia a chegada dos Reis Santos na casa do devoto, abençoa o dono da casa e pede a esmola. Segue a imagem (ilustração 22) e os versos entoados, de improviso, para uma senhora que recebe a Folia em sua casa:

**Ilustração 22** — Giro da Folia



**Fonte:** Lôbo, Tereza Caroline, Dez/2016.

1 Os três Reis e vem chegando na sua casa chegou (bis)  
Veio fazer uma visita Jesus Cristo encarnou (bis)

2 Segurou nesta bandeira é o nosso pai padroeiro (bis)  
Ele mesmo que abençoa, é o nosso pai padroeiro (bis)

1 Ele pede a sua esmola, não repara quanto pode (bis)  
Ele pede e agradece essa rica irmandade (bis)

2 Deus vos pague pela esmola, nois agora vai saindo (bis)  
O milagre dele é grande Que ele vai despedindo. (bis)

As letras das músicas variam de acordo com os locais visitados. Se é homem ou mulher, idoso ou jovem, saudável ou doente, ao segurar a bandeira, os versos são adequados para essa pessoa. Os versos a seguir foram cantados para um homem que recebeu a Folia dentro de sua casa:

1 Santos Reis vem girando do Oriente para Belém (bis)  
Procurando os seus devotos, o filho que aqui lhes tem (bis)

2 Segurou nesta bandeira, nesta hora de alegria (bis)  
Veio trazer vida e saúde pro senhor e a família (bis)

1 Ele pede a sua esmola, veja lá se pode dar (bis)  
Os três Reis do Oriente ele vai te acompanhar (bis)

Os foliões cantam versos improvisados que descrevem o momento festivo de fé e devoção para uma senhora de mais de oitenta anos, muito devota, que ao segurar a bandeira não esconde a emoção. Os Guias da Folia ao verem os quadros com motivos religiosos fixados da parede e a emoção ao segurar a bandeira, deduziram a fé da senhora que, ao final, não hesitou em dar uma boa contribuição aos foliões.

1 Os três Reis aqui chegou (bis)  
Foi numa bela morada (bis)

2 Os três reis ê vem de longe (bis)  
Procurando uma morada (bis)

1 Encontrou nessa parede (bis)  
Jesus Cristo e Senhora da Graça (bis)

2 Deus vos salve Nossa Senhora (bis)  
E os quadro da parede (bis)

1 Oh minha nobre senhora (bis)  
Que na bandeira segurou (bis)

2 Para dar a sua esmola (bis)  
Nesse lindo resplendor (bis)

1 Deus lhe pague o bão presente (bis)  
Pai do céu foi quem mandou (bis)

2 Voz que pedes dos três Reis (bis)  
Ele agora e vai se imhora (bis)

1 E nois vai pedindo a Deus (bis)  
Que te pague a sua esmola (bis)

Também faz parte do ritual finalizar cada música dando vivas aos Reis, aos donos da casa e aos foliões, entre outros. A senhora passou a bandeira para a moça que os recebeu. Quando acontece de duas pessoas, na mesma casa, quiserem segurar a bandeira, os foliões fazem o verso para a troca de posse da bandeira e, na sequência, cantam para quem, especificamente, passou a portar a bandeira:

Deu uma mão passou pra outra é da mesma religião (bis)  
Vai dar a sua esmola pra ganhar santa benção (bis)

1 E mocinha que é vem crescendo (bis)  
Procurou a religião (bis)

2 Segurou nessa bandeira (bis)  
É uma estrela do norte (bis)

1 para dar o seu presente (bis)  
Procurando a boa sorte (bis)

A bandeira segue o giro pela cidade de Pirenópolis, as lustrações 23 e 24 mostram os foliões cantando em estabelecimento comercial, passam por pontos turísticos próximo ao Rio das Almas, passam pela ponte que divide o centro histórico da cidade com o bairro do Carmo. O movimento da Folia atrai a curiosidade e a atenção de turistas que fotografam, filmam o giro.

**Ilustração 23** — Ritual do giro em um bar turístico    **Ilustração 24** — Giro: foliões na ponte



**Fonte:** Lôbo, Aline, Dez/ 2016.

No giro da Folia, quando chegam em um presépio, a cantoria é mais demorada, pois os foliões se veem na obrigação de cantar cada elemento do presépio, descrevendo, nos versos

musicais, a história do nascimento do menino Jesus e dos Reis do Oriente (O Ritual Sonoro na Folia de Santos Reis, 2017, 5:45). Somente ao final fazem os versos do pedido de esmola. Segundo Pessoa, cada casa que a folia canta se transforma em uma Belém provisória, como se, ao longo do giro, a visita dos três Reis tivesse que ser atualizada em cada casa. Nas casas onde há presépio, o aumento dos versos deixa ainda mais claro o sentido da visita (2005, p. 88-89). Os versos entoados pelos foliões em uma casa com presépio exemplificam o momento festivo:

1 O milagre já acontecendo ele vem lá do céu (bis)  
O milagre foi três vezes e ele vai lá no céu. (bis)

2 Abençoada foi a hora que a senhora visitou (bis)  
Bendito seja louvado, vem o nosso Salvador (bis)

1 Os nove meses se passaram, então chegou o belo dia (bis)  
Vinte e cinco de dezembro, foi que o menino nascia (bis)

2 Vinte e cinco de dezembro na hora que o galo cantou (bis)  
Veio o mundo de alegria, é o nosso Salvador (bis)

1 Foi nascido aquela noite, numa noite de natal (bis)  
Enrolado em paninho perto dos animal (bis)

2 ...ta de mal mas é ...édo nosso salvador (bis)<sup>11</sup>  
...anjo eterno foi Jesus Cristo quem mandou (bis)

1 Nossa Senhora pois a mão pro céu, nesta hora ela falou (bis)  
Eu visito a minha hora, o meu filho salvador (bis)

2 O menino Deus nasceu, o mundo encheu de alegria (bis)  
É o santo de Santa Isabel, é o de Santa Maria (bis)

1 E os três Reis ficou sabendo e se pois a viajar (bis)  
Foi fazer uma visita onde o menino está (bis)

2 Os três Reis foi chegando, na hora que o menino nasceu (bis)  
E louvou Nossa senhora, por causa do menino Deus (bis)

1 Quando os três Reis ali chegou o mundo inteiro ficou sabendo (bis)  
Já nascido o Rei dos Reis, já nasceu para o nosso bem (bis)

2 Quando Jesus aqui nasceu, ele nasceu para o nosso bem (bis)  
Foi lá na manjedoura, na Lapinha de Belém (bis)

1 Os três Reis Fez a visita e pra terra tornou a voltar (bis)  
Por isso no dia seis é o dia de festejar (bis)

---

<sup>11</sup>Trecho inaudível. Os cantos foram transcritos a partir dos áudios e vídeos gravados durante a Folia, algumas palavras cantadas são difíceis de serem identificadas. Segundo Vilela (2013), o caipira ainda conserva, nos dias atuais, traços da língua brasílica, algumas letras como F, L e R provêm da fonética tupi, que, depois da disseminação dos bandeirantes, foi-se adaptando à língua portuguesa. O falar do caipira é, na realidade, mais uma característica da expressão da cultura brasileira.

2 Para ele festejar o menino Deus nasceu (bis)  
Ele está na manjedoura seja pelo amor de Deus (bis)

1 Agora já fez a semelhança nesse caro dia (bis)  
Os três Reis do Oriente visitou essa família (bis)

2 Os três Reis do Oriente eles vem do reino da Glória (bis)  
Ele está te abençoando e ele pede a sua esmola (bis)

1 Nois fizemos a semelhança dos que os Reis e veio fazer (bis)  
Veio pedir a sua esmola e também te agradecer (bis)

Em vários momentos durante o giro da folia os foliões fazem transparecer sua devoção, eles ajoelham em sinal de reverência ao altar que contém o presépio. Os donos da casa, atentos, recebem a mensagem da Folia, repassada por meio das canções. “A coisa dada produz a sua recompensa nesta vida e na outra. Aqui, engendra automaticamente para o doador uma coisa: não está perdida, reproduz-se; além, encontra-se a mesma coisa aumentada” (MAUSS, 2003, p. 160).

Os devotos que recebem a Folia “são aqueles que crêm na eficácia religiosa das festividades, como forma socialmente estabelecida de comunicação com os santos católicos.” (PEREIRA, 2011, p. 69). A promessa, uma espécie de acordo e ao mesmo tempo uma dívida com as entidades sagradas.

Pedir, receber e retribuir são alguns dos principais motivos pelos quais o folião participa, ora oferecendo pouso, ora ofertando esmolas, ora perfazendo todo o giro da folia como folião devoto.

Nos cinco dias de giro da Folia, os foliões trabalham, incansavelmente, na jornada de levar a fé e a devoção àqueles que recebem em suas casas a bandeira dos Reis Santos. A complementariedade explícita entre aqueles que dão e os que recebem produz todo um sistema de trocas sociais e cosmológicas. As trocas de reciprocidade, estabelecidas nos momentos festivos, condensam valores morais e religiosos, possibilitando perceber as relações dos homens entre si, com suas divindades e com seus símbolos.

O deslocamento dos foliões (ilustração 25) ao longo do giro, portando objetos entendidos como essenciais para a religiosidade, como a bandeira e os instrumentos musicais, vão demarcar a passagem ao tempo extraordinário característico da viagem ritual.

### Ilustração 25 — O giro pelas ruas de Pirenópolis



Fonte: Lôbo, Aline, Dez/2016.

O giro é a viagem no seu sentido estrito, quando os foliões deslocam-se por vários dias pela cidade. Os deslocamentos são realizados a pé e, em alguns momentos, usam carros. Para os partícipes, os trabalhos cotidianos são temporariamente substituídos, para congregarem entre si a experiência em torno de um santo devocional — Santos Reis.

#### 2.2.3 Pouso de Folia: Entre sons e silêncios descansam as Bandeiras

Após breves visitas realizadas em diversas casas localizadas no percurso da Folia, ao final da tarde, os dois grupos de foliões — dois “galhos” da bandeira de Santos Reis encontram-se para fazer a chegada no pouso. O pouso é uma pausa do giro, é o local de descanso das bandeiras e onde são realizadas várias partes do ritual: chegada da folia com passagem pelos arcos, rezas e cantorias no altar, jantar, agradecimento aos alimentos, danças e folguedos, tirar esmola e, no dia seguinte, servem almoço ao meio dia, fazem agradecimento de mesa e despedida da bandeira para seguir com o giro.

Logo na entrada, os donos da casa ornamentam a porteira — se for na zona rural, ou a entrada da casa, se for na zona urbana — com um grande arco, que os foliões só devem cruzar, depois de fazer a entrada oficial da Folia. Para a entrada, organizam-se em duas filas em uma sequência hierárquica: dois caixeiros; dois alferes, portando as bandeiras; os dois

palhaços ficam ao lado das bandeiras; Guia embaixador; ajudante; músicos e foliões de um lado da fila. E do outro Contraguia, ajudante, músicos e foliões. O Regente fica andando em volta, certificando e organizando para que o ritual cumpra-se da melhor maneira possível.

Os foliões chegam cantando versos, em filas previamente organizadas, realizam movimentos corporais até se posicionarem diante do arco de entrada, em frente da casa onde acontecerá o pouso. As performances realizadas pelos foliões de Pirenópolis são parecidas com as registradas por Brandão em suas pesquisas sobre Folia de Mossamedes “o grupo aproxima-se do quintal da casa tocando seus instrumentos. Faz as evoluções do caracol e se aproxima cantando” (2004, p. 367).

- 1 Santos Reis e vai chegando com seu lindo Resplendor
- 2 Vai dizendo o viva, viva, viva o nobre morador

A ilustração 26 demonstra o posicionamento dos foliões diante do arco, que representa no ritual um portal de passagem. Do lado de dentro do arco ficam os donos da casa e do lado de fora os foliões. A cantoria dá os comandos do que vai acontecer, até que os alferes da bandeira entregam as bandeiras para os anfitriões e pedem permissão para cruzarem o arco. Explicam que naquela bandeira está Santos Reis, pedem o pouso, abençoam os moradores da casa. A música inicia com o sinal da cruz, que representa para o cristão que Deus está sempre a lhe acompanhar.

**Ilustração 26** — Chegada no pouso de Folia, performance diante do arco



**Fonte:** LÔBO, Tereza Caroline, Dez/2016.

O arco ornado na entrada da casa representa, simbolicamente, os portais que serão transpostos por meio da palavra cantada, abrindo as portas do céu. A passagem pelo arco, representa um ritual de passagem do âmbito profano para o sagrado, quando a porta do céu abre-se, entra no tempo mítico,

por meio do paradoxo do ritual, cada espaço consagrado coincide com o centro do mundo, da mesma forma que a hora de qualquer ritual coincide com o momento mítico do 'princípio'. Através da repetição do ato cosmogônico, o momento concreto, no qual a construção tem lugar, é projetado para um tempo mítico (ELIADE, 1992a, p. 28-29).

A Folia contém movimento itinerante, a viagem realizada pelos Reis no tempo mítico é vivenciada pelos foliões no percurso do giro. O ritual da Folia sacraliza os espaços por onde a bandeira passa. Essa consagração dos espaços é dada pelo veículo sonoro das músicas entoadas. O pouso, notoriamente descrito nos versos musicais, é local de pernoite dos Reis que, no tempo mítico, é no céu. A porta do céu é representada, simbolicamente, pelo arco que separa o espaço sagrado para o pernoite da bandeira.

A música entoada evoca os Reis Santos e explica aos donos da casa que eles estão presentes na bandeira e pedem licença para fazer de sua casa a sua morada temporária. Os anfitriões passam a portar as bandeiras, sob o comando da música, indicando que devem seguir a marcha até o altar no interior da casa. Inicia-se a saudação ao altar, pedindo para acender a luz da vela. Os donos da casa permanecem carregando as bandeiras, em cada lado do altar. Nos versos da música há um pedido para que a dona da casa fique alegre com a chegada dos Reis e demarcam o tempo, dizendo que no dia seguinte ele irá embora. Também há um pedido para zelar dos instrumentos musicais e oferecer um local para os palhaços tirarem as fardas. Os versos gravados em vídeo registram esse momento festivo, transcrito abaixo:

### **Música de chegada ao altar, no pouso da Folia de Reis, em Pirenópolis**

1 Meu sentido foi ao céu onde está meu Bom Jesus (bis)  
Foi pedir ele o poder pra fazer o sinal da Cruz (bis)

2 Meu sentido foi ao céu, onde o Bom Jesus está(bis)  
Foi pedir ele o poder pra fazer o mesmo sinal (bis)

1 O sinal da santa Cruz Deus deixou pra nois na Terra (bis)  
É o Deus em três pessoas, numa só ele se encerra (bis)

2 O sinal da Santa Cruz é o princípio de oração (bis)  
É o sinal verdadeiro é o sinal do cristão (bis)

1 Reunimos os companheiros nosso pensamento uniu (bis)  
Foi até no pé de Deus a porta do céu abriu (bis)

2 A porta do céu abriu o mundo encheu de luz (bis)  
É a noite mais brilhante, é a luz que nos conduz (bis)

1 Aqui está os três Reis Santos está mostrando o seu retrato (bis)  
Pra fazer essa chegada ele desceu do céu tão alto (bis)

2 Santos Reis e vem girando com a justiça verdadeira (bis)  
Ele desceu no céu na terra e parou nessa bandeira (bis)

1 Santos Reis aqui chegou bem de frente o seu portão (bis)  
Ele quer chegar pra dentro pra cumprir sua divução (bis)

2 Pra entrar na vossa casa tem a vossa obediência (bis)  
Pra passar essa bandeira, primeiro eu peço a licença (bis)

1 Senhora dona da casa põe a mão nessa bandeira (bis)  
Porque ela nos trouxe pela estrada verdadeira (bis)

2 Senhore dono da casa vira a bandeira pra lá (bis)  
Santo Reis evem de longe quer acabar de chegar (bis)

1 A porta do céu abriu o mundo, encheu de estrela (bis)  
Tá pedindo por caridade segue a marcha da bandeira (bis)

2 Segue a marcha da bandeira que nós vamos acompanhar (bis)  
Nós e vai devagarinho pra chegar no seu altar (bis)

1 Os três Reis e vai chegando do oriente pra Belém (bis)  
Procurando Nossa Senhora e seu menino também (bis)

2 Santos Reis e vem girando acabou foi de chegar (bis)  
Foi chegando e foi parando encontrou o seu altar (bis)

1 Senhora dona da casa é o mistério que nos conduz (bis)  
Para nois saudar o seu altar pode acender a luz (bis)

2 Deus que salve a vela acesa, Deus que salve a claridade (bis)  
Deus que salve as três pessoas, onde nasce a divindade (bis)

1 Deus vos salve o belo altar, a toalha e a vela (bis)  
Deus vos salve Nossa Senhora e também o filho dela (bis)

2 Deus vos salve o belo altar, Deus vos salve Aparecida (bis)  
Rainha dos fazendeiros, Padroeira da nossa vida (bis)

1 Senhora dona da casa muito alegre deve estar (bis)  
Os três Reis do Oriente na sua casa vem pousar (bis)

2 Deus vos salve nessa hora que eles aqui vem pousar (bis)  
Uma noite para o dia, amanhã vai levantar (bis)

1 Senhora dona da casa firma bem seu pensamento (bis)  
Toma conta da bandeira, zela bem dos instrumentos (bis)

2 Toma conta da bandeira, porque ela é nossa guia (bis)  
Santo Reis é verdadeiro, junto com o filho de Maria (bis)

1 Senhora dona da casa, filha da virgem Maria (bis)  
Arruma um lugar adequado pra tirar as fantasias (bis)

2 O Regente da Folia, faz o favor venha cá (bis)  
Vai ajudar os palhaços pra sua farda ir tirar (bis)

1 Ainda que já está indo Santos Reis mandou falar (bis)  
Vai e tira a sua farda pra poder sê descansar

2 Ir tirar a sua farda, esconder o seu segredo  
Trabaio pro Santos Reis, ele é o verdadeiro

1 Senhora dona da casa Santos Reis mandou falar (bis)  
Agora está na pousada, põe o Santo no altar

2 Santo Reis agasalhado, ele precisa descansar (bis)  
...povo, retornando a trabaiaá (bis)

1 Já fizemos essa chegada no altar da Santa Cruz (bis)  
Ofereço o cantorio pro coração de Jesus (bis)

2 Hoje lá no céu canta, canto na terra também (bis)  
Pai, o filho e o Espírito Santo, pra todo século, Amém (bis)

Terminado o ritual de entrada na casa do pouso, inicia-se o terço cantado. Após o término desse rito, inicia-se a cantoria e dança do Xá. Os foliões alegres saem a cantar, bater palmas e pés, seguindo em duas filas que circulam pelo espaço da casa, rodopiam, trocam de lugar, em um momento de descontração. Segue pequeno trecho da música do Xá, revelando momentos de sociabilidade entre os participantes: “A rolinha bateu asa, foi parar lá no telhado/Aqui neste pouso que eu arrumo um namorado/Oi ai, oi larilarai”. Como mostra a ilustração 27, a casa do pouso de folia é um ambiente festivo, enfeitado de bandeirinhas e é devidamente organizado para receber os foliões.

**Ilustração 27** — O pouso de Folia



Fonte: Lôbo, Aline, Dez/2016.

O padre da Paróquia Nossa Senhora do Rosário, excepcionalmente, fez uma visita no pouso da Folia, devido à ligação que tem com a pessoa que ofereceu o pouso. Embora seja uma manifestação do catolicismo, a Folia acontece à margem do calendário oficial da igreja. No ensejo, antes de servir o jantar, o Alferes da Folia oportunizou a fala ao padre, para que pudesse abençoar o jantar e este expressou sobre o sentido da Folia.

*Esta é a essência da Folia, momento de oração, uma oração que é transformada em cantoria, ainda tem momentos de confraternização, para juntos nós celebrarmos o nascimento do nosso Salvador. Daquele que dá sentido às nossas vidas, que é Jesus Cristo. Quero agradecer a todos vocês por perseverarem nesta tradição tão bonita (Padre Augusto, 26/12/2106).*

Logo após o jantar, os ritos de agradecimento de mesa seguem com os cantos de tirar as bandeiras do altar e, em um movimento circular, se posicionam diante da mesa onde serviu os alimentos. O agradecimento pelo jantar é entoado pelo Bendito, cuja música é praticamente a mesma do almoço, com pequenas alterações na letra, porém o ritmo é o mesmo. Termina com os vivas dado pelo Alferes:

Viva as cozinheiras!  
 Viva nossos embaixador!  
 Viva o sanfoneiro!  
 Viva os caixeiros!  
 Viva o pandeirista!  
 Viva o padre que aqui está presente!  
 Viva todos os convidados!  
 E que os três Reis do Oriente abençoe nois!

A saudação do *viva* expressa alegria e agradecimento por todos aqueles que estão envolvidos com a Folia. O movimento seguinte é de levar as bandeiras de volta ao altar, na sequência, tirar esmolas para os visitantes do pouso, dançar catira, cantar modas de viola. Ao findar o dia de intensas atividades rituais, os foliões vão para o acampamento dormir. No dia seguinte, pela manhã, eles saem pedindo esmolas. Na hora do almoço, voltam para casa do pouso, onde é servido o almoço.

Terminado o almoço da Folia, seguem os ritos de agradecimento de mesa, dando continuidade às atividades festivas. Um grupo de foliões de Abadiânia que visitou a Folia, para dar um reforço no giro e ajudar os outros músicos a cumprirem com o giro, foram os responsáveis pelos agradecimentos do pouso. A troca de gentileza entre foliões é uma prática comum, visitam a Folia, para que, em outro momento, quando estiverem guiando suas próprias folias os anfitriões dessa Folia, possam visitá-los também.

### **Música de agradecimento de mesa entoada pelo grupo visitante**

1 E vão benzer sua a morada com o poder dos três Reis Santos  
 2 Os três Reis que te abençoa que te cobre com teu manto  
 1 E vão benzendo os foliões com o poder dos três Reis Santos  
 2 Os três Reis que te abençoa que te cobre com teu manto  
 1 E vão benzer a sua morada com o poder dos três Reis Santos  
 2 Os três Reis que te abençoa que te cobre com teu manto  
 1 E vão benzendo as cozinheiras com o poder dos três Reis Santos  
 2 Os três Reis que te abençoa que te cobre com teu manto  
 1 e vai arrodando a mesa com a bandeira dos três Reis Santos  
 2 Os três Reis que te abençoa que te cobre com teu manto  
 1 E vamos agradecer a mesa com o poder dos três Reis Santos

Os músicos são os porta-vozes dos Santos Reis, realizam toda comunicação pela linguagem musical. O tempo mítico reavivado pelos foliões vai demarcar a temporalidade de um eterno presente que é concretizado por meio do giro. A busca da musicalidade presente nos rituais desvela a concretude e o movimento da Folia.

#### **2.2.4 A Entrega da Folia entre os Reis e São Vicente: os tempos se Renovam**

Os foliões organizam-se na porta do Asilo São Vicente de Paula, para cumprirem o ritual de entrega da Folia. Antes de adentrarem ao local, fazem duas filas — o regente, no meio das fileiras; à frente, dois palhaços, dois caixeiros, duas bandeiras, o embaixador e o ajudante, o contraguia e o ajudante, os músicos, os demais foliões distribuídos nas duas fileiras e seguem cantando até a porta do Asilo que se encontra fechada.

Música 1:

1 Santos Reis e vem chegando com seu lindo resplendor  
 2 Vai dizendo viva, viva, viva o nobre morador

Música 2

1 Meu sentido foi no céu onde está meu bom Jesus (bis)  
 Foi pedir ele o poder pra fazer o sinal da cruz (bis)

2 Meu sentido foi ao céu, onde o bom Jesus está (bis)  
 Foi pedir ele o poder pra fazer o belo sinal (bis)

1 O sinal da Santa cruz começo de oração (bis)  
 É o princípio desse canto, dessa rica invocação (bis)

2 O sinal da Santa Cruz, Deus deixou pra nós na terra (bis)  
 É o Deus em três pessoas, numa só ele se encerra (bis)

1 Reunimos os companheiros nossos pensamentos uniu (bis)  
 Foi até os pés de Deus, a porta do céu abriu (bis)

2 Foi até o pé de Deus e apareceu o véu (bis)  
É os três Reis do Oriente que vem descendo do céu (bis)

1 Os três Reis desceu do céu, com seu lindo resplendor (bis)  
E chegou na sua porta, na casa do morador (bis)

2 Santos Reis desceu do céu na justiça verdadeira (bis)  
Ele desceu do céu na terra e parou nessa bandeira (bis)

1 Deus que salve esse portão, Deus que salve a portaria (bis)  
Onde mora a tradição, esperando essa Folia (bis)

2 Onde mora a tradição, esperando essa Folia (bis)  
Esperando Santos Reis, filho da virgem Maria (bis)

1 Ô de casa morador, ô de casa nobre gente (bis)  
Vem abrir a sua porta, pros três Reis do Oriente (bis)

2 Vem abrir a sua porta, receber o resplendor (bis)  
Santos Reis na vossa porta, Jesus Cristo foi quem mandou (bis)

1 Deus vos salve foi a hora que a porta do céu abriu (bis)  
São Vicente ficou contente, de alegria já sorriu (bis)

2 São Vicente ficou contente, de alegria já sorriu (bis)  
Encontrou o Santos Reis e a porta do céu abriu (bis)

1 Boa tarde meu senhor, esse nobre zelador (bis)  
Abençoado dos três Reis, fazendo o que Deus mandou (bis)

2 Santos Reis na vossa porta completou a divução (bis)  
Hoje está na sua porta junto com seus folião (bis)

1 Deus que salve o zelador que é da nossa irmandade (bis)  
Cuidando desses velhinhos da terceira idade (bis)

2 Quem tem fé nos Santos Reis fazendo sua divução (bis)  
Logo vai pra Jesus Cristo é o pai da nação (bis)

1 Meu nobre procurador põe a mão nessa bandeira (bis)  
Vai receber os três Reis dessa reverencia inteira (bis)

2 Põe a mão nessa bandeira é os três Reis da nossa guia (bis)  
Ele veio na sua porta nessa hora e neste dia (bis)

1 Primeiro eu peço a licença pra entrar nesse salão (bis)  
Pra entregar nossa jornada e cumprir nossa missão (bis)

2 Segue a marcha da bandeira que nós vamos acompanhar (bis)  
Santos Reis é vai chegando pra saldar o seu altar (bis)

1 Que chegada tão bonita, nós fizemos aqui agora (bis)  
Santos Reis foi e encontrou o filho de Nossa Senhora (bis)

2 Abençoada foi a hora que a vela acendeu (bis)  
Com os anjos nas alturas.... apareceu (bis)

1 Pra saldar o seu presépio nois e vem do oriente (bis)  
Visitar a mãe de Deus e também meu São Vicente (bis)

2 Deus vos salve o belo altar com seu... maior (bis)  
Mas em termo de milagre tudo vale um tanto só (bis)

1 Deus que salve o belo altar onde mora a Santa fé (bis)  
Onde está representado por Jesus de Nazaré (bis)

2 Deus vos salve o belo altar, enfeitado de canto a canto (bis)  
Onde está representado os monarca três Reis Santos (bis)

....

2 Santos Reis já nessa hora ele quer se descansar (bis)

1 Vamos parar um momento com essa bela cantoria (bis)  
Quando foi daqui um pouco nois entrega essa folia (bis)

2 Entregar essa folia e fazer a obrigação (bis)  
Em nome de Santos Reis cumprindo com a divução (bis)

1 Terminamos o cantorio fazendo o sinal da cruz (bis)  
Pai, o filho e espírito Santo, seja louvado Jesus (bis)

2 Senhora ...contado vem fazer sua obrigação (bis)  
Vai pegar o Caetano na entrada do salão (bis)

1 E cadê o Caetano e também o outro de lá (bis)  
Vem tirar as suas fardas pra poder se descansar (bis)

2 Encerramos o cantorio que agora que Deus a tem  
Seja o Pai e seja o filho pra todos séculos amém.

A música de entrada revela a chegada dos Reis no seu destino, registra o encontro com São Vicente de Paula<sup>12</sup>. As portas abrem-se e os foliões adentram no salão onde tem o presépio, narram o encontro dos Reis com Nossa Senhora e o menino Deus. Terminado esse momento, o Caixeiro conduz os foliões em uma única fila para o jantar. Terminado o jantar, agradecem a mesa com o Bendito de mesa, cantam para incensar a mesa, dão vivas e retornam para o altar, ao som da música:

Lá se vai os três Reis Santos neste mastro alevantado  
Pai, o Filho, Espírito Santo, Bendito seja louvado

Assim, chega na última cantoria do ritual da folia, onde os Reis retornam para o céu, é o momento de entregar os donativos e ajudar a guardar os mantimentos, arrecadados ao longo do caminho, na dispensa do Asilo. Momento de agradecer cada participante que desempenhou funções importantes durante o percurso. Cada instrumentista é saudado individualmente. Os foliões são convidados a beijar a bandeira e a se despedirem da jornada. É um momento de fortes emoções, em que o cansaço da viagem e a despedida dão o entendimento de missão cumprida e, ao mesmo tempo, de renovar o compromisso para o ano vindouro.

---

<sup>12</sup> Santo de evangelização, que teve por missão servir aos pobres.

### Música de despedida final da folia

- 1 Abençoada foi a hora que os três Reis aqui chegou (bis)  
Pra entregar sua jornada, no altar de Nosso Senhor (bis)
- 2 Ele girou na nossa frente, Ele é o nosso guia (bis)  
Vamos entregar a bandeira porque hoje é o dia (bis)
- 1 Santos Reis e vai pra glória, no caminho vai pra Roma (bis)  
Ele vai agradecendo quem tocou nesta sanfona (bis)
- 2 Ele vai agradecendo porque ele é o padroeiro (bis)  
Ele está agradecendo quem tocou neste pandeiro (bis)
- 1 Ele agora e vai pra Glória agradece os folião (bis)  
Agradece esse caixeiro e quem tocou no violão (bis)
- 2 Agradece quem tocou a viola e tocou seus companheiros (bis)  
Agradece toda irmandade, agradece todo festeiro (bis)
- 1 Vai entregar nossa bandeira na entrega da Folia (bis)  
Agradeço o Embaixador, esse folião de guia (bis)
- 2 Agradeço o Embaixador, todo aquele que está presente (bis)  
E também eu agradeço o nobre Regente (bis)
- 1 Vou chamar o procurador, Santos Reis mandou chamar (bis)  
Pode beijar a bandeira pro trabalho encerrar (bis)
- 2 Vai beijar nossa bandeira pro trabalho entregar (bis)  
Pode tirar a capanga e colocar no altar (bis)
- 1 A esmola que ganhou os três Reis do Oriente (bis)  
Ele agora está doando pro Mártir São Vicente (bis)
- 2 Agradeço o Alferes junto com o procurador (bis)  
Lá do céu manda a benção porque ele é o protetor (bis)
- 1 Deus te pague meus Alferes porque carregou a bandeira (bis)  
Os três Reis que abençoa a sua família inteira (bis)
- 2 Agradeço os bonecos que ganhou os alimentos (bis)  
Vai entregar nessa hora o santíssimo sacramento (bis)
- 1 Vou pedir o meu Regente pra fazer uma divução (bis)  
Vai pegar essa bandeira e despedi dos folião (bis)
- 2 Despedir dos folião nessa hora verdadeira (bis)  
Santos Reis e vai pro céu retratado na bandeira (bis)
- 1 Deus vos pague eu agradeço meu devoto folião (bis)  
Se te fiz algum agravo quero que me dá o perdão (bis)
- 2 Primeiro me dá o perdão nessa hora abençoada (bis)  
Temos que ficar unido nesta hora consagrada (bis)
- 1 O meu devoto Regente não precisa de chorar (bis)  
Quando for o ano que vem nois tá aqui pra te ajudar (bis)
- 2 Esteja todos convidados e os anjos bateu o sino (bis)

Pra girar nessa Folia dos três Reis de Jesus menino (bis)

1 Deus vos pague o seu trabaio devoto de Santos Reis (bis)  
Deus vos pague a sua esmola e o trabaio que vós fez (bis)

2 Deus vos pague não tem preço a todos folião (bis)  
Se fizemos algum agravo pra vocês peço perdão (bis)

1 Despedida, despedida, despedida em... (bis)  
Santos Reis e vai pro céu, pra voltar o ano que vem (bis)

2 Despedida, despedida, despedida de Saõ Francisco (bis)  
Santos Reis e vai pro céu pra sentar no colo de Cristo (bis)

1 Despedida, despedida, despedida chegou a hora (bis)  
Santos Reis e vai pro céu encontrar Nossa Senhora (bis)

2 Os devotos folião vem beijar a nossa guia (bis)  
Ele agora vai pro céu junto com a virgem Maria (bis)

1 Vem beijar nossa bandeira que os três Reis e vai se embora (bis)  
Ele vai devagarzinho, vai me esperar na glória (bis)

2 Despedida, despedida, despedida do belo altar (bis)  
Nessa hora abençoada despedindo ela vai (bis)

1 Nós cumprimos nossa missão, entregamos nossa jornada (bis)  
Santos Reis que abençoa essa nossa companheirada (bis)

2 Nos giramos... guia e cumpriu todas promessas (bis)  
Porque tinha a obrigação de ajudar a cumprir depressa (bis)

1 Já fizemos a nossa entrega, fazemos o sinal da cruz (bis)  
Ofereço o cantorio pro coração de Jesus (bis)

2 Os anjos lá no céu canta, canta lá no céu também (bis)  
Pai, o Filho e o Espírito Santo pra todo sempre amém (bis)

1 Santos Reis já foi pro céu lá é o seu lugar (bis)  
Tá pedindo pro senhor ponha ele no lugar (bis)

2 Pai, Filho e Espírito Santo na hora de Deus Amém (bis)  
Seja o Pai e seja o Filho, pra todo Santos Amém (bis)

A entrega é realizada no Asilo e demarca o encerramento do ciclo ritual. Ápice do empreendimento festivo, a retirada também implica o retorno ao mundo cotidiano. As rezas, os cantos e as danças preparam para o retorno renovado dos indivíduos ao fluxo ordinário de suas existências. A complexidade dos festejos em louvor a Santos Reis trata-se sempre de um acontecimento sagrado que teve lugar *ad origine* e que é, ritualmente, tornado presente.

A religiosidade presente nos rituais da Folia em louvor a Santos Reis é caracterizada pelas relações comunitárias e de pertencimento aos lugares. São festejos que trazem consigo um aparato religioso que está embebido de significados que podem possibilitar a unidade aos grupos que as realiza. Como expõe Brandão,

para que um ritual religioso popular cumpra o que se espera dele, é preciso que tudo seja feito observando regras rigorosas de conduta. Todos momentos são prescritos e, neles, todos os gestos individuais e coletivos também. Alguns versos podem ser improvisados, mas os atos que os acompanham não. Cantos, rezas, posturas de corpo, detalhes de trocas entre pessoas – entre foliões, entre foliões e moradores, entre foliões e promesseiros acompanhantes – necessitam ser, ao longo de cada jornada anual, rigorosamente cumpridos em cada casa, em cada momento de chegar, de pedir, de comer, de agradecer, de abençoar, de partir, para que tudo seja a repetição de um demorado momento de culto coletivo que reinventa uma tradição acreditada, porque se repete todos os anos da mesma maneira (BRANDÃO, 2010, p. 71).

Rituais são falas, meios pelos quais as pessoas vivem, na celebração coletiva da cultura, o aprendizado de seu próprio modo de ser. Para Eliade, as festas religiosas ensinam aos homens a sacralidade, e são as reatualizações periódicas dos gestos divinos. Para o autor, o homem busca um tempo de origem, “o Tempo fundado pela primeira aparição desta realidade, tem um valor e uma função exemplares; é por essa razão que o homem se esforça por reatualizá-lo periodicamente mediante rituais apropriados” (ELIADE, 1992b, p. 45-46). Nesta reconstrução de um tempo exemplar devemos considerar a música e demais elementos sonoros, não como um conjunto de signos qualquer, mas como fato social e individual que permite a vivência do mito do eterno retorno.

### **3 OS SENTIDOS DO SAGRADO NAS MELODIAS DA FOLIA DE SANTOS REIS EM PIRENÓPOLIS**

A melodia como guia deste capítulo é o elemento substancial da música, é composta por sequências de sons que se relacionam reciprocamente, de modo a formar um todo harmônico. Neste, propõe-se analisar os sentidos e significados da musicalidade presente na Folia de Santos Reis. Entende-se que as melodias entoadas, as notas dadas sucessivamente nos cantos compõem uma linguagem que faz parte da trajetória da Folia, essas estão sempre presentes nas narrativas que dão sentidos a essa manifestação cultural. A Folia de Santos Reis agrega a tradição e a religiosidade de grupos de pessoas que se propõem a realizar uma manifestação cultural, cujo comando central está na música. Esta permite que o grupo precatório junte-se ao redor de uma mesma fonte sonora, compartilhando as mesmas sonoridades. Na Folia, a música coloca-se como um ponto de partida comum às pessoas, é um elemento base do ritual, composta de uma linguagem própria.

Neste contexto questiona-se como as músicas entoadas durante os trajetos da Folia compõem uma musicalidade própria, tornando-as singulares ao que se entende como manifestações do catolicismo popular? Qual o papel ou função que a música tem para aqueles que participam da Folia?

#### **3.1 NOTAS DAS NARRATIVAS HISTÓRICAS PRESENTES NAS MELODIAS DA FOLIA**

Diferentemente da música erudita dos rituais da igreja católica, as músicas entoadas na Folia de Santos Reis, geralmente, advêm de inspirações espontâneas, ora produzidas no ato do percurso, por situações inspiradas diretamente da vivência cotidiana, que no contraponto ao erudito seria uma composição leiga. Essas práticas musicais são executadas por foliões que criam, em tempo real, melodias improvisadas, buscando vivenciar a devoção.

Tinhorão (2001), em suas pesquisas sobre música popular, assevera que nos momentos de sociabilidade festiva no Brasil jamais foram dispensados o concurso da música, porém poucos registros foram realizados, principalmente em se tratando de músicas da cultura popular, pois

tudo que se pode, pois, reviver hoje em sons, dessa música do Brasil dos três primeiros séculos do período colonial, considerada essa reduzida coleta de escrita musical oferecida ao estudo de raros musicólogos (exceção feita à cantiga profana

paulista de letra barroca do “Metais de Incêndio Meu Lindo”), não serve pois de exemplo do que se tocava ou ouvia nas festas de rua do tempo, mas apenas o som oficial ou erudito, que mestres de capela compunham ou aprovavam para uso interno da liturgia nas igrejas (TINHORÃO, 2001, p. 802).

As músicas tocadas e ouvidas na Folia sobreviveram até a atualidade por meio dos ensinamentos passados de geração em geração e transmitidas pela observação do aprendiz, daí a importância da oralidade e da memória nas manifestações culturais. Elas pertencem a um contexto das manifestações do catolicismo popular, práticas que assumem as características do povo do lugar, as cantorias que acompanham os rituais comunicam e expressam os modos de ser e de fazer de um povo.

As melodias contêm narrativas que são embaladas em um ritmo próprio e procuram criar e recriar um ambiente propício, onde as festas são realizadas. Alfredo Bosi, no prefácio do livro *Cantando a Própria História*, de Ivan Vilela, explana sobre uma constatação geral de que a música sempre foi um componente central da vivência simbólica de nossas comunidades rurais, trazendo marcas da origem portuguesa, indígena e africana. A música exprime e potencia uma rede de sentimentos e valores que dão forma e sentido à cultura popular (VILELA, 2016).

Ao descrever as Folias do Divino em Pirenópolis, Silva (2000) alega que partiu da própria Igreja a iniciativa de instituir as Folias, como uma forma de estender as cerimônias religiosas até os moradores de fazendas, sítios e chácaras. O povo, a partir de seus costumes, construiu crenças e valores que, durante séculos, moldaram de maneira lúdica algumas experiências do passado vivido que se tornaram expressões e manifestações culturais no presente. A presença das folias no território goiano foi relatada pelos viajantes do século XIX. Saint-Hilaire (1975, p. 96) narra que encontrou com uma Folia, em 1819, na viagem que fez à província de Goiás: “uns dos homens levava um estandarte, outro um violão e um terceiro um tambor. Procurando saber o que significava tudo isso, fui informado que se tratava de uma *folia*”.

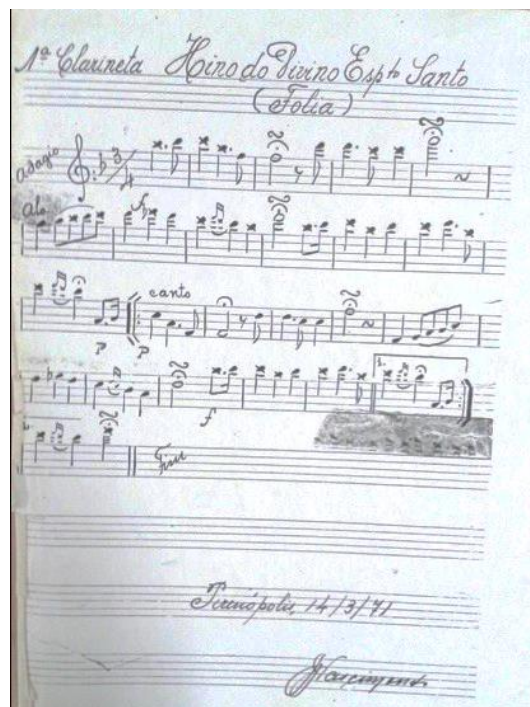
No campo da música, Mendonça (1981) registra a dificuldade de contar a história da música goiana, devido à ausência de documentos, porém refere-se à Pirenópolis como o berço da música no Estado de Goiás, devido a seus habitantes praticarem a música em suas diversas formas. A documentação encontrada nos arquivos da cidade refere-se às obras manuscritas de Missas, Te-Deum, ladainhas, motetes, hinos religiosos para coros, óperas apresentadas na ocasião da Festa do Divino e da Semana Santa, que contam um pouco da história da música sacra e do catolicismo oficial, desde a segunda metade do século XVIII.

Em relação à Folia, Barros (2015) assevera que a dimensão musical de maior envergadura é sem dúvida representada pelos ‘toques de folia’, escritos para banda de música, na cidade de Goiás. Mendonça (1981) deixa registradas as partituras: ‘toques de Folia’ e um ‘Hino de Folia’, da cidade de Goiás. Em Pirenópolis, o autor relata que a Folia do Divino

visita as fazendas, levando consigo um pequeno conjunto composto de uma ou duas rabecas, uma caixa, um adufe, duas violas (roceiras) e uma sanfona. Durante o dia percorrem, a cavalo, os diversos sítios e, à noite, recolhem-se aos pousos, em fazendas abastadas, cujos donos, solicitados com antecedência, aguardam os foliões com alegria e estardalhaço (MENDONÇA, 1981, p. 225).

Em Pirenópolis, a centenária Banda Phoênix<sup>13</sup> executa uma única vez por ano, no domingo de Páscoa, ao meio dia, na abertura dos festejos em louvor ao Divino, na lateral da Igreja da Matriz, o Hino do Divino Espírito Santo da Folia. Este Hino anuncia os festejos de Pentecostes, é uma composição anônima que foi transcrita por José Joaquim do Nascimento no ano de 1971, faz parte dos arquivos da Phoênix. (Ilustração 28)

#### Ilustração 28 — Partitura do Hino da Folia



Fonte: Acervo Banda Phoênix. Imagem: Lôbo, Aline, Mar/2017

<sup>13</sup>A Banda Phoênix foi criada em 23 de julho de 1893. Integra as paisagens sonoras das festas populares da cidade de Pirenópolis. “Está presente na maioria das celebrações e eventos que compõem a Festa do Divino, ocupando lugar ritualmente definido em um grande número de eventos ligados ao Império, como cortejos, novena, missas, tocatas na porta da Matriz, alvoradas, queima e levantamento do mastro do Divino. Nas Cavalhadas — e também nas Cavalhadinhas — executa as carreiras que dão ritmo às encenações entre mouros e cristãos” (IPHAN, 2010, p. 105).

No Dossiê do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional — Iphan (2008), consta, em Pirenópolis, três Folias do Divino que giram durante os festejos de Pentecostes, são elas:

a Folia da Roça, que atua há mais de 140 anos e reúne maior número de foliões, inclusive de cidades próximas; a Folia da Rua, que existe há cerca de 50 anos e circula dentro do perímetro urbano; e a do Padre, que também percorre a zona rural do município - uma iniciativa mais recente da Igreja local contra os “excessos” das outras folias (IPHAN, 2010, p. 74).

Outra fonte de valorização da musicalidade das Folias de Reis decorre do mapeamento realizado nos municípios de Pirenópolis e Anápolis, previsto no Projeto financiado pelo Fundo de Amparo à Pesquisa no Estado de Goiás (2012), intitulado “Artes e Saberes nas Manifestações Católicas Populares”. Informa-se que as músicas dessas folias foram registradas em vídeos, porém ainda não ocorreram estudos aprofundados dos aspectos musicais das mesmas. Essa dissertação visa apreender parte da variedade musical presente nos diversos grupos de folias mapeados nesses municípios. Prima-se por analisar a relação das músicas com a devoção do grupo “Folia de Reis de Pirenópolis”, cujo giro acontece na zona urbana e rural da cidade.

Quando se estuda a música de uma folia é necessário reconhecer as influências regionais do que se concebe como músicas caipiras. Vilela afirma que o sertanejo integra a arte erudita, tornando “a música caipira um guarda-chuva de ritmos distintos na música brasileira” (2013, p. 17). Essas misturas são vistas nas modas de viola, nos desafios, na dança do Xá, na Catira. Essas variedades recheiam os entremeios dos rituais da Folia. Pode-se perceber a pluralidade apresentada quando os músicos desenvolvem habilidades de tocar, cantar, dançar variadas formas dentro de um estilo próprio.

Quando os foliões encontram-se para vivenciar as práticas musicais da Folia ocorre abundante troca de saberes, ora agregando novos modelos, ora diferenciando e ora repelindo. A Folia congrega modos de tocar, de afinar instrumentos, de composição de vozes, constituindo, assim, um conjunto complexo de sons advindos de várias regiões brasileiras, “especula-se que grande parte das folias goianas tenha influência mineira, até mesmo por considerar a intensa integração cultural que une ambos os territórios desde o período da mineração” (CURADO, 2011, p. 128).

Elecy, folião que participa das Folias de Santos Reis e Folia do Divino Espírito Santo em Pirenópolis entre outras, explica a diferença entre a folia goiana e a folia mineira, dizendo que cada lugar tem seu jeito de cantar (O Ritual Sonoro na Folia de Santos Reis, 2017, 2:16).

Na folia goiana, o Embaixador Guia canta acompanhado do ajudante e o Contraguia, com um outro ajudante respondendo. A Folia goiana é composta de duplas, só canta de dois em dois, são quatro cantores e muitos companheiros. Esse jeito de cantar repete-se nas Folias do Divino Espírito Santo, em Pirenópolis. Já na Folia Mineira<sup>14</sup> é diferente, o Embaixador Guia canta e precisa de mais quatro ou cinco cantores, para fazer vozes diferentes, em que o Embaixador canta o primeiro verso e três a cinco foliões cantores dão continuidade, com vozes diferentes, sendo que a última voz faz a requinta<sup>15</sup>.

Diante do exposto, infere-se que há um conjunto de músicas que formam a base do repertório das Folias. Afirma-se que existem momentos musicalizados distintos durante o giro de todas as folias. Na Folia de Reis de Pirenópolis, analisada nessa dissertação, as músicas cantadas distribuem-se nessa estrutura: música de altar (alvorar da bandeira, pedido de pouso, canto de presépio, despedida); música de agradecimento de mesa (bendito de mesa, incensar a mesa, trazer e levar a bandeira para o altar); música de pedido de esmola; música de chegada (chegada no pouso, passagem pelo arco, chegada no Asilo); música de descontração (Xá, Catira, Desafios, Modas de viola).

O imaginário dos partícipes é construído pelos sentidos ligados às memórias individuais e coletivas, as influências dos migrantes que se fundem e agregam, criando novas maneiras de se manifestar musicalmente. As trocas de experiências musicais tornam-se visíveis, pois os foliões, além das próprias características individuais, acabam aprendendo novos versos, modos de tocar, jeito de afinar.

A estrutura organizacional da folia, discutido no capítulo 2, contém as funções de cada membro formador. Uma das obrigações do Regente da Folia é convidar músicos e demais foliões, para que a Folia aconteça. Normalmente, esse convite é acompanhado por troca mútua de serviço: o folião (Regente) ajuda na Folia do outro, para que o mesmo ajude na Folia deste. Mário Vicente dos Santos é o responsável por tirar<sup>16</sup> a Folia em estudo, há vinte e nove anos. Em entrevista realizada durante o giro da Folia, esse explica como consegue agregar foliões:

---

<sup>14</sup> No sistema mineiro são várias vozes, seis ou mais, em forma responsarial (solo/coro) e em harmonia com o sistema tonal tradicional. Assim, em cada estrofe cantada repete-se a forma responsarial entre solistas e resposta coral. As vozes, no coro, notadamente as mais agudas, entram e se ajustam no decorrer da cantoria, chegando ao final de cada estrofe com a sobreposição da totalidade das vozes (IKEDA, 2011, p. 86).

<sup>15</sup> A requinta é a última voz a entrar, em geral, o "requinteiro" (cantor da requinta) não deve começar a cantar antes que todas as outras três vozes já estejam soando. A requinta mantém basicamente o intervalo harmônico de uma oitava acima da segunda, ou seja, uma sexta diatônica acima da primeira, guardando algumas notas mais longas em relação a estas vozes e alguns pequenos portamentos descendentes em fins de frases. Os requinteiros utilizam voz de falsete (ROSSE, 2013).

<sup>16</sup> Mesmo que comandar a Folia. É o responsável pela organização dos pousos, de convidar os participantes, guardar as bandeiras durante o ano.

*Eu não paro, minha vida é de Folia em Folia. Eu vou em Anápolis, eu vou pra Tapitinga, eu vou pra Corumbá, eu vou para tudo quanto for banda, Abadiânia, pra esses lados todos aí, para ajudar eles e depois pra eles virem me ajudar. É uma troca de serviços, eu presto o serviço lá, na Folia deles. E eles vêm prestar serviço na minha Folia. Graças a Deus, tem muita gente na Folia (Entrevista concedida em, dezembro de 2016).*

As gentilezas entre músicos é uma constante nas Folias, pois o giro é trabalho árduo e precisa dos músicos para ser realizado. Um folião músico participa de várias folias ao longo do ano. Tiago, um menino de catorze anos, violeiro, sanfoneiro, palmeiro<sup>17</sup> e embaixador, descreve sua trajetória entre Folias:

*em outubro tirei uma Folia de Nossa senhora Aparecida, minha; em novembro girei uma com meu pai e agora na Folia de Santos Reis do Mario que vai terminar dia trinta. E fui chamado numa Folia lá no Rabeia Bode, só que lá talvez vou só dia trinta e um ou talvez não vou. Dia primeiro de janeiro vou para Petrolina e só volto dia seis, eu e meu pai que guia essa Folia lá. Lá era o embaixador Lourinho que deixou pra nois. Dia onze tem a Folia do Degredo, ela gira a noite, Santos Reis, vou até dia quinze. Depois dia vinte e três tem a Folia lá em Anápolis que meu pai foi coroadado, Santos Reis vai sair lá de casa... e meu pai que é o festeiro, termina dia vinte e nove (Entrevista concedida em dezembro de 2016).*

O Embaixador visitante da Folia, Senhor Reny, também deixa claro, em sua fala, as Folias que participa. Desloca-se de Abadiânia, para ajudar no giro, reforçando o número de foliões, a fim de auxiliar nas músicas.

*Eu tenho responsabilidade com quatro Folias do Divino, que é Abadiânia Nova, Abadiânia Velha, Alexânia e uma em Anápolis. As dos três Reis, eu sempre participo um pouco nessa aqui, participo na de Abadiânia nova, na de Abadiânia Velha e na de Vila Propício. Ainda tem a Folia dos Dois Irmão que eu que guio ela, é do Divino (Entrevista concedida em dezembro de 2016).*

A Folia, para acontecer, precisa de um número de músicos suficientes para cumprir com a jornada. A Folia de Santos Reis de Pirenópolis possui duas bandeiras, para cada uma precisa-se de Guia, de Contra-guia, de ajudantes e instrumentistas que irão acompanhar os cantos. Música na Folia é trabalho árduo, algumas chegam a ter mais de trinta minutos de duração e os foliões passam mais de dez horas por dia entre rituais de agradecimento de mesa, pedidos de esmola, cantorias de presépio, de pedido de pouso. Por isso, na Folia há

---

<sup>17</sup> Responsável por comandar a batida dos pés e das mãos no catira. Depois dos violeiros é ele quem norteia os passos do sapateado e os demais participantes da dança o acompanham.

necessidade de número significativo de músicos que exerçam as mais variadas funções, para alternarem-se na hora dos cantos.

Essa variedade de participação dos músicos durante um giro permite alternâncias de papéis, assim, enquanto em uma folia o músico é o embaixador- o guia, em outra ele é apenas visitante. Essas situações fazem com que os foliões, dessa folia estudada, mantenham contatos entre si, não somente para as festas de Reis, mas para girarem outras folias em Pirenópolis, como as Folias do Divino Espírito Santo, em maio; e a Folia de Santana na Capela do Rio do Peixe, no mês de julho, dentre outras.

A Folia de Pirenópolis, ao receber foliões de vários outros municípios, como Vila Propício, Anápolis, Corumbá, Abadiânia, agrega músicos que têm diferentes maneiras de cantar, tocar e conduzir a manifestação. A Folia acaba tornando-se um espaço de encontro entre músicos que interagem, trocando experiências, assimilando variados ritmos, aprendendo novos versos, rimas e maneiras de afinar os instrumentos musicais.

Brandão (1983), ao pesquisar festas populares, revela como os mestres da Folia aprendem em um ensino não formal, no interior da família. Conhecimentos adquiridos nas redes tradicionais da parentela ou da vizinhança rural, dentro de equipes de trabalho coletivo e rotineiro, de trabalho popular especializado ou nas diferentes situações do próprio ato do ofício

O Embaixador Guia da Folia é o personagem dentro da hierarquia do ritual que conduz cada etapa a ser cumprida sob o comando da música. Assim, como identificou Brandão em suas pesquisas, os foliões cumprem funções que necessitam de conhecimentos prévios. O Embaixador Guia tem que saber a história do nascimento do menino Jesus e dos Reis, afinar viola, rezar terço, dançar catira e cantar moda de viola, senão ele não pode ser um embaixador.

A memória do artista devoto recordava, então, que por simples que pareça o seu grupo de trabalho religioso, ele é uma equipe corporada de um ofício de especialistas. Ali há postos, hierarquias, e ali todos respondem por tipos diferentes de poder, de trabalho simbólico e de exercício do saber. A diferença faz a unidade e torna possível a equipe (BRANDÃO, 1983, p. 4).

O Embaixador Guia da Folia e o Contraguia são responsáveis por entoar versos rimados, memorizados, e também compor, em tempo real, as letras das músicas que devem associar a história mítica com a paisagem do momento. Eles internalizam o ritmo e a linha melódica a serem seguidas. A adequação dos versos ao momento presente faz parte de um

treinamento espontâneo que esses sujeitos da folia vão construindo nas trocas de experiências de várias participações.

Entoar versos na Folia é um dom, somente alguns foliões conseguem gravar e adequar os versos ao momento e construir a narrativa sem perder a sequência. Muitos versos são memorizados, porém,

*não é todos de cor não, alguns. Mas por exemplo assim, a gente vai começar a cantar, dependendo do que você vê lá é que sê tem que cantar o verso. É dom né, porque não é fácil fazer isso assim numa vez não. Tem muitos que cantam e não sabem fazer verso na hora, numa vez. O que o outro falar pra mim, o que ele cantou eu tenho que prestar atenção pra mim por sentido no verso dele, eu não posso passar na frente dele, porque ele está embaixando. Por exemplo, ele canta uns versos ou quem está embaixando ou quem está respondendo e eu estou ajudando, eu fico prestando atenção para não passar ele. Por exemplo, assim, se canta um verso, o que ia falar na frente, eu falei ele primeiro, isso que é passar na frente, entendeu. Aí eu espero o que você cantou eu fico pensando dentro do sentido, e o que eu estou vendo, aí eu faço outro verso (Entrevista concedida em 27/12/2016).*

O folião Tiago, explica, ainda, que cada grupo de foliões tem seu jeito próprio de cantar. A essência da Folia permanece, porém pode haver variações dos versos das toadas, no jeito de cantar e tocar, no ritmo, “isso aí, pelos mestres que me ensinou e até hoje eu estou aprendendo, cada um tem seu ritmo. Então, ele tem a linha dele” (entrevista concedida em dezembro de 2016).

A linha melódica na Folia vai depender do ritmo dado pelos músicos embaixadores e como eles conduzem as narrativas do festejo. O poema cantado na Folia dá forma à melodia, que é a voz principal, que dá sentido à composição musical em uma sucessão dos sons combinados que se encadeiam harmoniosamente. A construção musical parte das vozes dos foliões e dos instrumentos musicais, manuseados por eles, estabelecendo as diferentes dimensões do som do acontecimento musical que compõe um ritual festivo religioso.

As melodias formam estruturas complexas, como a estrofe, que são encadeadas a partir da sucessão de notas musicais e da frequência, que formam uma unidade independente com sentido musical completo. Para conseguir este efeito musical é necessário levar em consideração o ritmo, a métrica e a sonoridade de certas palavras. Os foliões músicos por meio de treinamentos espontâneos combinam fragmentos da linguagem oral à melodia. Esses se dividem em dois grupos, cada grupo é composto de uma bandeira de Reis, foliões (músicos, cantores e instrumentistas), foliões acompanhantes e palhaço.

Os foliões músicos acompanham o percurso realizado pela folia, carregando os instrumentos utilizados por eles: viola, violão, acordeom, pandeiro e caixa. Eles subdividem-se em dois grupos na hora da cantoria. Para cantar e rimar os versos, um grupo canta a

pergunta e o outro responde. Outras vezes, um grupo canta e o outro repete, fatos observados por Corrêa (2002) e Vilela (2013).

Quando o partícipe ouve a música entoada, diante do altar, não é uma repetição enfadonha que escuta, mas uma sequência lógica, uma história que, em cada verso cantado, vários sentidos e significados são atribuídos para aquele momento. Os mais velhos, ou as pessoas mais ligadas ao ritual, conseguem passar um período enorme de tempo em pé, muitas vezes com fome. Eles aparentam ficar em um estado de contemplação, vivido por cada palavra, cada nota.

### 3.2 A LINGUAGEM SAGRADA: ASSIM CANTAM OS FOLIÕES

A Folia de Santos Reis de Pirenópolis tem movimento itinerante e circular, com duração de cinco dias, com mais de cinquenta horas de músicas, entoadas pelos foliões, entre saída, giro, pouso e entrega. Cada espaço visitado pelo grupo é sacralizado por meio das músicas tocadas e cantadas pelos participantes, que, incansavelmente, cumprem a devoção. As músicas dão sentidos para os momentos, a evolução melódica e rítmica cria um ambiente favorável, em que as letras poetizadas comandam as ações gestuais.

Para Benjamim (1987, p. 205), “contar histórias sempre foi a arte de contá-la de novo [...] quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido”. Devido à sua repetição anual, as folias de Santos Reis concebem um ritmo próprio e, a partir da escuta das histórias, promove-se a junção da linguagem mitológica com a linguagem musical. Essa ligação de certa maneira torna possível adquirir, espontaneamente, o dom de narrar as histórias das folias.

As ações rituais desenrolam-se em uma sequência de acontecimentos previsíveis que todos os anos repetem-se e harmonizam-se, propiciando momentos de ensinamentos da fé popular cristã, demarcando, ainda, as temporalidades ritualísticas na paisagem do festejo. O deslocamento dos foliões, cantadores e tocadores, cumpre com a jornada do giro sagrado, que se renova a cada ano.

É possível perceber a sucessão cronológica dos enredos narrados nas melodias da Folia. Os foliões chamam de linha de cantoria ou coluna de versos que tem memorizado. Esses versos servem como apoio, pois cada lugar visitado precisa inserir versos adequados para aquele momento que é único. Na Folia, sempre o Embaixador Guia e o Contraguia têm que criar versos sem perder a linha sequencial. O Embaixador Guia, Elecy Prado, exemplifica

que, quando a Folia chega diante do altar de uma casa onde está presente um casal (proprietários) recepcionando, ele pode começar o verso assim:

*Boa noite minha senhora  
Me diga como está passando  
Na sua casa já chegou  
o que a senhora estava esperando*

Para dar continuidade na linha melódica o Contraguia deve continuar cumprimentando o dono da casa:

*Boa noite meu Senhor  
Como vai a sua família  
Que hoje você tenha uma boa noite  
E amanhã um santo dia*

Muitas vezes o Contraguia não sabe dar seguimento a linha melódica do Guia e acaba respondendo alguma coisa que não tem nada haver. Cabe ao Guia contornar a situação e conduzir da melhor maneira possível o enredo da cantoria, para não perder o fio da narrativa. Para resolver a situação, Contraguia repete o verso do Guia, para não atrapalhar o andamento da melodia que dá forma ao ritual.

Os sons das músicas entoadas, em cada lugar destinado ao ritual da folia criam conexões com o sagrado. A leitura simbólica dos sentidos da fé, do ato de celebrar e contar uma história mescla as narrativas do cotidiano com as histórias míticas dos Reis Magos a caminho de Belém. O conjunto das estruturas da linguagem musical, entrelaçado à linguagem simbólica, dá sentido à Folia, por meio dos sons e dos tons da devoção. A cantoria da Folia mantém um ritmo constante, marcado pela percussão e contornos melódicos que são fixos e criam uma base sonora que sustenta as narrativas das histórias sagradas. A sequência das narrativas tem como base acontecimentos acerca da vida de Jesus que são explicitados na Bíblia. O folião Embaixador tem memorizado essas narrativas que integram o enredo da Folia. Em entrevista realizada no pouso, o senhor Reny explica o texto empregado nos versos cantados diante de um altar que tem presépio:

*Nois começa no dia que Nossa Senhora engravidou, 25 de março. Aí você tem que fazer aquela trajetória, foi pra casa da princesa Isabel, passou três meses, nove meses se passaram o menino no dia 25 nasceu. Bom, sê fez esse trajeto todo que o menino nasceu, aí cê vai fazer a caminhada dos três Reis e fazer a visita pro menino que nasceu. Porque eles não acreditavam que tinha nascido. Rei só acredita no que vê. Eles foi lá pra vê e acreditou que o menino tinha nascido. Aí bom, você fez essa trajetória que o menino nasceu, aí por exemplo você tem que cantar que o menino*

*viveu trinta e três anos e morreu pregado na cruz* (Entrevista concedida em dezembro de 2016).

Depois de explicar o que precisa ser cantado diante do altar que tem presépio, e se tem um crucifixo, por exemplo, o folião declama um verso que pode ser cantado, para ilustrar a morte de Jesus:

*Jesus morreu na cruz na maior judiação  
Tinha três pregos, um no pé e dois nas mão*

Toda trajetória da vida de Jesus é cantada em forma de poesia, dependendo do altar (ilustração 29), pode acontecer de cantar a gravidez de Maria, o nascimento do menino Jesus, a visita dos Reis do Oriente, a morte de Cristo e a ressurreição. Para contar todas as histórias os foliões entoam de vinte e cinco até trinta versos em média.

### **Ilustração 29** — Canto diante do altar que tem presépio



**Fonte:** Banco de dados do Projeto Arte e Saberes nas Manifestações Católicas Populares — dez/2013.

Os sentidos e as emoções instituídos pela palavra, durante os cantos da Folia, promovem o encontro com o divino. A música da folia pode ser comparada aos estudos de Maddock quando diz que ela “se faz presente e concentra as emoções particulares em uma única energia, suficientemente intensa para elevar as experiências partilhadas a um nível de

êxtase” (MADDOCK, 1999, p. 63). A rememoração da natividade fica explicitada na cantoria e marcando a vida dos participantes, torna-se uma condição ideal para deixar aflorar os sentidos da devoção que são criados por meio dos enredos, contidos nas melodias. Esses são responsáveis por dar forma às ações executadas pelos partícipes.

Em uma experiência de fé visível e emocionante, o músico artista e devoto, juntamente com os partícipes ouvintes, revelam a vivência de uma prática simbólica que se estabelece por trocas mútuas entre os tempos e espaços ora sagrados, ora profanos. A música é um veículo que serve para transportar o participante para o outro mundo, por meio das vibrações, provocando um elo comunicante com o insondável. Na Folia dos três Reis do Oriente, “os santos são modelos a serem seguidos na vida terrena e seus representantes legitimam essa condição” (D’ABADIA, 2014, p. 12).

A música é uma linguagem simbólica. Na folia, ela é a via de comunicação entre os sentidos visível e invisível da presença do sagrado, para aqueles que participam como devotos-foliões. Nessa perspectiva, a presença do sagrado efetiva-se por meio de um constructo, traduzido por um pensamento simbólico. Para esse entendimento, Eliade (1992b) infere que essas dimensões sagradas materializam-se por aquilo que ele considera — hierofania. Sacralizar os objetos, espaços e outros é uma ação inerente ao ser humano e precede de uma linguagem racional discursiva. Na Folia, a dimensão sagrada da vida é reencontrada e as músicas executadas nos rituais têm um papel preponderante, pois estruturam os rituais por um ato simbólico.

### **3.2.1 Sentidos das Melodias Sagradas na Folia**

O elo afetivo entre os partícipes da Folia de Reis e o ambiente festivo, pode ser constituído a partir da percepção dos sentidos, conforme compreensão de Tuan (1980) ao pesquisar as relações do homem com o espaço. A audição tem a conotação da passividade ou da receptividade, o que torna as sonoridades presentes nas Foliadas de Santos Reis uma experiência emocional. Porém, tanto o ato de ouvir quanto o ato de cantar e tocar instrumentos musicais também constroem sentidos para aqueles que participam do momento festivo. Os diálogos estabelecidos nos rituais da Folia comunicam e promovem as experiências individuais e coletivas engendradas na paisagem que resultam em uma infinidade de percepções.

A evocação das melodias da Folia soa como prece, orienta os foliões que são viajantes e buscadores, que ao experienciar os sentidos espirituais, alimentam a fé e a devoção, ou melhor,

Os sentidos espirituais são associados à alma, eles se inscrevem na metafísica aberta pela fé profunda, levando a perceber com os órgãos espirituais a marca da presença de deus da qual a sensorialidade profana não saberia prestar contas. Os sentidos espirituais não habitam permanentemente o fiel, eles às vezes intervêm através de intuições fulgurantes que dão acesso a uma realidade sobrenatural marcada pela presença de Deus. Eles formam um sentir da alma próprio a penetrar universos sem comum medida com a dimensão corporal dos outros sentidos (LE BRETON, 2016, p. 17).

Os sentidos espirituais podem ser aflorados no folião que toca o instrumento musical, e ou que canta adaptando e compondo versos no dado presente. As músicas entoadas no ritual da Folia são intuitivas e o devoto ao ouvir atentamente pode internalizar o sentido da mensagem decodificada por meio da melodia. São momentos únicos que podem ou não acontecer, vai depender da predisposição do devoto, das crenças que mantém e da habilidade do folião de Guia em criar o clima propício para à manifestação. A reciprocidade dos participantes e como vivenciam a religiosidade é que estabelecem as ligações afetivas que dá significado para a ação praticada.

As canções entoadas nos rituais da Folia evocam mitos antigos, por meio dos versos cantados pelos foliões que incluem, desde uma compreensão direta, de louvor ou circunstanciais, até os que restringem o alcance da comunicação. A performance dos foliões contém uma multiplicidade de timbres agregados: a voz, os sons dos instrumentos musicais e a paisagem sonora circundante. Para que o ritual resulte nos efeitos desejados, os versos são envoltos em contornos vocais e gestuais, coordenados pela rítmica dos instrumentos, em um andamento intencionado, formando expressões portadoras de sentidos em que o folião individual ou coletivamente é induzido a entrar na mesma frequência.

Descreve-se a música originalmente como a própria extração do som ordenado e periódico do meio turbulento de ruídos. Cantar em conjunto, achar os intervalos musicais que falem como linguagem, afinar as vozes significa entrar em acordo profundo e não visível sobre a intimidade da matéria, produzindo ritualmente contra todo ruído do mundo, um som constante (um único som musical afinado diminui o grau de incerteza no universo, porque insemna nele um princípio de ordem) (WISNIK, 2011, p. 27).

As práticas musicais da Folia constroem paisagens sonoras em que os sons afinados pela cultura é que fazem a música trazer a estabilidade e a familiaridade para aqueles que vivenciam, com devoção, a festividade. A música é invisível e impalpável, porém seus efeitos são tangíveis, pois é o elo comunicante entre o mundo material e o mundo espiritual e invisível.

Furlanetto (2014) entende que o indivíduo plasma a paisagem na qual vive, nela imprimindo os traços da sua presença e das suas atividades práticas e espirituais, do seu modo de habitar e de produzir, de relacionar-se com o sagrado. Os sons, os ruídos, as vozes, a música, todos os elementos sonoros, os sons do meio ambiente e os sons dos homens ou por eles criados, constituem a paisagem sonora. Esses sons entram em diálogo e produzem vibrações que trazem familiaridade para aqueles que participam da paisagem desse meio.

A interação do ser humano com o ambiente caracteriza modos de viver, pensar e agir e, se a cultura e a linguagem definem os modos de existência das pessoas, pode-se inferir que a música também é produto dessa interação. Petrágia (2010) afirma que o fenômeno sonoro e a própria música, presentes nos rituais, ganham uma dimensão que se mostra altamente reveladora das qualidades de um ambiente e dos seres nele inseridos.

A música é uma forma de comunicação cultural, durante a jornada da Folia as melodias entoadas criam uma atmosfera propícia, para que as narrativas míticas sejam externalizadas e vivenciadas pelos participantes. Os versos das narrativas não atuam sozinhos, pois não estão dissociados do ritmo e das harmonias. A voz e os sons não são apenas moldura da palavra, mas atuam como produtores de significados.

A tradição oral é forte e viva. Em Pirenópolis, a tradição se perpetua, a oralidade dá continuidade a esta manifestação que é compartilhada entre seus partícipes e se manifesta na atualidade. A essa atitude ritualística de presença atenta, que tudo percebe e que coloca o ser em prontidão, para agir ou responder às circunstâncias. Os foliões transmitem e recebem informações, expressam sentimentos, comunicam a linguagem dos santos, vivenciam um processo ritual que permitem renovar as forças para dar continuidade à vida cotidiana. Todas as modalidades de expressão estão conjugadas, construindo os sentidos das muitas etapas rituais.

É nesse ambiente performático que se dá tanto a comunicação espiritual quanto social. Os cantos incluem tanto a compreensão direta, de louvor ou circunstanciais, até os que restringem o alcance da comunicação, dentre eles, os pontos fortes. Para que o ritual resulte nos efeitos desejados, os versos são envoltos em contornos vocais e gestuais (LUCA, 2014, p. 151).

Os sentidos da música na Folia constroem os sentidos dos rituais. Enquanto a música com o ritmo, melodia e harmonia são executadas nos rituais da Folia de Santos Reis, aquele que ouve e aquele que canta tem a possibilidade de vivenciar a prática da religiosidade. A linguagem simbólica e a linguagem literal fundem os tempos do festejo, não tem diferença entre o tempo dos Reis e o tempo do folião. A mensagem transmitida por meio dos cantos

contém versos carregados de significados, que soam como prece, ora para interceder, ora para agradecer, ora para pedir, ora para louvar comunicando um modelo de uma vida melhor.

### 3.3 AS FONTES SONORAS DA FOLIA

A música expressa sentimentos e convicções, “o som habita os umbrais da subjetividade. É invisível, não pode ser tocado, mas atinge profunda e fisicamente porquanto é vibração” (SOUZA, 2007, p. 246). Os corpos são sensíveis às vibrações sonoras e têm capacidade para gerá-las e de ser afetados por elas.

Adoum (1985), ao analisar a passagem da Bíblia do Evangelho de São João, no princípio era o Verbo explicita que o Verbo é o som, e que este som está em ressonância com o universo. Uma vez que um som é emitido provoca vibrações, sua evocação traz efeitos naquele que estão sintonizados e tem a propriedade de despertar o que está latente no ser. Assim, cada letra associada a um som pronunciado durante rituais da Folia, tem a capacidade de vibrar dentro e fora daqueles que se propõem a vivenciar a devoção do festejo.

As qualidades sonoras da música podem ser identificadas fisicamente como os parâmetros básicos de som: a altura, a intensidade, a duração e o timbre. A pergunta é: o que faz uma pessoa identificar que esta é uma música de folia e não uma música sacra, por exemplo? E qual o sentido que as músicas cantadas fazem para aqueles que participam? As vozes dos foliões na cantoria e os instrumentos musicais, fazem parte da paisagem musical, onde as sonoridades vibram de maneira tal que podem ser identificadas como música de Folia, podendo ser caracterizadas pelo conjunto musical que permite distinguir de outros acontecimentos.

Ao tratar dos parâmetros de som, Petrágli (2010, p. 25), explica que cada parte física do som desperta algo interno, a altura está relacionada à frequência, aos tons agudos e graves, é o tom que dá identidade ao som. A intensidade tem a ver com o volume, está diretamente relacionado a carga emocional de um som, afetando os sentimentos. A duração é a vida do som no tempo com a possibilidade de ser curto ou longo. E o timbre é a roupagem que o som veste para se manifestar no plano audível.

O conjunto de possibilidades sonoras encontradas na Folia abarca os tons, as intensidades, os timbres, os gestos melódicos, os ritmos, as harmonias, formando uma unidade musical. A Folia integra músicos com habilidades para vários instrumentos musicais, como viola, violão, caixa, pandeiro, acordeom que são imprescindíveis para acompanhar as

cantorias, recheando os espaços festivos de sonoridades. O conjunto sonoro dos instrumentos, aliados ao ritmo das batidas e ao campo harmônico constituem os sons peculiares da manifestação.

Os instrumentos musicais são criações intencionalmente configuradas para produzir sons e ampliar as possibilidades de expressão musical. Na Folia são encontrados instrumentos musicais de percussão, cordas e sopro. Segundo a classificação dos etnomusicólogos, que separa os instrumentos musicais de acordo com a maneira como as vibrações sonoras são emitidas, os instrumentos musicais encontrados na Folia são: membranofones: caixa, pandeiro; idiófono: chocalho (pau do Palhaço); cordofones: viola, violão, cavaquinho e aerófono: acordeom (JEANDOT, 1997).

O conjunto de timbres dos instrumentos musicais e das vozes entoados durante a Folia personalizam as sonoridades do evento festivo, “é a cor do som, vai depender dos materiais utilizados e do modo de produzir o som” (BRITO, 2003, p. 19). O elemento sonoro pelo qual se pode distinguir um instrumento de outro, mesmo que ambos executem igual altura, intensidade e duração, não podem ser descritos, os timbres não podem entrar no papel, pois, só podem ser percebidos pela audição, assim como os outros sons próximos ao local de percepção. Por meio de propagação dos sons, cada instrumento apresenta características diferentes, por isso são tocados de formas diferentes. Os instrumentos musicais podem ser dedilhados, percutidos, sacudidos, soprados.

### 3.3.1 Percussão

Os membranofones são instrumentos com duas bocas, cujo vibrador é uma pele esticada sobre um ressonador onde batem com dois paus. “Os primeiros tambores foram criados há milênios. Os mais simples eram feitos com troncos ocos, nos quais o tocador batia com as mãos, pedaços de madeira ou ossos” (COELHO, 2006, p. 10). Os sons percussivos emitidos pelas caixas — tambores da Folia — marcam o andamento das melodias, compassando ritmicamente os rituais.

Para o caixeiro, Antônio Rita Pereira, a caixa é o guia da Folia, o primeiro sinal, contém o som que avisa para o morador que os foliões estão chegando. Ainda explica a posição do caixeiro no giro: tem que andar ou na frente ou em pareado com a bandeira, cada caixeiro vai em um galho da bandeira no trajeto ritual. Para agradecer mesa é o caixeiro na frente, para tudo o caixeiro é o principal, o mais importante é a caixa (Ilustração 30). O Regente Mário cria um verso para explicar a importância da caixa,

Na chegada da Folia  
A caixa chegou batendo  
Ela veio pra dizer  
Que os três Reis e vem chegando

### Ilustração 30 — Caixeiro da Folia



**Fonte:** Lôbo, Aline, Dez/2016.

Os caixeiros realizam vários toques, os sons que ecoam das caixas têm sentido para aqueles que ouvem: batida da caixa para reunir os foliões para o almoço ou jantar, batidas para juntar os foliões para agradecer a mesa, toques para juntar os foliões perante o altar, toques para finalizar as músicas rituais. Os sinais dados pelas caixas servem como avisos acústicos, são mensagens transmitidas para aqueles que sabem interpretá-las. Malanski (2012), esclarece que quando determinado sinal é reconhecido pela sociedade local e seus visitantes, torna-se um marco sonoro. Tem existência social que materializa demarcando as espacialidades da festa.

Como marca sonora, as duas caixas que acompanham a Folia de Santos Reis, sempre à frente ou ao lado da bandeira, têm a função fundamental de anunciar que o “bando precatório”

está passando no percurso do giro. Na música a caixa apresenta toques diferentes, nos cantos de chegada, de agradecimento de mesa, de tirar esmola, cada música apresenta andamentos e ritmos próprios.

O termo marca sonora deriva de marco e se refere a um som da comunidade que seja único ou que possua determinadas qualidades que o tornem especialmente significativo ou notado pelo povo daquele lugar. Uma vez identificada a marca sonora, é necessário protegê-la porque as marcas sonoras tornam única a vida acústica da comunidade (SCHAFER, 2011, p. 27).

O pandeiro é um membranofone sem caixa de ressonância, é um instrumento muito popular, existe desde a pré-história. São percutidos com a palma da mão e os dedos, preenche as músicas da Folia com toques ritmados. A rítmica afeta o corpo, às emoções, e o pensamento. Rodrigues no curso fundamentado na metodologia de Dalcrose, deixa claro que “dominar o corpo, em todas as suas relações com o espírito e a sensibilidade, é romper as resistências que paralisam o livre desenvolvimento de nossas faculdades de imaginação e criação” (RODRIGUES, s/d, p. 30).

O instrumento musical idiófono na Folia é o pau do palhaço, uma espécie de cajado com um chocalho na ponta, mais que instrumento musical, é ao mesmo tempo um símbolo de proteção, tem a função de defesa, como uma arma para livrar os foliões dos perigos do caminho. O chocalho é feito de tampinha de metal, o palhaço em todo percurso bate o pau no chão, as tampinhas vibram produzindo sons que ajudam a dar o ritmo para as músicas e para o caminhar dos foliões.

Em uma discussão entre os foliões sobre o papel do palhaço na Folia, fica explícito uma função do cajado e a relação do comportamento do palhaço com relação à música

**Mário:** o negócio é o seguinte, se vim uma vaca brava em cima do folião quem tem que resolver é ele, tem que carcar o cacete... Na Vila Propício a vaca veio em cima de nós e ele carcou o cacete.

**José Carlos:** (pergunta) Agora Tiago vem cá, porque que é que o palhaço em lugar que tem presépio, ele não pode entrar?

**Mário:** (responde) Depois que a música terminar.

**Tiago:** Só depois da música.

**Mário:** Depois da música ele pode chegar. Na hora que a música terminar ele pode entrar. Nem no arco ele pode passar. Pode passar não.

**Tiago:** Pode não. Porque ele foi pra matar Jesus. Então ele não pode ir lá ver o altar.

**Mário:** Ele tem que ir depois. (...)

**José Carlos:** Vocês não está entendendo ele vai na frente da bandeira...

**Mário:** Vigiano (Entrevista concedida em dezembro de 2016).

O palhaço ao desempenhar a função utiliza o cajado para auxiliá-lo como instrumento de poder, vai à frente no giro, junto aos caixeiros, abrindo os caminhos, o som das batidas no

chão juntamente com o trepidar das tampinhas acompanhando os sons da caixa formam sonoridades singulares que identificam a chegada da Folia. A música dá os comandos para os participantes, os palhaços obedecem aos comandos de sons e silêncios para que o ritual seja cumprido.

### 3.3.2 As Cordas Musicais

Na Folia a viola não pode faltar, é um instrumento musical muito difundido, encontrado em todas as regiões brasileiras, presente em várias manifestações tradicionais. A viola chega no Brasil junto com os portugueses, desde a catequização dos índios a música foi utilizada como elemento mediador com o sagrado.

Segundo Vilela, não se sabe ao certo quando essa música começou, o fato é que aos poucos ganhou importância singular para o povo brasileiro. Nas viagens dos tropeiros, nas empreitadas das bandeiras, nas festas religiosas, nos mutirões, a música sempre se fez presente com o instrumento acompanhador, a viola, com a tarefa de acompanhar os grupos musicais.

O tocador de viola, o violeiro, vai se tornando uma pessoa importante na comunidade onde vive. É ele quem acompanha os ofícios religiosos que exigem música, como as folias de Reis, do divino e de São Sebastião, as danças de São Gonçalo e de Santa Cruz e as festas profanas que se seguem após o término das ofertas ao sagrado. Tocar viola passa a ser uma atividade de extrema importância, e ao violeiro se atribui um dom divino, um lugar que poucos mortais conseguem alcançar (VILELA, 2005, p. 80).

A “arte de pontear viola” (CORRÊA, 2002) está ligado a proximidade com o sobrenatural, o violeiro é a pessoa que faz o trânsito entre o sagrado e o profano e vice-versa. Antônio Gonçalves de Andrade, folião músico, toca viola desde os dez anos de idade, explica em entrevista que Deus o ensinou a tocar viola, depois que o irmão cedeu o instrumento musical, aprendeu tocando a tocar o instrumento.

O instrumento musical encontrado em maior número na Folia é a viola. A ilustração 31 mostra o Guia e o Ajudante tocando viola e ao mesmo tempo cantando a música. Ainda aparece a cabeça de outra viola com as tarraxas do Contraguia. Algo peculiar entre violeiros é a afinação da viola, Corrêa explica:

Na música tradicional, algumas afinações de viola são encontradas somente em uma região ou apenas entre alguns grupos de violeiros. Outras são bastante conhecidas

por diversos nomes. Na região Centro-Sul, as afinações: Rio-abaixo, Boiadeiro, Cebolão, Natural e Guitarra são as mais difundidas. Uma afinação não é melhor que a outra; trata-se de opção de o violeiro utilizar uma, ou mesmo várias (CORRÊA, 2002, p. 91).

### Ilustração 31 — Foliões tocando Viola



Fonte: Lôbo, Aline, Dez/2016

Em depoimento os foliões violeiros, explicitaram que a afinação mais comum da Folia de Santos Reis de Pirenópolis é a Rio-abaixo<sup>18</sup>. É uma afinação em sol maior, onde o primeiro acorde é aberto, ou seja, sem pressionar nenhuma corda ecoa o tom de sol, na segunda posição faz-se o acorde de dó e na terceira posição o acorde de ré. Uma maneira popular de explicar a tonalidade é chamada de primeira, segunda e terceira. Em uma construção dentro da teoria representa em uma escala o primeiro grau que é a tônica, o quarto grau que é a subdominante e o quinto grau que é a dominante.

O violeiro Tiago, tocador de viola, explica que com a mesma afinação pode-se tocar várias músicas da Folia: *“O som da viola é o mesmo, as posições é as mesmas, não muda. Mas é o jeito, em uma toada, nois põe primeira, segunda e terceira. E no Bendito nois põe*

<sup>18</sup> Dizem que São Gonçalo do Amarante, santo protetor dos violeiros, começou a tocar a viola para chamar as moças não virgens, para ficar do lado dele, para dançar o dia inteiro. Chegava à noite em vez de ir pecar elas iam dormir. E aí o Cramunhão perdendo a clientela dele, começou a tocar a viola também. E ele toca com a afinação do Rio-abaixo. Toda vez que você está no rio, vem a correnteza, não tem ninguém do seu lado, de repente você escutar o som da viola e ver um barquinho descendo rio abaixo sozinho, pode sair correndo que é o Cramunhão tocando ali para te chamar. Conto popular contado pelo violeiro Victor Batista (Entrevista, 27/01/2017).

*primeira, terceira e segunda. Entendeu? Dependendo do Bendito, nois muda.”* A afinação vai facilitar para os violeiros tocar acompanhando as melodias entoadas no repertório da Folia.

Os instrumentos musicais têm um espaço especial nas casas onde são realizados os pousos, normalmente reserva um quarto ou sala para acomodá-los. A ilustração 32 exhibe os foliões antes de começarem a tocar afinando os instrumentos musicais. A afinação é um momento delicado e complexo onde os foliões emitem sons nos respectivos instrumentos sintonizando a frequência sonora. A partir de uma nota referência, dada normalmente pela sanfona, os instrumentos de cordas são ajustados para vibrarem em harmonia.

### **Ilustração 32** — Afinação dos instrumentos musicais



**Fonte:** LÔBO, Aline, Dez/2016.

O violão é um instrumento musical bem difundido e popular no mundo inteiro, tem esse nome devido à semelhança com a viola, porém tem tamanho diferente, um pouco maior. Vilela explica que o violão é um instrumento musical mais novo que a viola, surge somente no século XVIII, ganha lugar por ter afinação em intervalos de quarta que facilita a construção dos acordes e por ter cordas simples e não duplas como a viola, mostrou-se mais funcional no ofício de acompanhador do canto (2013, p. 41). Apresenta também timbre um pouco diferente da viola. Nas entrevistas realizadas com os foliões músicos percebe-se que tanto ao ensinar como aprender o instrumento têm uma linguagem própria. O fazer musical está pautado nas experiências práticas, na educação do exemplo e na imersão nos festejos onde o folião por meio das experiências musicais vai agregando novos conhecimentos. Na

Folia de Santos Reis, no ano de 2016 só teve um violonista, o senhor Antônio, que pela devoção à Santos Reis todos os anos contribui tocando violão.

*Por incrível que pareça, o violão, foi o primeiro instrumento que eu conheci. O meu irmão mais velho que já é finado, comprou um violão antigo. Capaz que vocês nem conheceu, violão de craveira de pau, não tinha tarraxa igual esse não. Aí ele comprou esse violão, aí nós começou, foi crescendo, depois que nós ficamos rapaz foi que conseguimos comprar instrumento melhor. Mas até hoje eu nunca aprendi nada que presta. Todo dia eu toco, todo dia eu pego. Teve uma época que toquei na igreja, pra tocar as músicas da igreja. Aí depois o coral lá cobrindo falta. Folia eu comecei o trabalho com folião de Folia de Reis, com 9 anos de idade, eu que ajudava meu pai. Meu pai era embaixador folião. Ele veio de Minas, lá em Minas ele aprendeu com os tios dele (...) A Folia de Reis eu conheço o fundamento dela. Parece que eu tenho uma devoção assim que tudo que eu peço em nome dos três Reis sempre eu fui atendido, nunca deixei de ser atendido (Entrevista concedida em dezembro de 2016).*

O fazer musical na Folia está associado as tradições, quando a criança se encanta com o instrumento, e se leva jeito, aprende com uma pessoa próxima, como o irmão, o pai, os tios. As músicas na Folia são passadas de geração em geração. Quando o folião entra em contato com o instrumento musical já tem internalizado os toques da Folia, por ser sons familiares acaba reproduzindo os sons com maior rapidez.

Aprender a tocar para a Folia é cumprir com trabalho, é o mesmo que estar a serviço da devoção. Tocar instrumentos musicais são gestos simbólicos que dão ao labor um sentido profundo e próprio. Na Folia, a prática musical coletiva fortalece os vínculos afetivos e o serviço está relacionado desde o sentido penitencial até a perspectiva de lazer e festa.

O cavaquinho é um instrumento musical de origem portuguesa que foi amplamente introduzido na cultura popular. Na Folia sempre aparece um músico que toca cavaquinho. Desempenha importante função no acompanhamento da Folia junto aos instrumentos de cordas. É um instrumento musical menor que o violão e a viola, apresenta sons mais agudos e tem quatro cordas.

Segundo Elecy, “era a rebeca que puxava a música da Folia, porque não existia nem sanfona, nem sanfoneiro na época, na nossa região” (O Ritual Sonoro na Folia de Santos Reis, 2017, 6:57). Explica em entrevista realizada na sua casa como esse instrumento musical de outro tempo, não utilizado atualmente, foi parar na sua mão:

*o filho dele gosta muito de folia, viu meu filho com quatro anos já tocando cavaquinho, e o pai dele antes de morrer emocionou vendo o Tiago cantar e tocar, né, pequenininho. Aí, ele falou que quando ele morresse essa rebeca tinha que ficar na mão de uma pessoa que fosse novo e que fosse dar continuidade na Folia. Como ele não tem nenhum filho, nenhum neto que são tocadores, aí o filho dele presenteou*

*o Tiago com essa rebeca, pra dar continuidade e zelar dela. Isso aqui é uma história, isso aqui foi uma vida (Entrevista concedida em fevereiro 2017).*

A ilustração 33 mostra um instrumento musical tocado nas folias do passado, uma Rabeca que foi confeccionada manualmente a mais de setenta anos atrás, por um folião.

### **Ilustração 33** — Instrumento musical de Folia no passado



**Fonte:** LÔBO, Aline, Fev/2017.

A matéria prima utilizada na confecção da Rabeca é de Guatambu, madeira da Mata Atlântica, e de Baru, árvore do Cerrado. Contém um arco de madeira com fios de crina de cavalo que serve para friccionar as cordas e emitir os sons. O verso a seguir explica o ritual de colher a crina para o instrumento ser tocado durante as Folias de Reis: *“24 de dezembro não pode usar cabelo de cavalo troncho, e nem de mula manca, tem que ser da crina da égua branca”*. Percebe-se o cuidado no tratamento dado aos instrumentos musicais na Folia, não só na preparação para o labor da Folia, como também ao ouvir as músicas da Folia que agradecem os instrumentistas e os instrumentos tanto no arvorar da bandeira quanto no canto da despedida.

As tradições na Folia permanecem na atualidade no que diz respeito ao acompanhamento musical. Enquanto no passado uma Rabeca, construída pelo próprio folião,

serviu para recheiar as paisagens sonoras das Folias, atualmente outros instrumentos suprem a mesma necessidade. O que fica é o conhecimento passado de geração a geração e que tem um caráter repetitivo.

A rabeça como um presente simbólico recebido pelo folião mirim faz manter viva a cada dia os sentidos de se festejar a Folia, os laços que ligam passado e presente são mantidos pelo fazer musical durante o ritual,

a tradição é uma orientação para o passado, justamente porque o passado tem força e influência relevante sobre o curso das ações presentes. A tradição também se reporta ao futuro, ou melhor, indica como organizar o mundo para o tempo futuro, que não é visto como algo distante e separado; ele está diretamente ligado a uma linha contínua que envolve o passado e o presente. Essa linha é a tradição. Ela persiste e é (re)modelada e (re)inventada a cada geração (LUVIZOTTO, 2010, p. 2).

Assim, os instrumentos musicais ajudam a contar a história musical da Folia, fundamentada na tradição em que os mais velhos ensinam os mais novos os ofícios. E os mais novos agregam novas possibilidades de vivências para as manifestações da cultura popular.

### 3.3.3 Sopros

A sanfona, gaita ou acordeom é um instrumento musical aerófono, que soa através de uma coluna de ar posta em vibração, consiste em duas caixas retangulares dispostas em posição vertical ligadas entre si por um fole de cartão plissado.

Sabe-se que as práticas musicais foram muito difundidas desde o período do Brasil colonial, Morais e Caiado cita um relato de viagem de Cadamosto no século XV, “se maravilharam do som duma destas gaitas de foles, que eu fiz tocar um marinheiro meu, e vendo-a vestida de cores, com franjas à roda, pensavam que era um animal vivo, que cantava com diversas vozes” (1986, p. 2). Não se sabe ao certo quando o primeiro acordeom chegou ao Brasil, mas rapidamente foi incorporado aos festejos da Folia. Comumente encontrado nas festas populares, seus sons recheiam o universo festivo de toques singulares que acabam por caracterizar as músicas da Folia.

O sanfoneiro é uma figura indispensável na Folia de Reis, para o giro mais de dois sanfoneiros são convidados para participar, alguns deles são multi-instrumentistas. É um instrumento musical pesado, cansativo para ser carregado em todo percurso do giro. Quando tem sanfoneiro para revezar a função, ao longo do percurso cada hora um toca um pouquinho.

Sua formação é a do aprendizado informal, na prática sabem uma vasta gama de toadas, ritmos, melodias tradicionais.

Valdivino da Costa, sanfoneiro da Folia de Reis relata que a dois anos participa da folia do Mário, toca sanfona desde criança, aprendeu e aprende vendo outras pessoas tocarem e também ouvindo rádio. É instrumentista de Folia a mais de dez anos e explica que cada folia é de um jeito, vai observando e vai variando na sanfona de acordo com os conhecimentos adquiridos.

O rádio a partir da década de 1930, segundo Ferreira (2013) tornou-se um meio de comunicação popular. As transmissões passaram a ser um meio de difusão cultural musical. A música caipira acomodou-se bem ao rádio, Cornélio Pires se sobressaiu nos programas de rádio apresentando músicas regionais e exaltando a cultura do homem do campo. Vilela, deixa claro que “na música o caipira encontra uma maneira particular de perpetuar seus valores, história, cultura” (2013, p. 159).

O folião de Reis que vive na cidade não é apenas um folião, e de resto é igual ao cidadão de raízes urbanas. É diferente em seu cerne, pois a manutenção de alguns valores acaba acarretando uma percepção e um modo de vida diferenciados (VILELA, 2013, p. 157).

Não é possível considerar a música popular brasileira no seu todo sem as sanfonas, pois esta família de instrumentos deixou um legado imensurável para a mesma. Tiago Prado, um rapaz de catorze anos, filho do Embaixador Guia da Folia, também relata como aprendeu a tocar sanfona:

*eu aprendi quando eu tinha sete anos. Ele (pai) tinha uma sanfona do finado João Lobo, que ele deixou pra ele, sabe. Ele pediu e ele deu. Só que ela estava toda esbagaçada, tudo quebrada. Aí ele foi arrumando, arrumou ela, aí ela tava parada, porque ele não toca sanfona. Ele só sabe as posição, só duas, FÁ e a de SOL, sempre a que nós canta. Aí ele não sabia tocar, aí ele falou assim, a primeira de Sol é mais fácil que de FÁ. Só essa aqui, aí foi mostrando a primeira, a segunda e a terceira. Aí ele falou assim, tenta fazer. Aí eu falei assim: Pai deixa eu pegar isso aqui. E ele disse assim você não é grande, ela é grande, pesada. E eu disse, eu sento no sofá. E ele foi na cozinha tava coando um café que ia chegar gente lá em casa. Na hora que ele foi lá na sala eu já estava com ela no colo. Eu peguei ela. Eu comecei nhek, gritando com a bicha, fazendo cócegas, mas não saía nada. Não sabia né, daí eu fui tentando, daí a primeira música que saiu foi o Bendito da Folia. Depois saiu a música de Pirenópolis da Folia do Roque. Essa foi a primeira que saiu (Entrevista concedida em dezembro de 2016).*

A cultura caipira no qual a Folia de Santos Reis se insere, perpetua-se em uma tradição oral em que a transmissão de conhecimentos estão entrelaçados ao universo festivo. São

valores construídos e herdados ao longo do tempo que mantém viva a memória dos antepassados. As músicas caipiras que tem como essência o meio rural, presentifica os costumes e os valores do campo, mesmo que a folia se manifeste na zona urbana tem suas próprias apropriações rítmicas, instrumentos musicais típicos e linguajar característico.

### 3.4 AS VOZES DOS CANTADORES DA FOLIA

Ao observar a Folia é possível perceber que o conjunto dos instrumentos musicais tem a função de acompanhar as vozes dos foliões e recheiar o espaço festivo de sonoridades responsáveis por criar o clima da devoção. Os foliões cantores atuam durante os rituais da Folia a serviço dos Reis do Oriente, as vozes devem estar completamente harmonizadas, porque a voz humana é um dos instrumentos mais expressivos, se propaga através do ar, e o ar é o mais sutil, é o que mais exige a presença do ser. Tudo que tem a voz, para que seja verdadeiro, tem que estar de total verdade com aquilo que está fazendo.

A voz é o instrumento primordial e mais espontâneo da expressividade humana. Só ela é capaz de exteriorizar para o mundo os estados sentimentais que nascem no âmago da alma, mas que, entretanto, permanecem latentes nos recônditos mais profundos do ser. Expressão reveladora de sentimentos, estado físico, ou mental, a voz também é uma marca de presença. No instante em que é emitida, seja por meio de gritos, gemidos ou pronunciada em forma de palavra ela preenche o silêncio e povoa o ar com vibrações sonoras (LEANDRO, 2011, p. 15).

Entoar versos na Folia é um dom, é o mesmo que ter um talento natural para entoar afinado os cantos, harmonizar a voz com os instrumentos musicais, memorizar, perceber a necessidade do momento e inspirar-se para fazer novas rimas, não perder o fio que conduz o enredo e criar sentido para o festejo. Tem gente que já sabe aquele verso porque já acostumou cantá-lo, mas, quando é preciso criar um verso, a inspiração e a criatividade por parte do folião são essenciais. Para cantar na Folia, mais que decorar versos rimados o folião tem que se colocar no seu potencial máximo.

Nos rituais, os foliões se organizam em duas duplas, Embaixador-Guia e ajudante de um lado e Contra Guia e ajudante do outro. As vozes têm a formação de duetos que são organizadas dentro da estrutura melódica. O Embaixador Reny explica a importância e a responsabilidade da sua função *“Eu como eu sou o guia, eu tenho a possibilidade de não deixar perder a trilha. Ele pode remedar ou fazer um verso lá. Eu em um posso errar”* (Entrevista concedida em dezembro de 2016).

O Embaixador direciona os versos, o Contraguia repete ou responde dando continuidade para a melodia. A construção do discurso pode variar, vai depender da linha que o Guia escolher. E os dois ajudantes fazem leitura labial do companheiro de cantoria. Alguns versos, o ajudante tem memorizado, outros são criados na hora, por isso, deve estar atento para captar o enredo do que está sendo cantado.

Segundo um dos ajudantes da Folia: *“Alguma coisa a gente já acha logo, outras já dá um trabalhosinho, mas aí encaixa de novo.”* Na ilustração 34, percebe-se a foliã Abadia, que na Folia tem o papel de ajudar na música, faz a primeira voz e acompanha os versos criados ou pelo Guia ou pelo Contraguia.

**Ilustração 34** — Guia e Ajudante cantando os versos da Folia



Fonte: Ribeiro, 2016

O Embaixador acompanhado pelo ajudante pode, por exemplo, cantar versos com quatro estrofes, repete o primeiro e o segundo verso que são iguais, e repete o terceiro e quarto verso que são iguais. O Contraguia e seu ajudante na sequência mantém a mesma estrutura dos versos, porém dá continuidade à narrativa.

Embaixador e ajudante cantam em dueto:  
 1 Pai Eterno perguntou  
 2 Pai Eterno perguntou

- 3 Com milagre de Maria
- 4 Com milagre de Maria

Contraçua e ajudante em dueto dão continuidade:

- 1 Maria ficou contente
- 1 Maria ficou contente
- 3 Para com seu belo filho
- 4 Para com seu belo filho...

Nesta outra linha os foliões cantam estrofes de oito versos, o Embaixador inicia cantando o primeiro e segundo versos que são diferentes e repetem no terceiro e quarto versos. Em seguida no quinto e sexto versos cantam e repetem formando o sétimo e o oitavo versos. O contraçua dá sequência à narrativa com a mesma estrutura de versos.

Embaixador e ajudante cantam em dueto:

- 1 Os três reis e vem chegando
- 2 Na sua casa chegou
- 3 Os três reis e vem chegando
- 4 Na sua casa chegou
- 5 Veio fazer uma visita
- 6 Jesus Cristo quem mandou
- 7 Veio fazer uma visita
- 8 Jesus Cristo quem mandou

Contraçua e ajudante cantam em dueto:

- 1 Segurou nesta bandeira
- 2 É o nosso pai padroeiro
- 3 Veio fazer uma visita
- 4 Jesus Cristo quem mandou
- 5 Ele mesmo que abençoa
- 6 É o nosso pai padroeiro
- 7 Ele mesmo que abençoa
- 8 É o nosso pai padroeiro

A repetição propicia tempo para a criação de novos versos e também uma maior assimilação tornando o conhecimento mais profundo e mais explícito. A melodia é constituída de frases melódicas, marcada por cadencia rítmica. Muito embora a letra cantada pelo Contraçua seja diferente do Guia, a estrutura melódica é a mesma. Vai se repetindo até que toda a narrativa seja concluída. Outro aspecto a analisar é que a sensação superficial de repetição sonora, dá a ideia de ladainha que é o jeito religioso.

A Folia não apresenta uma forma fixa de cantar os versos. Mesmo que o folião faça a distinção entre aquilo que para ele é o mais diferente no que ele faz. Ao aprofundar a observação da audição das melodias entoadas nos vários momentos da Folia percebe-se a complexidade de variações musicais desse universo festivo. Algo que caracteriza os gêneros musicais desse contexto é a construção, em tempo real, de suas letras. A música está ligada a

uma prática de improviso em que um vasto repertório é selecionado e recriado a cada performance musical dos foliões.

### 3.4.1 Improvisos

Os músicos são familiarizados com as melodias da Folia, a ponto de perceber aquilo que precisa incorporar ao momento que ele está vivenciando. Tem como base o tom da melodia, tem a fórmula rítmica, tem a base da história narrativa a ser contada. Porém, a Folia é cheia de surpresas, de acontecimentos momentâneos que podem ser inseridos na música. As experiências adquiridas nas imersões de Folia em Folia permitem aos músicos criar e recriar novas possibilidades musicais dentro dos modelos musicais já existentes.

Os improvisos estão ligados a presença da pessoa naquele momento, Scarassati afirma que a “improvisação significa prática, no sentido ritual da palavra” (2008, p. 20). A convivência com os instrumentos, as ideias, os tempos e a auto percepção que ele, o folião músico pode ter, do que responde não só a ele, mas aquele ritual. Nas relações entre som e homem busca-se integrar, criar sinergia entre som, composição, instrumento, percepção e recepção.

O tempo da vida social mistura-se ao plano mítico, quando o músico inspirado pelo presente, canta versos com a finalidade de dar passagem de um grupo de pessoas que participam do ritual, para renovação, para o próximo ciclo da vida. A música é um veículo além do tempo e não tem espaço. “O repente é uma poesia cantada e improvisada, na qual as estrofes devem ser criadas no momento do diálogo entre dois cantadores que utilizam violas como acompanhamento instrumental aos versos” (SAUTCHUK, 2014, p. 166).

Segundo Sautchuk, a habilidade de improvisar se baseia principalmente no ritmo poético incorporado a partir das toadas – como são chamadas as melodias em que os versos são cantados. Tem um desenho melódico congruente com a métrica, o ritmo da melodia comporta o ritmo poético, ou seja existe uma fórmula verbal que permite a criação de mensagens novas dentro de padrões rítmicos bem delineados (2014, p. 166).

A música canaliza as emoções, é uma linguagem somente traduzível por si mesma. Cada frase musical só faz sentido se tomada dentro do conjunto. A rima é a porta de entrada do poema. Para lembrar ou criar o que precisa ser cantado, a rima é a chave que faz o poema aparecer. A música viva estabelece relações recíprocas entre o emissor e o receptor da mensagem. A junção entre música, poema, linguagem mítica e devoção constrói os significados das narrativas da Folia.

As músicas da Folia são valiosos recursos pedagógicos que servem para os foliões ensinar valores, normas de conduta, ensinamentos morais que organizam a convivência do grupo. As melodias entoadas são de fácil apreensão, os conteúdos dos versos estão impregnados de ensinamentos implícitos e explícitos que integram as letras e passam a fazer parte da conduta dos participantes.

Os conhecimentos produzidos, trocados e transmitidos no próprio cotidiano de vida e de trabalho, especialmente tratando-se de um grupo de trabalhadores que, autonomamente, organiza, codifica e reproduz um ritual, ao mesmo tempo em que o partilha com diversos outros trabalhadores, no próprio acontecimento da sua auto-reprodução enquanto tradição religiosa e popular (PESSOA, 2005, p. 81).

A música na Folia é um fenômeno essencialmente acústico, não possui presença matéria visível e palpável, ouvir, falar, cantar são fatores preponderantes para os conhecimentos produzidos. A junção entre elemento musical e elemento verbal nos cantos da Folia dão sustentação para a construção de significados para quem canta e para quem ouve atentamente as mensagens improvisadas proferidas por meio dos cânticos durante o giro.

A linguagem musical empregada na Folia é composta por um conjunto de saberes, a articulação entre texto poético e linguagem musical compõe a palavra cantada que é um meio de comunicar e expressar a religiosidade e integrar o grupo em função da devoção aos Santos Reis. As palavras entoadas têm o poder de transmitir a história mítica dos Reis e infundir uma outra realidade para quem vivência com devoção.

A paisagem da Folia é demarcada pelas sonoridades das músicas que cria um ambiente vibratório propício para as experiências de fé e devoção. Cada instrumento musical incluindo a voz pode fazer um som, tem um universo, possui regras, como aprendeu, com quem aprendeu; esse conjunto faz o ritual provocar catarses individuais e coletivas. As linguagens musicais se efetivam, criando caminhos para as manifestações do sagrado, onde a comunicação entre o real, por meio das paisagens; o mítico, por meio da linguagem do mito; e o ideal por meio da vivência simbólica da música estabelecem momentos de separação entre o velho e o novo, promovendo o (re)nascimento uma nova vida para os partícipes.

### **3.4.2 Notas e Acordes da trajetória musical da Folia**

Embaixar uma Folia é o mesmo que conduzir o enredo das músicas em umem uma sequência lógica que dá sentido ao ritual. A música da Embaixada da Folia de Santos Reis

(ilustração 32), inicia com uma introdução em que as violas ponteiam a melodia, e na sequência dá entrada para as vozes. Os sons emitidos pelos instrumentos musicais harmonizam e encaixam com as vozes. A melodia entoada dá sustentação para a mensagem dos versos cantados.

Descreve-se a música originalmente como a própria extração do som ordenado e periódico do meio turbulento dos ruídos. Cantar em conjunto, achar os intervalos musicais que falem como linguagem, afinar as vozes significa entrar em acordo profundo e não visível sobre a intimidade da matéria, produzindo ritualmente, contra todo ruído do mundo, um som constante (um único som musical afinado diminui o grau de incerteza do universo, porque insemina nele o princípio de ordem (WISNIK, 2011, p. 27).

Ao entoar músicas nos rituais da Folia com os instrumentos musicais e também com as vozes, sem saber os foliões produzem uma constante invisível em que o tom melódico, as intensidades, os timbres e as ressonâncias harmônicas trazendo ordem para a paisagem sonora. Wisnik (2011), explica que os sons afinados pela cultura formam notas sucessivas e simultâneas, a música é capaz de rimar a repetição e a diferença, o mesmo e o diverso, o contínuo e o descontínuo. A linguagem musical, que é não verbal, é capaz de atuar no corpo, no intelecto e afetivamente; aliada a linguagem verbal que nomeia coisas visíveis.

As sensações produzidas durante as músicas da Folia atuam nas emoções dos partícipes. São músicas tonais em que os acordes ao serem entoados, “vive a sinergia entre tensão e relaxamento, contração e expansão” (PETRAGLIA. 2010, p.134). Segundo o folião Tiago Prado a maioria das músicas do ritual da Folia de Santos Reis estão na tonalidade de Sol (G) ou de Fá (F).

Assim, trata-se de cantos antigos, herdados e aprendidos que apresentam um traço cultural coletivo advindo da perda de referência de seus criadores com o passar do tempo. Mesmo quando a autoria é perfeitamente identificável, prevalece a conexão estreita entre o talento individual e da criatividade do artista com saberes, fazeres e valores da comunidade em que está inserido (RIOS, 2015, p. 31).

O texto musical segundo Koellreutter (1986), apresenta sentido musical das concatenações sintáticas dos sons, da harmonia, da cadência, dos pontos culminantes, dos trechos e períodos de tensão e afrouxamento, assim como todos elementos expressivos da composição.

O sentido da função musical resulta do contexto, do relacionamento, consciente ou inconsciente, de fatores musicais, antecedentes e consequentes, que devem ser ouvidos e sentidos. Varia entre os conceitos de repouso (tônica) e movimento (subdominante, dominante), afastamento (subdominante) e aproximação (dominante) (KOELLREUTTER, 1986, p. 13).

Os acordes<sup>19</sup> dentro da linguagem musical que acompanham as melodias têm funções variadas, comporta o vocabulário musical, quanto entoados provocam sensações específicas naqueles que ouvem. As duas partituras das ilustrações 35 e 36 estão na tonalidade de Sol (G) maior. A tonalidade de Sol (G) corresponde a tônica que ao ressoar traz sensações específicas, transmite uma sensação de repouso, estabilidade e finalização da música, promovendo a ideia de conclusão. O quinto grau de Sol (G) é Ré (D), forma o acorde dominante, quando entoado transmite uma sensação de instabilidade e tensão. O quarto grau de Sol (G) é Dó (C), considerado acorde subdominante, tem a função de gerar uma sensação de preparação, mas com menor intensidade, podendo migrar tanto para a função dominante (intensificando a tensão) quanto para a tônica (repousando).

As duas melodias da Folia que foram transcritas em forma de partitura, Ilustração 35 — Embaixada da Folia de Santos Reis e Ilustração 36 — Pedido de Esmola para o mendigo, apresentam funções harmônicas simples, mas tem uma estrutura básica que se assemelha ao próprio ritual que tem o ponto de partida, o caminhar, o clímax e a chegada.

As músicas da Folia apresentam a mesma estrutura, demonstra um percurso em que as sensações de repouso, movimento e tensão harmonizam e acompanham a evolução das melodias. Cada música entoada no trajeto da Folia revela a execução de um ritual.

A partitura da ilustração 36 (O Ritual Sonoro na Folia de Santos Reis, 2017, 3:59), representa uma música do giro da Folia de Santos Reis de pedido de esmola. Os foliões entregam a bandeira de Santos Reis para um mendigo sentado na calçada, a situação inusitada requer dos cantadores versos improvisados para adequar a situação. Os versos a esmo são executados em três estrofes com doze versos.

A primeira dupla canta quatro versos, a segunda dupla responde em quatro versos e finaliza encerrando o agradecimento à esmola com quatro versos novamente a primeira dupla. Quatro integrantes participaram da cantoria: Guia tocando viola e criando versos, Ajudante tocando pandeiro e acompanhando com a voz; Contraguia uma mulher criando versos e Ajudante tocando viola e acompanhando com a voz.

---

<sup>19</sup> Três ou mais notas separadas por terças e tocadas simultaneamente formam o acorde ontolo.files.wordpress.com/2012/06/46966959-harmonia-ian-guest-vol-1.pdf (Acessado em 12/04/2017).

Ilustração 35 — Embaixada da Folia de Santos Reis

Embaixada da Folia de Reis em Pirenópolis - GO (2016)

Embaixador: Eley Carlos Ferreira do Prado e Contra-Guia: Francisco

G solo de viola C D7 G

7 C D7 G

13 G Solo Lecy C D7

E Je-sus prá vir no mun-do a nun-ci - a - do ha-vi - a a-nun-ci - a  
Foi o an - jo Ga - bri - e - el que a - vi - sou a Ma-ri - a que a - vi - sou

18 G Solo Chico C D7

do - ha - via e Je-sus prá vir no mun-do a-nun-ci - a - do ha-vi - a a-nun-ci - a  
a Ma-ria Foi o an - jo Ga - bri - e - el que a - vi - sou a Ma-ri - a que a - vi - sou

24 G solo de viola

do ha-via  
a Ma-ria

30

36

Fonte: Ribeiro, 2017.

**Ilustração 36** — Pedido de Esmola para o mendigo

**Folia de Santos Reis da cidade de Pirenópolis (2014)**

sanfona

8

Quem pe - gou nes-sa ban - dei - ra tá sen - ta - do bem no  
 Prá dar a bo - a es - mo - la nun-ca di - ga que per -  
 Deus vos pa - guea bo - aes - mo - la que foi da - da nes - sa

13

chão Quem pe - gou nes-sa ban - dei - ra tá pe - ga - do bem no chão Que ju -  
 deu Prá dar a bo - a es - mo - la nun-ca di - ga que per - deu Lá no  
 hora Deus vos pa - guea bo - aes mo - la que foi da - da nes - sa hora Os três

18

rou os três reis ma - gos é a nos - sain vo ca - ção Que ju - rou os três reis  
 rei - no lá da gló - ria vai ter tu - do queé ra seu lá no rei - no lá da  
 reis do o - ri - en - te tees-pe - ra no reino da glória Os três reis do o - ri -

23

ma - gos é a nos - sain vo ca - ção  
 gló - ria vai ter tu - do queé - ra seu  
 en - te tees - pe - ra no reino da glória

**Fonte:** Ribeiro, 2017

Os instrumentos musicais que acompanharam a música foram: 2 violas de dez cordas, 1 violão, 1 sanfona, 1 pandeiro e 1 caixa. A cantoria foi estruturada com 4 cantores; pergunta e resposta; um dueto na pergunta e outro na resposta; pergunta /Embaixador Guia/agudo, resposta/Embaixador Contraguia/grave; o violão constrói uma terceira voz e compõe um Trio melódico com cada dupla; a sanfona sola com a voz aguda de cada dupla. Apresenta ritmo Binário Composto, com andamento médio de 63 pulsos por minuto; quem cria os versos é Guia, que busca o improvisado olhando para a viola e o Contraguia, olha para o alto buscando a inspiração para o momento.

As músicas da Folia representadas pela partitura podem ser analisadas sob vários aspectos, em um sentido mais amplo pode sugerir o som como objeto em si mesmo, o som como portador de mensagens grupais e o som como portador de mensagens individuais. A harmonia, o ritmo e a melodia na folia constrói conteúdos associados à paisagem encontrada, caracterizando e dando sentido ao ritual da Folia.

## CONCLUSÃO

### **Entre sons e silêncios termina a folia e a vida se renova**

A folia, enquanto manifestação cultural itinerante, tem movimento circular e seu percurso apresenta diferentes paisagens que se modificam, devido ao movimento dos participantes ao longo do trajeto. Entre casas, ruas e chácaras, os foliões promovem ações orquestradas, no sentido de sacralizar os espaços por onde passam, a fim de proporcionar, dentro da ritualidade, momentos de devoção. As paisagens encontradas no caminho da folia compõem as cenas do ritual, e são comunicadas pelas músicas entoadas pelos foliões, que improvisam versos, captando elementos paisagísticos do percurso.

As interações dos participantes da folia com as paisagens itinerantes da cidade, não só dão forma aos lugares percorridos pelo grupo, mas mantêm os laços identitários construídos pelos mesmos. Os sons executados pela Folia de Santos Reis de Pirenópolis, em uma visão ampliada, esculpem nos partícipes um sentimento de pertencimento em que os ancestrais, seus feitos e suas festas tornaram-se os emblemas da sociedade (GIDDENS, 1997). Desse modo, partindo do conceito de cultura como uma construção intersubjetiva, as paisagens da Folia de Santos Reis entrelaçam os fios que formam as teias que constituem o tecido cultural do lugar.

O movimento de migração, ocorrido a partir da metade do século XX, do campo para a cidade, possibilitou o desenvolvimento das práticas festivas da Folia de Santos Reis, ambientadas nas paisagens urbanas de Pirenópolis. Ao migrar, o folião conserva suas tradições e procura desenvolvê-las no novo ambiente, buscando vínculos afetivos com o local. É possível pensar que a música portou-se como um elemento mediador nas folias e em suas relações com as comunidades rurais. O fortalecimento dos vínculos sociais entre os foliões, criados e fortalecidos pelos laços de pertencimento, construídos por meio desses encontros festivos, tem como fundamento a solidariedade entre as pessoas.

No campo da paisagem sonora, a percepção dos diversos sons do ambiente pode afetar comportamentos. De um lugar para outro, as paisagens sonoras modificam-se muito, porém as sonoridades que caracterizam a folia, ligam o rural e o urbano, o antigo e o novo, encontrados nas cantorias do ritual da folia, carregados de significados, constituindo o entendimento que os foliões tem do espaço e da devoção, decodificados por meio das cantorias.

A Folia de Santos Reis tem um ciclo anual e contínuo, em que os arranjos e rearranjos dos festejos são decididos entremeio ao período festivo. A festa é um momento de encontro e extravasamento e desvendar os mistérios nela contidos comporta os sentidos da religiosidade de um povo que é regada a músicas tradicionais que se perpetuam na atualidade, por meio

daqueles que mantêm vivo o modo de fazer, de cantar, de tocar que dá sustentabilidade à vida social. Desta maneira, as pessoas expressam suas devoções, fazem as preces, os agradecimentos e partilham entre si as experiências de fé.

A Folia de Santos Reis de Pirenópolis, que se manifesta tanto na zona rural como na zona urbana, mantém a essência da festa popular, enraizada no passado, porém as interferências da cidade agregam outros modos de fazer folia, tais como: a presença feminina na composição dos músicos e tocadores do grupo, a mistura de ritmos musicais e a troca de experiências musicais entre eles. No compasso da folia, as regras criadas para que os rituais sejam cumpridos constroem sentidos e significados diversos. O ritmo dado à Folia desenvolve faculdades emotivas, desperta a imaginação dos guias que comandam as músicas, cria a possibilidade de expressar as percepções da paisagem em a qual “a narrativa é significativa na medida em que esboça os traços da experiência temporal” (RICOEUR, 2014, p. 57).

As músicas, juntamente com os gestos rituais, vão marcar os momentos de repouso e movimento no giro da folia, permitindo que os partícipes vivenciem a prática da solidariedade e não saiam do ritual. O indivíduo, quando adentra o ritual e assume determinado papel, está buscando a si mesmo, explorando dimensões de suas experiências individuais junto ao coletivo. O tempo do ritual pressupõe o movimento do giro, que tem um começo, um caminhar e uma finalização que resulta, conseqüentemente, em uma transformação.

A folia, reproduzida e (re)inventada no ambiente urbano, é simbolizada pelo desejo de um modo mais simples de vida, é a busca de um paraíso no futuro. As vivências musicais na folia, por parte daqueles que participam efetivamente da música e por parte daqueles que participam como devotos ativos, remete a um tempo fora do tempo, em que passado e presente fundem-se em busca de um futuro estável. Viver o tempo ritual pressupõe reviver um tempo mítico, no qual passado e presente são um só e a duração do tempo tem por finalidade marcar o renascimento de um novo ser manifestado.

Neste contexto, conclui-se que as músicas entoadas durante os trajetos da folia compõem uma musicalidade que tem a capacidade de comunicar incontáveis experiências. Kong (2009) compreende que a música é uma forma única de expressão simbólica, forma esta que permeia todo o giro da Folia de Santos Reis, desempenhando papel fundamental, pois sem música e músicos não há folia. As vozes dos foliões, juntamente com os instrumentos musicais, produzem cantorias que reforçam a ideia do fortalecimento da fé, da proteção e do cumprimento de promessas. A devoção harmoniza o indivíduo pelas melodias e exerce uma influência benéfica sobre os participantes.

A musicalidade produzida nas folias é um som que perpetua em seus múltiplos aspectos e interrelações. Na performática produção da sua sonoridade, o tom, o tempo, o fluxo sonoro e o silêncio produzidos fluem e atuam não só na emoção, mas no ser no mundo de quem vivencia essa tradição cultural. As tramas que envolvem a musicalidade da Folia serviram como um amplo campo de pesquisa e de interação entre as pessoas. Enquanto a essência da folia é mantida, seus sujeitos e seus modos de fazer vão-se entrelaçando, perpetuando as tradições e renovando-as.

A ação dos sons musicais na folia assume temporalidades diversas, traz sentidos múltiplos tanto para quem produz a música, como para aqueles que ouvem e constroem significados múltiplos. As letras proferidas trazem o entendimento da comunicação, deixando claro o que querem expressar, além de estimularem a memória. As rimas constroem as sonoridades, enquanto a metrificação dos versos dá forma ao ritmo, pois sua marcação propicia a sensação de repetição, de movimentos musicais cíclicos que têm função de colocar os partícipes sintonizados. O ritmo é a velocidade que executa uma música, dá o andamento do ritual, envolve os partícipes e coloca-os em uma mesma frequência, que afeta diretamente os batimentos cardíacos. O coração passa a bater na mesma pulsação da música. A harmonia cria o campo emocional, para que a melodia e o ritmo possam ser internalizados e externalizados. A harmonia forma os acordes, sons simultâneos que podem provocar naqueles que escutam estados de alegria, tristeza, aflição e também, no caso da folia, devoção, a harmonia mexe com as emoções, está diretamente ligada aos sentimentos.

A música é algo vivo, ressignifica eventos do passado e abre novas perspectivas. As músicas da folia operam em diferentes segmentos, atuam nos âmbitos social, cultural, educativo e religioso. No âmbito social, agrega os partícipes, a sociabilização que acontece em torno das cantorias reúne pessoas em volta de um mesmo objetivo. No âmbito cultural, produz as heranças passadas de geração em geração. No âmbito educativo, ensina a dominar um instrumento, a cantar, o ato de educar e aprender são significativos para quem os vivencia, também estabelecem relações, hierarquias, ações, criam normas e temporalidades. No âmbito religioso, tem a forma de catequização, de obediência, constrói valores, ética, que induz a estados de concentração, para realizar a prece, juntamente com os atos de agradecer e pedir.

Os conhecimentos interdisciplinares são ferramentas valiosas em busca de compreender a complexidade das relações existentes entre a paisagem, a musicalidade, a devoção das festas populares. A ampliação do campo de estudos dá a possibilidade de se ter um olhar mais apurado sobre o objeto pesquisado. Longe de esgotar o assunto a musicalidade

da Folia de Santos Reis, o tema abre para diversas outras abordagens ainda carentes de estudos, pois não é possível fazer isso em um único trabalho.

A sobrevivência de festas do catolicismo popular na atualidade, como a Folia de Santos Reis entende-se pelo caráter desafiador de se manterem vivas práticas culturais que ainda sobrevivem, mesmo diante das modernidades, das tecnologias e das transformações pelas quais passam as sociedades. Nessas festas religiosas, permanece impregnado um tempo atemporal, envolvendo deslocamentos, encontros, reencontros que dão continuidade às tradições. A fé, a devoção, a arte e a busca de divertimento, para aliviar o fardo do cotidiano, compreendem o sentido real do trabalho. Música é expressão, expressão é movimento. Compreender a música enquanto movimento é ter acesso à arte de buscar compreender a própria vida.

“Viva os três Reis do Oriente  
Viva todas encarnação do altar  
Viva o dono da casa com sua excelente família  
Viva o Alferes da Bandeira e sua nobre Companhia  
Vivam todos que acham louvor nos três Reis da nossa guia”

## REFERÊNCIAS

- ADOUM, Jorge. **A Magia do Verbo ou O Poder das Letras**. Pensamento: São Paulo, 1985.
- AMALFI, Marcello. O diálogo criativo entre o compositor da música de cena e o encenador contemporâneo à luz de uma macro-harmonia. **Revista Aspas** – nº 1 – Anais do Primeiro Seminário de Pesquisas em Andamento do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade de São Paulo, 2011.
- AMARAL, Rita de Cássia. Sentidos da Festa Brasileira. **Revista do Migrante, Travessia**. Publicação do CEM – Ano XI, nº 31, maio-agosto, 1998.
- ANDREOTTI, Giuliana. O senso ético e estético da paisagem. The ethics and aesthetics of the landscape. Trad. Beatriz Helena Furlanetto. **RAÉGA**, Paraná, 24, p. 05-17, 2012. Disponível em: <[www.geografia.ufpr.br/raega/](http://www.geografia.ufpr.br/raega/)>. Acesso em: 09 abr. 2015. 21:37.
- ARRAIS, Tadeu Alencar. **A Produção do Território Goiano**. Goiânia: Editora UFG, 2013.
- BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. 2. ed. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. 8. ed. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2013.
- BARROS, Fernando Passos Cupertino. A Música no Ciclo da festa de Pentecostes na Cidade de Goiás. In: BRITTO, Clovis Carvalho. **Os Sentidos da Devoção**: o Império do Divino na Cidade de Goiás (Séculos XIX e XX). Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2015.
- BENJAMIM, Walter. O Narrador: Considerações sobre a obra de Nicolai Lescov. In: **Obras escolhidas**. Vol. 1. Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaios sobre Literatura e História da Cultura. São Paulo: Brasiliense. 1987. p. 197-221.
- BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Paisagens, tempo e cultura**. 2. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Trad. de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1977.
- BONA, Paschoal. Método Musical. Igal, 1997.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os Mestres da Folga e da Folia**. Vol. II. Campinas/SP, 1983. Disponível em: <[http://www.sitiodarosadosventos.com.br/livro/images/stories/anexos/mestres\\_que\\_me\\_ensinavam.pdf](http://www.sitiodarosadosventos.com.br/livro/images/stories/anexos/mestres_que_me_ensinavam.pdf)>. Acesso em 10 jan. 2016, 20:00.
- \_\_\_\_\_. **De tão longe eu venho vindo**: símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás. Goiânia: Editora da UFG, 2004. 412p.
- \_\_\_\_\_. **Prece e Folia, Festa e Romaria**. Aparecida/SP: Idéias & Letras, 2010.

BRITO, Teca Alencar de. **Música na Educação Infantil**. São Paulo: Peirópolis, 2003. 204 p.

BRITTO, Clovis Carvalho. Entre mascarados, mouros e cristãos: Por uma memória topográfica das cavalhadas no Campo do João Francisco em Goiás. In: **Os Sentidos da Devoção: O Império do Divino na Cidade de Goiás (Séculos XIX e XX)**. BRITTO, Clovis Carvalho; PRADO, Brito do Prado e ROSA, Rafael Lino (Orgs.). Goiânia: Espaço Acadêmico, 2015.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas**. Trad. Heloisa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2003.

CANDIDO, Antônio. **Parceiros do Rio Bonito**. 11 ed, Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 1979.

CANESIN, Maria Tereza e SILVA, Telma Camargo da. **A Folia de reis de Jaraguá**. Goiânia: CECUP, 1983.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. Rio de Janeiro: Ed. Tecnoprint S.A., 1972. 930p

CHAUL, Nasr Fayad. A Identidade Cultural do Goiano. In: **Cerrado/Artigos**. Goiânia, (s/d), mimeo.

COELHO, Raquel. **Música**. São Paulo: Formato Editorial, 2006. 56 p.

CORRÊA, Roberto. **A arte de pontear viola**. 2. ed. Brasília: Viola Correa Produções Artísticas, 2002. 259 p.

COSGROVE, Denis. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 92-123.

CROATTO, José Severino. A descrição do símbolo. In: CROATTO, José Severino. **As ligas da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião**. São Paulo: Paulinas, 2001.

CURADO, João Guilherme da Trindade. **Lagolândia - paisagens de festa e de fé: uma comunidade percebida pelas diversidades**. Goiânia, IESA/UFG. 2011 (Doutorado em Geografia).

D'ABADIA, Maria Idelma Vieira. **Projeto de Pesquisa: Arte e Saberes nas Manifestações Católicas Populares**. Fapeg. Chamada pública 005, 2013.

\_\_\_\_\_. **Diversidade e Identidade Religiosa: Uma leitura espacial dos padroeiros e seus festejos em Muquém, Abadiânia e Trindade – GO**. Jundiá/SP: Paco Editorial, 2014.

D'ABADIA, Maria Idelma, CURADO, João Guilherme da Trindade. A Folia do Divino Espírito Santo em Pirenópolis: vestimentas festivas. Artigo apresentado no IV Simpósio Nacional e I Internacional de História da UEG, 2015.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DICIONÁRIO AURÉLIO. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com>>. Acesso em 01 mar. 2017, 17:03.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. 2. ed. Trad. Joaquim Pereira Netto. São Paulo: Paulus, 1989. 536p.

ELIADE, Mircea. **Mito do Eterno Retorno**. Trad. José A. Ceschim. São Paulo: Mercuryo, 1992a. 175p.

\_\_\_\_\_. **O Sagrado e o Profano**. Trad. Rogério Fernandes São Paulo: Martins Fontes, 1992b.

FERNANDES, Anedmafer Mattos. Paisagem Sonora e o Ensino de Geografia: Quatro Minutos e Trinta e Três Segundos de Leitura do Espaço. **Entre-Lugar**. Dourados - MS, Universidade Federal da Grande Dourados ano 1, nº. 1, 1º semestre de 2010.

FERREIRA, Elton Bruno. **Sonoridades Caipira nas Cidades: A Produção de Cornélio Pires (1929-1930)**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC/SP, 2013. (Mestrado).

FURLANETTO, Beatriz Helena. **Paisagem Sonora do Boi-de-Mamão no Litoral Paranaense: A Face Oculta do Riso**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2014. (Doutorado).

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Trad. Elisete Paes e Lima. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GENNEP, Arnold Van. **Os ritos de passagem: estudos sistemáticos dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc.** Trad. Mariano Ferreira. 2. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011. 184p.

GIDDENS, Anthony. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In: BECK, Ulrich, GIDDENS, Anthony, LASH, Scott. **Modernização Reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1997.

GOMES, Horieste; TEIXEIRA NETO, Antônio. **Geografia Goiás – Tocantins**. Goiânia: UFG, 1993.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Festa, trabalho e Cotidiano. In: JANCSÓ István; KANTOR Iris (Orgs.). **Festa: Cultura & Sociabilidade na América Portuguesa**, volume II. São Paulo: Hucitec/Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp/Imprensa Oficial, 2001.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. 2. Ed. Trad. Laís Teles Benoir São Paulo: Centauro, 2013.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A ed, 2003.

Harmonia: método prático. Disponível em: <<https://ontolo.files.wordpress.com/2012/06/46966959-harmonia-ian-guest-vol-1.pdf>>. Acesso em 12 abr. 2017, 16:50.

HOLLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

IBGE, Censo de 2001. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso 16 set. 2016, 23:40.

IKEDA, Alberto. **Folia de Reis, Sambas do Povo**. São José dos Campos/SP: CECP/ FCCR, 2011. 156 p.

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Dossiê da Festa do Divino Espírito Santo**. Pirenópolis, GO. Brasília: Iphan, 2010.

JAYME, Jarbas. **Esboço Histórico de Pirenópolis**. Goiânia: UFG, 1971, vol. I. 317p.

JEANDOT, Nicole. **Explorando o Universo da Música**. São Paulo: Scipione, 1997. 174 p.

KOELREUTTER, H. J. **Harmonia Funcional: Introdução à Teoria das Funções Harmônicas**. 3. ed. São Paulo: Ricordi, 1986.

KONG, Lily. Cinema, Música e Espaço. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (orgs.). **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica: ciência e conhecimento científico**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1997.

LEANDRO, José Dário. **Da Poesia Épica à moda-de-viola: uma aliança inseparável entre literatura e música**. Brasília: UNB, 2011. (Mestrado).

LE BRETON, David. **Antropologia dos Sentidos**. Trad. Francisco Moras. Petrópolis/ RJ: Vozes, 2016.

LE GOFF, Jacques. **Em busca do tempo sagrado: Tiago de Varazze e a Lenda dourada**. Trad. Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. 288p.

LÔBO, Tereza Caroline. **A singularidade de um lugar festivo: o Reinado de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e o Juizado de São Benedito em Pirenópolis/Goiás**. Goiânia: IESA/UFG, 2006.155f. (Mestrado em Geografia).

\_\_\_\_\_ **Capela do Rio do Peixe em Pirenópolis – Goiás lugar de festa**. Goiânia, IESA/UFG. 2011. 187f. (Doutorado em Geografia).

LUCAS, Glaura. Palavras, sons e uma “penca de ideias”: a dinâmica dos significados em músicas afrodescendentes. In: **Palavra Cantada: Estudos Transdisciplinares**. MATOS,

Cláudia Neiva; MEDEIROS, Fernanda Teixeira de; OLIVEIRA, Leonardo Davino de (Orgs.). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014. p. 143-160.

LUVIZOTTO, CK. **As tradições gaúchas e sua racionalização na modernidade tardia** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 140 p. ISBN 978-85-7983-088-4. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/cq8kr/pdf/luvizotto-9788579830884-06.pdf>>. Acesso em 06 abr. 2017, 22:30.

MADDOCK, Olivea Dewhurst. **A Cura pelo Som**. Técnica de Auto-Ajuda através da Música e da própria Voz. São Paulo: Madras, 1999. 144 p.

MALANSKI, Lawrence Mayer. Marcos Sonoros como Signos Ideológicos. **Revista Geografar**. Curitiba, v.7, n.2, p. 85-100, dez./2012. Disponível em: <[www.ser.ufpr.br/geografar](http://www.ser.ufpr.br/geografar)>. Acesso em 21 jun. 2015, 15:40.

MARTINS, José de Souza. O vôo das andorinhas: migrações temporárias no Brasil. In: MARTINS, José de Souza. **Não há terra para plantar neste verão**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1986.

MATOS, Cláudia Neiva de. Ensaio sobre a Música Brasileira: Mário de Andrade. **Análise Musical**. Santa Catarina. 1 semestre, 2005.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003. 536p.

MENDONÇA, Belkiss S. Carneiro. **A Música em Goiás**. 2. ed. Goiânia: Ed. da Universidade Federal de Goiás, 1981.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O primado da percepção e suas consequências filosóficas**. Trad. Silvio Rosa Filho e Thiago Martins. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

MORAES FILHO, Mello. **Festas e Tradições Populares do Brasil**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1979.

MORAIS, Domingos e CAIADO, José Pedro. **Os Instrumentos musicais e as viagens dos portugueses**. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, Museu de Etnologia, 1986.

MOREYRA, Yara. De Folias, de Reis e de Folia de Reis. **Revista Goiana de Artes**, v. 2, n 4, p.135-172, jul.\dez. 1983.

MOURA, Clóvis. **Dicionário da Escravidão Negra no Brasil**. São Paulo: Editora da USP, 2004.

OLIVEIRA, Eliézer C. “Vivendo sem um Tostão Furado”: O uso Cotidiano do Dinheiro em Goiás (1808 - 1848). **Revista de História Regional**, v 16, p. 602 – 629, 2011.

OTTO, Rudolf. **O Sagrado**: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. Trad. Walter O. Schlupp. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007.

PALACÍN, Luís; MORAES, M. A. Sant'Anna. **História de Goiás**. 6. ed. Goiânia: UCG, 1994.

PEREIRA, Luzimar Paulo. **Os Giros do Sagrado**: um estudo etnográfico sobre as folias em Uruçua MG. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra História. **Revista Brasileira de História**, São Paulo: v. 15, n 29, p 9-27,1995.

PESSOA, Jadir de Moraes. **Saberes em Festa**. Goiânia: Editora da UCG, 2005.

PESSOA, Jadir de Moraes; FÉLIX, Madeleine. **As Viagens dos Reis Magos**. Goiânia: Editora da UCG, 2007.

PETRAGLIA, Marcelo Silveira. **A música e sua relação com o ser humano**. Botucatu: Ouvir Ativo, 2010.

REILY, Suzel Ana. A música e a prática da memória – uma abordagem etnomusicológica. **Revista da Associação Brasileira de Etnomusicologia: Música e Cultura**, vol. 9. 2014. Disponível em: <<http://musicaecultura.abetmusica.org.br>>. Acesso em: 28 fev 2017, 22:50.

RICOEUR, PAUL. **O si-mesmo como outro**. Trad. Ivone C. Beneetti. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2014.

RIOS, Sebastião. **Toadas de Santos Reis em Inhumas – Goiás: Tradição, Circulação e Criação Individual**. Goiânia: Ed. UFG, 2015. 230 p.

RODRIGUES, Iramar E. **A Rítmica de Emile Jaques Dalcrose**: Uma Educação por e para a Música. Uberlândia, MG: Editoração Associação Pró-Música de Uberlândia. Curso de Rítmica Dalcroze do Instituto Dalcroze Genebra-Suíça s/d.

ROSENDAHL, Zeni. **Espaço e Religião**: Uma abordagem Geográfica. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 1996.

ROSSE, Leonardo Pires. "Você mandou eu cantar, na mente que eu não sabia": estruturação formal e camuflagem em um gênero musical camponês do médio Jequitinhonha. **Per musi**, Belo Horizonte, n. 27, jan./jun. 2013.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem à Província de Goiás**. Trad. Regina Régis Junqueira. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia/São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1975.

SANTOS, Milton. **O Trabalho do Geógrafo no Terceiro Mundo**. 4. ed. São Paulo: Editora HUCITEC, 1996.

SAUER, Carl. A Morfologia da Paisagem. In: Corrêa, Roberto Lobato e Rosendahl, Zeni. 2 ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

SAUTCHUK, João Miguel Manzolillo. A palavra, o Verso e o Canto: repente e cordel no Nordeste do Brasil. In: **Palavra Cantada**: Estudos Transdisciplinares. MATOS, Cláudia

Neiva; MEDEIROS, Fernanda Teixeira de; OLIVEIRA, Leonardo Davino de (Orgs.). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014. p. 161-173.

SCARASSATTI, Marco. **Walter Smetak: O Alquimista dos Sons**. São Paulo: Perspectiva: Edições SESC/SP, 2008.

SCHAFER, R. Murray. **A afinação do mundo**. Trad. Marisa Trech Fonterrada. 2ª ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

SCHOENBERG, Arnold. **Harmonia**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

SILVA, Mônica Martins da. **A Festa do Divino: Romanização, Patrimônio & Tradição em Pirenópolis (1890-1988)**. Goiânia: Agepel, 2000.

SILVA, Washington Maciel; QUADROS, Eduardo Gusmão. O Novo Ehos Religioso Contemporâneo: Imbricações entre a Hermenêutica, o Neopragmatismo e a Dessecularização. In: **Revista de História da UEG – Quirinópolis**, v.1, n 5, p 78- 90, 2015.

SOUZA, Ana Guiomar Rêgo. **Paixões em Cena: A Semana Santa na Cidade de Goiás (Século XIX)**. Brasília: UNB/ Instituto de Ciências Humanas, Departamento de História, 2007. 420 f. (Doutorado).

SOUZA, Marina de Mello e. **Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de Rei Congo**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

TERRIN, Aldo Natali. **O rito: antropologia e fenomenologia da ritualidade**. São Paulo: Paullus, 2004.

TINHORÃO, José Ramos. Música das Festas: A Memória Perdida. In: JANCSÓ, Istiván; KANTOS, Iris (Orgs). **Festa: Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa, Volume II**. São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial, 2001. 801-809 p.

TORRES, Marcos Alberto. **A Paisagem Sonora da Ilha dos Valadares: Percepção de memória na construção do espaço**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2009. (Dissertação de Mestrado)

\_\_\_\_\_ Da Paisagem Sonora à Produção Musical: Contribuições geográficas para o estudo da paisagem. **Revista Geografar**, Curitiba: v. 5, n. 1, p. 46-60, jan/jun 2010.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.

TURNER, Victor W. **O Processo Ritual: estrutura e antiestrutura**. Trad. Nancy Campi de Castro e Ricardo A. Rosenbusch. 2. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013.

VIDAL E SOUZA, Candice. A pátria geográfica: sertão e litoral no pensamento social brasileiro. Goiânia: Editora da UFG, 1997.

VILELA, Ivan. **Na Toada da Viola**. Dossiê Brasil Rural: **REVISTA USP**, São Paulo, n. 64, p. 76-85, dez/fev, 2004-2005.

\_\_\_\_\_ **Cantando a própria história:** música caipira e enraizamento. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

WISNIK, José Miguel. **O som e o Sentido.** 2. ed., 8. reim. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

**Arquivo:** Banda Phoenix de Pirenópolis.

### **Entrevistas**

BATISTA, Victor. **Victor Batista:** depoimento [dez. 2016]. Entrevistadora: Aline Santana Lôbo. Pirenópolis, 2016. MP3.

COSTA, Valdomiro. **Valdomiro Costa:** depoimento [dez. 2016]. Entrevistadora: Aline Santana Lôbo. Pirenópolis, 2016. MP3.

FIGUEIREDO, Reni Pedro de. **Reni Pedro de Figueiredo:** depoimento [dez. 2016]. Entrevistadora: Aline Santana Lôbo. Pirenópolis, 2016. MP3.

MARIA, Marlene. **Maria Marlene:** depoimento [dez. 2016]. Entrevistadora: Aline Santana Lôbo. Pirenópolis, 2016. MP3.

Padre Augusto. **Padre Augusto:** depoimento [dez. 2016]. Entrevistadora: Aline Santana Lôbo. Pirenópolis, 2016. MP3.

PEREIRA, Antônio Rita. **Antônio Rita Pereira:** depoimento [dez. 2016]. Entrevistadora: Aline Santana Lôbo. Pirenópolis, 2016. MP3.

PRADO, Elecy Carlos Ferreira do. **Elecy Carlos Ferreira do Prado:** depoimento [dez. 2016]. Entrevistadora: Aline Santana Lôbo. Pirenópolis, 2016. MP3.

PRADO, Tiago Souza Ferreira do. **Tiago Ferreira do Prado:** depoimento [dez. 2016]. Entrevistadora: Aline Santana Lôbo. Pirenópolis, 2016. MP3.

SANTOS, José Carlos Pereira dos. **José Carlos Pereira dos Santos:** depoimento [dez. 2016]. Entrevistadora: Aline Santana Lôbo. Pirenópolis, 2016. MP3.

SANTOS, Mário Vicente dos. **Mário Vicente dos Santos:** depoimento [dez. 2016]. Entrevistadora: Aline Santana Lôbo. Pirenópolis, 2016. MP3.

### **Imagens**

Bando de Dados: Arte e Saberes nas manifestações

COSTA, Rudah. Desenho gráfico em aquarela, 2017.

LÔBO, Aline Santana. Acervo Pessoal, 2016 e 2017.

LÔBO, Tereza Caroline. Acervo Pessoal, 2016.

RIBEIRO, Maria Cristina Campos, 2016.

### **Mapas**

RODRIGUES, Ícaro Felipe Soares

**Partituras**

RIBEIRO, Maria Cristina Campos, 2017.

**Vídeo**

**O RITUAL SONORO NA FOLIA DE SANTOS REIS.** (Brasil, 2017). Direção, Roteiro e Montagem Tadeu Ribeiro. Entrevistados: Mário Vicente dos Santos, Elecy Carlos Ferreira do Prado, Tiago Sousa Ferreira do Prado e Antônia Rodrigues Soares. Documentário. Cor. Som. 9:50

## ANEXO 1

### Oração da consagração

Deus forte, Deus onipotente  
Iluminado pela estrela dos três Reis do Oriente  
Eu peço a voz  
Que consagre esse pão  
Para receber  
o nosso corpo  
A vossa bênção  
E a vossa proteção  
Consagro esse vinho Senhor  
Para que ele na nossa vida  
Reclina todos os pecados  
Que todos os males  
Possa cair pelo chão  
Que esse pão e esse vinho  
Sirva de alimento  
Para o nosso corpo  
Material  
E espiritual  
Segundo a vossa palavra  
Nós acreditamos em vós  
Consagro Senhor  
A minha vida  
Fazei senhor  
Que nós vivemos  
Só para te servir.

(Oração inicial da Folia de Reis, 2017).

## **ANEXO 2**

**DVD: O ritual sonoro na Folia de Santos Reis**